



**UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA**

MIRIAM BARROS DIAS DA SILVA

**A PRESENÇA DOS ESPANHÓIS NO RIO DE JANEIRO:
Uma breve contribuição a partir do associativismo.**

**Niterói
2016**

MIRIAM BARROS DIAS DA SILVA

A PRESENÇA DOS ESPANHÓIS NO RIO DE JANEIRO:

Uma breve contribuição a partir do associativismo.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História do Brasil da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Érica Sarmiento da Silva

Niterói

2016

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universo
Campus Niterói

S586p Silva, Miriam Barros Dias da.

A presença dos espanhóis no Rio de Janeiro:
uma breve contribuição a partir do associativismo / Miriam
Barros Dias da Silva - Niterói, 2016.

153 p. : il.

Bibliografia: p. 141-147

Dissertação apresentada para obtenção do Grau
de Mestre em História - Universidade Salgado de Oliveira,
2016.

Orientador: Dsc. Erica Sarmiento da Silva.

1. Brasil - História. 2. Espanhóis - Rio de Janeiro (RJ) -
História - 1940-1970. 3. Espanhóis - Brasil - História. 4.
Imigrantes - Rio de Janeiro (RJ) - 1940-1970. 5.
Associativismo. 6. Associações, instituições, etc - Rio de
Janeiro (RJ) - História. 7. Movimentos sociais. I. Título. II.
Subtítulo: Uma breve contribuição a partir do
associativismo.

CDD 981

Bibliotecária: Elizabeth Franco Martins CRB 7/4990

MIRIAM BARROS DIAS DA SILVA

**"A PRESENÇA DOS ESPANHÓIS NO RIO DE JANEIRO: UMA BREVE
CONTRIBUIÇÃO A PARTIR DO ASSOCIATIVISMO"**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História do Brasil aprovada no dia 13 de dezembro de 2016 pela banca examinadora, composta pelos professores:



Prof.ª Dr.ª Érica Sarmiento da Silva
Professora do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da
Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof.ª Dr.ª Andrea Telo da Côte
Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF)



Prof.ª Dr.ª Marly de Almeida Gomes Vianna
Professora do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da
Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de cursar o Mestrado em História na Universidade Salgado de Oliveira. Sou a grata a instituição que com o seu programa de bolsas de estudo permite a muitos alunos o acesso, permanência e conclusão do curso em questão. Ao corpo docente, que ao longo desta trajetória tive a oportunidade de conviver e adquirir novos conhecimentos. À minha orientadora, Dra. Érica Sarmiento, agradeço a orientação firme, as correções e a paciência que sempre teve comigo durante estes dois anos. Não poderia ter escolhido melhor profissional para me guiar nos estudos de imigração, um tema que nunca havia estudado, tudo me era desconhecido. Minha estimada professora, hoje reconheço que o pouco que entendo sobre a imigração aprendi com a senhora e, o desejo que tenho é prosseguir com os estudos da imigração.

Agradeço também o apoio e dedicação da minha família: meu esposo Alexandre de Jesus, minha mãe Maria da Glória Barros e meus irmãos Henrique, Rafael, Carlos e Carla e da Pra. Renata Bastos pelas palavras de ânimo e encorajamento. Também gostaria de agradecer o apoio de Vera Lucia Garcia (Assistente Social do Centro Social de Mayores) e Teresa Palazzo Schmitt Filardo (Supervisora da Equipe de Atendimento da Sala de Consultas do Arquivo Nacional) à minha vida acadêmica. O apoio incondicional de todos foi fundamental para que o meu sonho fosse realizado.

RESUMO

A presente dissertação tem como finalidade fazer uma análise da imigração espanhola no Brasil. Para uma melhor delimitação do tempo e espaço, o período histórico pesquisado será o da segunda imigração de massas entre os anos de 1940 a 1970 na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo principal desta pesquisa é contribuir para os estudos do tema da imigração espanhola no Rio de Janeiro e também analisar a importância das redes migratórias na inserção sócio-profissional dos recém-chegados. O segundo objetivo desta pesquisa é analisar a importância e a influência do associativismo étnico em três vertentes: a assistencialista, a política e a cultural.

Palavras-chave: 1. Imigração. 2. Espanhóis. 3. Cadeias migratórias. 4. Associativismo

ABSTRACT

The present dissertation aims to make an analysis of the Spanish immigration in Brazil. For a better delimitation of time and space, the historical period surveyed will be that of the second mass immigration between the years 1940 to 1970 in the city of Rio de Janeiro. The main objective of this research is to contribute to the study of the theme of Spanish immigration to Rio de Janeiro and also to analyze the importance of migratory networks in the socio-professional insertion of newcomers. The second objective of this research is to analyze the importance and the influence of the ethnic associativism in three aspects: the assistentialist, the political and the cultural.

Key words: 1. Immigration. 2. Spanish. 3. Migratory networks. 4. Associativism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 01 – Emigração europeia transoceânica	24
ILUSTRAÇÃO 02 – Distribuição populacional estrangeira no Brasil	32
ILUSTRAÇÃO 03 – Mapa Regiões Autônomas na Espanha	40
ILUSTRAÇÃO 04 – Entrada de imigrantes espanhóis no Brasil	46
ILUSTRAÇÃO 05 – Distribuição de imigrantes espanhóis nos estados brasileiros	47
ILUSTRAÇÃO 06 – Crescimento da população brasileira de 1920 - 1960	59
ILUSTRAÇÃO 07 – Propriedades de estabelecimentos em Rio de Janeiro em 1950	69
ILUSTRAÇÃO 08 – Profissões dos sócios do Hospital Espanhol	87
ILUSTRAÇÃO 09 – Naturalidade dos galegos do Centro Social de Mayores	104

LISTA DE ABREVIATURAS

AN- Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

CODES- Coordenação de Documentos Escritos

CSE- Consejo Superior de Emigración

CSM- Centro Social de Mayores

DEOPS- Departamento Estadual de Ordem Política e Social

DFSP- Departamento Federal de Segurança Pública

FBC- Fundação Brasil Central

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INE- Instituto Nacional de Estatística

JK- Juscelino Kubitschek

LABIMI- Laboratório de Estudos de Imigração

ONU- Organização das Nações Unidas

RJ- Rio de Janeiro

SP- São Paulo

UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF- Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A GRANDE IMIGRAÇÃO NO BRASIL	23
1.1 – A GRANDE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA PARA O RIO DE JANEIRO	36
1.2 – O GOVERNO BRASILEIRO E OS ESPANHÓIS DA SEGUNDA IMIGRAÇÃO	58
CAPÍTULO 2- O ASSOCIATIVISMO ESPANHOL NO RIO DE JANEIRO	74
2.1- O ASSOCIATIVISMO NO BRASIL	74
2.2- IMIGRANTES: IDENTIDADE, GRUPO ÉTNICO E SOLIDARIEDADE	78
2.3 – O ASSOCIATIVISMO ESPANHOL NO RIO DE JANEIRO	84
CAPÍTULO 3- RELATOS DE VIDA DE IMIGRANTES DA SEGUNDA IMIGRAÇÃO DE MASSAS	108
3.1- A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E A IMIGRAÇÃO	108
3.2– O IMIGRANTE ENTRE DOIS MUNDOS	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
BIBLIOGRAFIA	140
FONTES	147
ANEXOS	151

INTRODUÇÃO

É notório que muitos imigrantes chegaram ao Brasil motivados por razões distintas, desde a fuga do serviço militar até a inserção no mercado de trabalho brasileiro por causa da expansão na economia cafeeira. O processo de imigração é classificado em dois ciclos migratórios: o de 1890 a 1930 e o de 1940 a 1970. Dos imigrantes que desembarcaram no Brasil, destacam-se e ocupam as primeiras posições, respectivamente, os portugueses, os italianos e os espanhóis.

É muito comum encontrar muitas pesquisas sobre os imigrantes, durante o primeiro ciclo migratório, porque sempre buscou-se estabelecer uma relação entre eles e algum momento histórico relevante no Brasil. Sendo assim, encontram-se vários trabalhos¹ sobre a atuação do imigrante nas fazendas de café, e a inserção da sua mão-de-obra nessas propriedades foi, em muitos casos, subvencionada pelo Estado, o que contribuiu para despertar um grande interesse em estudar a imigração massiva durante o primeiro ciclo. Para Boris Fausto² tal interesse explica-se tanto pelo período de transição das relações de trabalho nas áreas cafeeiras, com o fim da escravidão, quanto pelo fato da imigração subvencionada ter deixado uma grande quantidade de dados disponíveis às pesquisas. Esta imigração subsidiada, principalmente, em São Paulo, tornou o Brasil um dos mais importantes países receptores da imigração massiva. Para Maria Silva Bassanezi³, São Paulo, atraía muitos imigrantes porque oferecia várias possibilidades de trabalho e até de posse da terra, uma vez que, não utilizada pela produção do café, a mesma serviria para o desenvolvimento de uma lavoura de subsistência.

Segundo Magnus Mornem⁴, durante as guerras napoleônicas cerca de sessenta milhões de europeus cruzaram o oceano Atlântico em direção a outros continentes e, aproximadamente, três milhões de espanhóis vieram para a América Latina. De acordo com Marília D. Klaumann Cánovas,⁵ o destino desejado pelos espanhóis (1890- 1930) não era o Brasil, e sim os territórios das antigas colônias espanholas na América, como a Argentina e o

¹ Ver Boris Fausto, Blanca Sánchez Alonso e Elda González Martínez.

² FAUSTO, Boris. *Imigração e Participação política na Primeira República*. In: Seminário Temático, *Os imigrantes e a política no Brasil*. MG, Caxambu : XVII Encontro Anual da ANPOCS, 22-25 de outubro de 1993.

³ BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. *Migrantes no Brasil da segunda metade do século XIX*. NEPO/Unicamp. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/todos/hist1_4.pdf

⁴ MORNEM, Magnus. *Aventureros y proletários. Los emigrantes em Hispanoamerica*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p.76

⁵ CÁNOVAS, Marília D. Klaumann. *Imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930: protagonistas ou coadjuvantes*. In: *História Hoje: revista eletrônica de História*. ANPUH, vol. 2, n. 6, março de 2005. Disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol2n6/vol2n6.htm> p.9

Uruguai. A autora argumenta que por questões de idioma, seria mais conveniente aos imigrantes espanhóis preferirem os países vizinhos ao Brasil. Porém, a política migratória brasileira estabelecia várias vantagens ao imigrante subsidiado. Por isso, muitos vieram parar em solo brasileiro.

Segundo a Lei 673, de 09 setembro de 1899, o Estado por meio da Agência Oficial custeava o desembarque, o transporte, a alimentação e a hospedagem – durante os oito primeiros dias- conduzindo o imigrante à estação de trem mais próxima à fazenda na qual iria trabalhar. Marília D. Klaumann Cánovas ainda explica que muitos imigrantes espanhóis, instalados em São Paulo, alegavam que foram enganados e solicitavam novas passagens com destino ao Rio Grande do Sul. A frequência dos pedidos levou os funcionários da Secretária de Agricultura a desconfiarem da quantidade de reclamações. Ao analisarem a situação, concluíram que os imigrantes faziam tais reclamações porque estrategicamente queriam se aproximar de alguns países vizinhos do Brasil⁶. Diante disso, compreende-se porque a política de imigração preferia subsidiar a vinda do imigrante e de sua família para o interior paulista, pois a presença dos familiares dificultaria o deslocamento de alguns imigrantes para a Argentina e Uruguai.

Durante alguns anos o primeiro ciclo migratório foi muito valorizado, e as pesquisas sobre a imigração nas áreas rurais deixaram um importante legado para a historiografia brasileira. Mas o segundo ciclo migratório também foi o objeto de interesse de muitos historiadores, que buscaram pesquisar a inserção dos imigrantes não apenas no campo e sim nos grandes centros urbanos. Um bom exemplo é a tese de mestrado de Mary Hesler Mendonça Motta⁷, que associou a imigração urbana no Rio de Janeiro entre 1890-1930, como um deslocamento dos excedentes das zonas cafeeiras para as cidades. Por isso, o Estado precisava continuar subsidiando as passagens, porque necessitava da mão de obra estrangeira nas lavouras.

A pesquisa de Jonas Rafael dos Santos⁸, ao analisar a imigração em Ribeirão Preto, também identificou que muitos imigrantes deixavam as fazendas de café ao término dos contratos de trabalho e, destinavam-se às cidades, onde passavam a atuar nas atividades

⁶ CÁNOVAS, Marília D. Klaumann. *Imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930: protagonistas ou coadjuvantes*. In: *História Hoje: revista eletrônica de História*. ANPUH, vol. 2, n. 6, março de 2005. Disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol2n6/vol2n6.htm> p.9

⁷ MENDONÇA MOTTA, Mary Hesler de. *Imigração e Trabalho Industrial- RJ (1889-1930)*. Tese de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1982

⁸ SANTOS, Jonas Rafael dos. *Imigração e Ascensão Social em Ribeirão Preto entre o final do século XIX e meados do XX*. Unesp- Franca. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_797.pdf

comerciais e indústrias. Segundo Waren Dean⁹, muitos imigrantes investiram em indústrias de mercadorias perecíveis direcionados a uma clientela específica, isto é, outros estrangeiros, pois era muito comum os produtos de origem da terra natal estragarem nas longas viagens pelo Atlântico. Vale mencionar que quase todo o investimento para a indústria veio do capital excedente da cafeicultura.

A tese de Agnaldo de Souza Barbosa analisou a indústria do Calçado em Franca e constatou que os mesmos imigrantes que trabalharam nas lavouras de café, ao se transferirem para os centros urbanos, acumularam recursos suficientes para iniciarem sua atividade industrial. Quando Barbosa verificou cinquenta inventários de indústrias de calçados em Franca entre 1920 e 1990, concluiu que 50% delas foram criadas por imigrantes, sendo 40% italianos, 8% espanhóis e 2% de outras nações. Um exemplo de uma indústria de calçado, criada no Brasil, por imigrantes espanhóis foi a Samello¹⁰. Foi a partir da leitura destes trabalhos que começou a surgir uma curiosidade sobre a presença de imigrantes espanhóis no Rio de Janeiro. Sendo assim, para delimitar o tema da pesquisa no campo espacial pretende-se analisar o universo da comunidade espanhola na cidade Rio de Janeiro no período da segunda imigração de massas (1940- 1970).

Sabe-se que muitos imigrantes chegaram ao Brasil no período em que grandes transformações aconteciam no Rio de Janeiro: o fim da escravidão e a queda da produção cafeeira no Vale do Paraíba, e os primeiros investimentos feitos por eles foram em pequenas lojas como botequins, secos e molhados, armarinhos, hospedarias, restaurantes e etc. Segundo Lená Medeiros de Menezes¹¹, a maioria dos imigrantes espanhóis no Rio de Janeiro, eram da região da Galícia, e há muitos trabalhos sobre a vida destes imigrantes nas zonas rurais e poucos sobre a imigração urbana. Mas, felizmente, existem alguns trabalhos sobre a presença destes imigrantes nas áreas urbanas, e eles serão mencionados de maneira sucinta.

No caso da imigração galega há uma peculiaridade que é a organização familiar camponesa, que em seus minifúndios desenvolvia uma agricultura de subsistência capaz de custear os gastos das viagens. Por isso, muitos galegos não dependeram da política das passagens subvencionadas. Segundo Sarmiento, “A imigração galega, que se baseia numa

⁹ DEAN, Waren. *A industrialização de São Paulo*. SP:Edusp,1971

¹⁰ BARBOSA, Agnaldo de Souza. *Empresário Fabril e Desenvolvimento Econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca: 1920- 1990)*. Tese de Doutorado,Araraquara, UNESP,2004,p.33

¹¹ MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración: achegas sobre a historia entre bastidores. Portugueses e espanhóis como estudo do caso (Rio de Janeiro, 1890-1930)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, Núms. 1 e 2 (2011), p.125-144

imigração espontânea através de laços de parentesco e de cadeias migratórias”¹², sem a participação do Estado, foi colocada em segundo plano. Para a autora, algumas pesquisas realizadas trataram a imigração espontânea como um apêndice da imigração subvencionada, ao invés de enxergá-las como um fenômeno independente. Sabendo que a imigração espontânea gaiega foi baseada nos laços de parentesco e nas cadeias migratórias, se faz necessário compreender qual seria a função das cadeias migratórias, para depois relacioná-la ao processo de imigração massiva.

Segundo Oswaldo Truzzi, antes dos imigrantes europeus cruzarem o Atlântico, eles realizaram pequenos processos migratórios dentro da Europa e formaram uma cultura migratória. Ao cruzarem o oceano e pisarem em solo brasileiro, iniciaram uma emigração em cadeia, que geralmente envolve as famílias. Em 1960, surge o termo cadeia migratória. Para Truzzi, “migrações em cadeia surgem assim como o modo natural de desenvolvimento de um fluxo migratório para aqueles que não são pioneiros, os desbravadores de um novo destino”¹³. Já Samuel Baily ao analisar a imigração italiana na Argentina, definiu a cadeia migratória como contatos pessoais e favores entre familiares, amigos e paesani (conterrâneos de uma mesma aldeia) presentes nas sociedades de origem e nas de recepção¹⁴.

Um processo característico das imigrações em cadeia é que primeiro o chefe da família vai sozinho para a sociedade de destino, e depois envia informações e recursos para trazer os seus familiares.

As redes migratórias, assim como a inserção sócio-profissional dos emigrantes no Rio de Janeiro estão associadas com os pioneiros, com as oportunidades que oferecerem os primeiros emigrantes aos recém-chegado e às tradições migratórias mantidas ao longo do segunda metade do XIX e durante o século XX¹⁵.

De acordo com Truzzi, essa rede social dos imigrantes contribui para a existência de redes migratórias com fluxos contínuos, mesmo quando elas deveriam diminuir. Ele afirma que as redes migratórias se auto-sustentam devido ao *efeito estoque*, isto é, o imigrante incentiva, facilita e financia a vinda de seus familiares e amigos às sociedades de destino. Entende-se que é indiscutível a importância dessas redes.

¹² SARMIENTO, Erica da Silva. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.7

¹³ TRUZZI, Oswaldo. *Redes em processos migratórios*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, volume 20, n.1. Junho de 2008, p.201

¹⁴ BAILY, Samuel S. *La cadena migratoria de los italianos en la Argentina*. In : DEVOTO, Fernando. *La inmigración italiana en la Argentina*. Buenos Aires, Biblos, 1985, p.47

¹⁵ SARMIENTO, Erica da Silva. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.453

Para Lená Medeiros de Menezes, muitos êxitos deram visibilidade na história vivida e recontada sobre a imigração, enquanto os fracassos daqueles que não tinham nenhuma ajuda de uma rede de solidariedade eram desprezados e caíam no esquecimento¹⁶. Mas quando se vai pesquisar a história da imigração, tanto os sucessos quanto os fracassos fazem parte deste processo, portanto, nada deve ser desprezado.

Diante do quadro exposto, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as causas da imigração massiva espanhola entre 1940 e 1970, e averiguar a importância do associativismo étnico na cidade do Rio de Janeiro. Para tal buscou-se identificar as causas da imigração espanhola e a importância das redes migratórias na vida do imigrante, além de analisar a influência política e ideológica do associativismo espanhol. A hipótese é que o associativismo espanhol revela a presença dos imigrantes na cidade do Rio de Janeiro e uma memória coletiva.

De acordo com Pierre Nora, a memória e a história estão longe de serem sinônimos, porque uma se opõe à outra. Nora explica que a memória é a vida carregada por grupos vivos e que está sempre em evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, vulnerável a manipulações, enquanto a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente e a história é uma representação do passado que necessita da memória”¹⁷.

É preciso aprender mais sobre a história dos espanhóis no Rio de Janeiro e para conhecer algumas experiências vividas por estes imigrantes, foram realizadas dezesseis entrevistas com: três espanhóis, doze espanholas e uma brasileira que é assistente social da Casa de Espanha do Rio de Janeiro e coordenadora do *Centro Social de Mayores* desde 2010. A História Oral é um método em que os depoimentos pessoais são gravados, e a sua principal finalidade é criar uma fonte histórica. Segundo Aspásia Camargo, é um documento que se pode usar da mesma maneira que se usa uma notícia do jornal¹⁸. Os depoimentos pessoais gravados, tornaram-se documentos históricos importantes para qualquer pesquisa, pois nas palavras de Maria Isaura Queiroz,

¹⁶ MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración: achegas sobre a historia entre bastidores. Portugueses e espanhóis como estudo do caso (Rio de Janeiro, 1890-1930)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, Núms. 1 e 2 (2011), p.127

¹⁷ NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos Lugares. Projeto História. SP:PUC-SP. N.10, 1993, p.9

¹⁸ CAMARDO, Aspásia. *História oral e política*. In: FERREIRA, M. (Org). *História Oral e multidisciplinaridade*. RJ:CPDOC/FINEP, 1994,p.78

As histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem-se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam a elucidações de determinadas questões e funcionam também como provas¹⁹.

A partir das entrevistas seria possível estabelecer uma comparação entre os aspectos semelhantes e divergentes, para evidenciar não uma memória individual, e sim, uma memória coletiva. Todos os entrevistados após fornecerem os seus dados pessoais (nome, data de nascimento, lugar de origem) responderam as seguintes perguntas: Como era a sua vida e a da sua família na Espanha? O que você recorda do período do franquismo? O que motivou a sua imigração? Por que escolheu o Brasil como sociedade de destino? Em que data você desembarcou no Brasil? Qual foi a sua maior dificuldade no período de adaptação? Assim que chegou ao Brasil, aonde foi morar e trabalhar? Teve algum problema com o governo brasileiro durante o regime militar? Como constituiu família no Brasil? Quais elementos da cultura espanhola você preservou mesmo morando no Brasil? Já participou de alguma associação étnica? Como ficou sabendo do *Centro Social de Mayores*? Quais são as atividades escolhidas por ele no CSM? Quantas vezes já viajou à Espanha desde quando imigrou para o Brasil? Você recebe alguma ajuda do governo espanhol? Você tem vontade de voltar a morar na Espanha?

Por meio da História Oral, pretende-se relatar a história do cotidiano e a experiência individual de cada imigrante entrevistado no *Centro Social de Mayores*. O que se almeja é identificar nas lembranças individuais os fatos mais repetitivos, buscando uma base comum em cada história e em cada memória: o modo de pensar, de sentir, as semelhanças entre os motivos que o levaram a imigrar, o período de adaptação, as relações sociais e a vida na cidade do Rio de Janeiro. A fonte oral tem como suporte as lembranças que ajudam a reconstruir um passado recente, a partir de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato. A Nova História está preocupada com a grande massa de anônimos, onde o indivíduo comum e desconhecido pode ser o portador de conhecimentos mais amplos e complexos de uma sociedade²⁰. E esta seria a maior potencialidade deste tipo de fonte, resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico, pois ele experimentou e vivenciou fatos ocorridos no passado.

¹⁹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: FFLCH, Centro de Estudos Rurais e Urbanos- CERU, 1983

²⁰ BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história. Da escolha do tema ao quadro teórico*. 6ª ed. RJ: Vozes, 2010

Além das fontes orais, também serão utilizados os prontuários de registros de estrangeiros - Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras do Rio de Janeiro, os fichários de nº 177 até 216, sob a responsabilidade da Coordenação de Documentos Escritos (CODES) situada no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Em 1946, com o decreto-lei nº 8805, houve a divisão do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP), que englobava a Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras e, nesse contexto, surgiu o Serviço de Registro de Estrangeiro. Nestes prontuários, encontram-se os dados pessoais dos imigrantes – nome, nacionalidade, profissão, data de chegada ao Brasil, uma foto, o requerimento para o registro, o número de Serviço de Registro de Estrangeiro, Registro Temporário, Registro de Estrangeiro e Nominal Força Tarefa- que chegaram ao Brasil no período entre 1939 e 1986. Alguns problemas surgiram quando o acesso à esta fonte foi concedido: o primeiro foi o fato dos prontuários não estarem separados por décadas e nem por nacionalidades e, o segundo foi a quantidade encontrada, cerca de 1 milhão e 300 mil prontuários. Para averiguar todos eles, seria necessário a disponibilidade de um tempo maior e o curso de mestrado tem a duração de dois anos. Então, foi cogitada a possibilidade de descartar esta fonte, porque não seria possível apresentar valores quantitativos.

Mas a leitura de algumas obras²¹, nas quais os pesquisadores preferiram realizar seus estudos baseados numa perspectiva qualitativa serviram de apoio metodológico para esta pesquisa e, trouxe uma nova possibilidade de utilizar os prontuários situados no Arquivo Nacional. Com a notícia que, atualmente, alguns imigrantes do segundo ciclo imigratório fazem parte do programa *Centro Social de Mayores* da Casa de Espanha no Rio de Janeiro, foi possível relacionar os prontuários com mais dois tipos de fontes: as fichas de cadastros do CSM e as 16 entrevistas.

O uso dos prontuários de registro de estrangeiros somados as fichas de cadastros serviram para preencher algumas lacunas, como o fato de muitos documentos encontrados no Arquivo Nacional não mencionarem o lugar de origem dos imigrantes, apenas a nacionalidade, uma informação preciosa que pode ser encontrada nas fichas de cadastros do CSM. Uma outra situação foi que muitos espanhóis não lembravam a data que chegaram ao país, e por causa dos prontuários foi possível descobrir quando os entrevistados desembarcaram em solo brasileiro. Em relação ao uso das fontes orais, o objetivo foi, sempre que possível, inserir as experiências individuais dentro de um contexto social, para isso, as entrevistas foram relacionadas com as referências bibliográficas de imigração. Logo, a fonte

²¹ Pesquisadores: Avelina Martínez Gallego (1995), Célia Maria Leal Braga (1995) e Érica Sarmiento (2006).

oral será usada dentro de um ponto de vista qualitativo e não quantitativo, pois, inicialmente, não há pretensão de construir uma pesquisa focada nos perfis biográficos²², e sim ressaltar a importância do associativismo e suas relações sociais na vida destes imigrantes e na sociedade carioca. Através da análise dos processos migratórios, o que se deseja é evidenciar uma história comum entre todos eles: os traços culturais e a maneira como reconstruíram a sua cultura na sociedade receptora.

No primeiro capítulo serão abordados, sucintamente, as causas da imigração espanhola- os fatores de expulsão e os de atração- durante o dois ciclos de imigração massiva e, como foi a adaptação e a inserção sócio-profissional dos imigrantes no Rio de Janeiro. Será utilizada como base metodológica uma bibliografia de imigração como a obra de Fernando Devoto²³ que analisou o processo na Argentina durante o século XIX e XX, apresentado os fatores essenciais para se entender a imigração em massa no país. Embora a ênfase da sua pesquisa fosse o caso argentino, o autor apresenta vários elementos centrais bastante comuns em qualquer processo migratório como os fatores de expulsão da terra natal e os de atração da sociedade receptora.

E quais teriam sido os fatores de expulsão e de atração da imigração espanhola entre 1880 e 1930? Para responder a esta pergunta, será importante a obra de Blanca Sánchez Alonso que explica as causas da imigração espanhola no período mencionado e, ainda, apresenta uma reflexão sobre a atuação dos agentes da imigração, que ela denomina como “*ganchos*”. Para compreender as causas da imigração durante o segundo ciclo migratório, usaremos uma bibliografia sobre Guerra Civil espanhola (1936-1939) que aconteceu durante a expansão das doutrinas totalitárias na Europa, e sobre o franquismo. O sofrimento da população espanhola foi tão grande, que muitos decidiram partir para outros países entre 1940-1970²⁴.

É importante mencionar também o papel das cadeias migratórias, que na visão de Oswaldo Truzzi, atuava como facilitadora da difusão de informações, do pagamento das

²² A pesquisa não irá apresentar o perfil (nome, endereço, cor, idade, sexo, profissão e nível de renda) de todos cadastrados no programa do CSM da Casa de Espanha, pois isso necessitaria de uma autorização individual, pois muitos ainda encontram-se vivos e não podemos dizer que todos dariam tal consentimento. Segundo Truzzi, não são atributos individuais de cada imigrante o aspecto mais importante nos fluxos migratórios e sim as relações estabelecidas por eles dentro de uma rede social.

²³ DEVOTO, Fernando. *Historia de la Inmigración em La Argentina*. 1ª edição, Buenos Aires:Editorial Sudamericana, 2003

²⁴ CORTÁZAR, Fernando García; VESGA, José Manuel González. *Historia de España: Breve Historia de España*. Alianza Editorial, Madrid, 1993,p.578

passagens e de acomodações, além de orientar a inserção profissional dos recém-chegados²⁵. A imigração temporária era considerada positiva, mas a definitiva era considerada nociva para a pátria. Cristóbal Botella afirma que os deveres para com a nação deveriam estar à frente dos direitos individuais²⁶.

Para obter maiores informações sobre os imigrantes no Rio de Janeiro, especialmente os espanhóis, um dos poucos trabalhos que discutem o tema é o de Érica Sarmiento²⁷. A autora analisa a presença galega no Rio de Janeiro de 1850 até 1970, buscando compreender quais seriam as causas da “invisibilidade galega” na historiografia brasileira.

Uma das pioneiras em estudos sobre a imigração no Brasil é Lená Medeiros de Menezes, que verificou os casos de expulsão de estrangeiros. Embora não tenha se especializado, exclusivamente, em espanhóis, suas obras são de muita valia às pesquisas migratórias, porque a autora trabalha com diversos grupos étnicos. Em uma de suas pesquisas, a autora analisou a presença de imigrantes: portugueses e espanhóis que andavam pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro entre 1890 e 1930. Sua pesquisa apontou informações valiosas quanto às características gerais destes imigrantes (faixa etária de idade e locais de trabalho) que perambulavam pela cidade carioca²⁸.

Através da obra de Elda Gonzalez Martínez²⁹ foi possível compreender a política de colonização no Brasil, especialmente no estado de São Paulo. As colônias eram instituídas em locais aonde a terra era considerada inapta ao cultivo do café e da cana de açúcar, mas elas deveriam estar próximas aos centros urbanos. E foi por meio desta política de colonização que o governo brasileiro promoveu a ocupação de alguns espaços vazios.

O segundo capítulo abordará a coletividade e a importância social e política das associações étnicas. O que se pretende é esclarecer que o associativismo não foi apenas uma forma de preservar a cultura espanhola, mas também um espaço aonde os imigrantes poderiam atuar politicamente tanto na sociedade de origem quanto na de recepção.

²⁵ Truzzi, Oswaldo. *Redes em processos migratórios*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, volume 20, n.1. Junho de 2008, p.199-218

²⁶ BOTELLA, Cristóbal de. *El problema de la emigración*. Madrid, 1888. Disponível em www.biblioteca digital.jcyl.es/i18n/catalogo_imagenes/grupo.cmd?path=10074549 Acessado em 26 de julho de 2015

²⁷ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006

²⁸ MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración: achegas sobre a historia entre bastidores: portugueses e espanhóis como estudo de caso (Rio de Janeiro, 1890-1930)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p.125-144

²⁹ MARTÍNEZ, Elda Gonzalez. *La Inmigración esperada: la política migratoria brasileña desde João VI hasta Getúlio Vargas*. Biblioteca de História de América: 28. Consejo Superior de Investigaciones (CSIC), Madrid, 2003

Embora a ênfase seja o associativismo espanhol no Rio de Janeiro, para ampliar os conhecimentos sobre o tema também será comentada a presença dos espanhóis no Estado de São Paulo durante a Guerra Civil Espanhola (1936 e 1946). Ismara Izepe conseguiu identificar diversos problemas políticos e econômicos enfrentados pela comunidade espanhola, e esclareceu quais foram os argumentos políticos utilizados pelo governo para vigiar, acusar, prender, condenar e expulsar muitos estrangeiros do Brasil. Ela apresenta a “lógica policial “ durante a Era Vargas, que serviu não apenas para expulsar imigrantes como também fechar várias associações espanholas para garantir a “saúde do corpo social do país”³⁰.

Segundo Vitor Manuel M. Fonseca, o associativismo é uma entidade organizada de indivíduos submetidos a um conjunto de regras reconhecidas e por eles compartilhadas. E muitas dessas associações, teriam propiciado espaços para que se deliberasse um espírito crítico sobre questões de interesse comum ao ponto de favorecer a formação de uma opinião pública e a institucionalização da esfera pública³¹.

É importante estabelecer um debate sobre o associativismo galego no Rio de Janeiro, não só como forma de preservar a cultura espanhola, mas também como um instrumento de reflexão política, que envolve tanto a sociedade de origem quanto a sociedade de recepção.

Pouco se sabe sobre associativismo galego no Rio de Janeiro, e uma das causas que limita a pesquisa é a ausência de fontes escritas e orais. Segundo Sarmiento, o associativismo se resumiu ao Centro Galego criado entre 1899 e 1900, e os líderes desta instituição eram homens com notoriedade dentro da comunidade galega, e com uma estável situação econômica. A função destes líderes era garantir o progresso e o prestígio social da comunidade étnica, além de promover a união do grupo, realizar festas, reuniões e atuar em prol das necessidades dos imigrantes. Sendo que muitos líderes tiravam proveito de serem sócios de outra associação- o Hospital Espanhol criado em 1869- para se projetarem socialmente e se transformarem em representantes da comunidade galega³².

Para Nadia Andrea de Cristóforis, por muito tempo estudou-se o associativismo focando no impacto ideológico e material destas instituições na sociedade galega, deixando

³⁰ SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)*.SP: Associação Ediatorial Humanitas, Fapesp, 2005,p.138

³¹ FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis: Associativismo no RJ 1903-1916*. RJ: Arquivo Nacional, Niterói Muiraquitã, 2008, p.15-19

³² SARMIENTO, Erica da Silva. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela,2006,p.460-461

um vazio, pois não estudaram os impactos destas associações nas sociedades de recepção³³. Portanto, ainda falta conhecer melhor estas entidades no marco das sociedades de destino, onde surgiram e se desenvolveram.

No Rio de Janeiro, o associativismo galego estava vinculado ao governo espanhol. E as associações eram importantes porque construíram as redes de solidariedade, que a priori serviram para orientar e ajudar o imigrante. Estes espaços de solidariedade atuavam, principalmente, como instrumento para manter o grupo unido e defender o espaço galego dentro do mercado de trabalho, pois os portugueses, italianos, brasileiros e ex-escravos eram seus concorrentes. Os galegos que participaram no associativismo eram os trabalhadores do setor terciário como o de hotelarias. Segundo Érica Sarmiento, no começo do século XX, entre os galegos não havia uma numerosa coletividade intelectual com aspirações políticas, e com a dispersão do grupo pelos bairros do Rio de Janeiro, não promoveram uma projeção social.³⁴ Mas durante a Era Vargas, muitas associações étnicas passaram a ser vigiadas pelo Estado, e aquelas consideradas “perigosas” à ordem pública tiveram as suas portas fechadas, como aconteceu com o Centro Galego.

Já o terceiro capítulo, inicialmente, abordará os relatos dos entrevistados sobre a Guerra Civil espanhola, as causas da imigração, o período de adaptação destes imigrantes e como eles reconstruíram as suas vidas no Rio de Janeiro. Para isto, usaremos uma bibliografia sobre a Guerra Civil e as entrevistas realizadas.

Segundo Jacques Le Goff, a memória está ligada a vida social e varia em função da presença ou da ausência da escrita. É justamente para conhecer os acontecimentos do passado, que se produz diversos tipos de documento, e assim, se faz a história. Le Goff afirma que a memória é uma propriedade na qual o indivíduo conserva algumas informações, pois possui um “conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”³⁵.

Para Nora, os lugares de memória se configuram a espaços onde uma ritualização de uma memória pode ressuscitar a lembrança. Nestes lugares de memória, a imaginação investe de uma áurea simbólica, um objeto de um ritual, que expressam comportamentos, atitudes, ideias e sentimentos que lembra a um determinado grupo o elemento semelhante entre os

³³ CRISTÓFORIS, Nadia Andrea de. *A recreación dos vínculos coa terra de orixe: o caso dos emigrantes de Vedra en Bos Aires*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, Núms. 1 e 2 (2011), p.20

³⁴ SARMIENTO, Erica da Silva. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.462

³⁵ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. SP: Unicamp, 2003

membros³⁶. Até mesmo a alimentação pode ser inserida na memória, pois desde pequenos os indivíduos aprendem, geralmente, através da mãe a comer determinados alimentos. Segundo Dolores Conner, esse gosto é passado entre as gerações e muitos imigrantes, mesmo distante de seus países de origem, não esquecem alguns hábitos alimentares enraizados, e levam para outras regiões os pratos típicos de sua terra natal³⁷.

³⁶ NORA, Pierre. Entre memória e História. A problemática dos Lugares. Projeto História. SP:PUC-SP. N.10, 1993

³⁷ CONER, Dolores Matin Rodriguez. *Da fome à gastronomia: Os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)*. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP, 2011

CAPÍTULO 1- A GRANDE IMIGRAÇÃO NO BRASIL.

Entre 1820 e 1924, o continente americano tornou-se o destino de mais de 55 milhões de europeus e, muitos podem dizer que a imigração está relacionada às alterações que modificaram a economia mundial no final do século XVIII, mas é bom ressaltar que ela não começou neste momento, e sim há muito tempo atrás porque a imigração européia começara dentro do próprio continente, onde os imigrantes partiam de um país para o outro e posteriormente, começaram a navegar pelo oceano Atlântico e chegaram à América. É importante mencionar que no período anterior ao século XIX, não havia a preocupação de se registrar quem saía ou quem entrava na Europa, e os dados disponíveis aos pesquisadores foram obtidos através de “censos nacionais”. Era muito comum a prática de contar, periodicamente, o número de habitantes, para que houvesse um controle sobre os tributos. Somando estes dados, mais os das taxas de natalidade e de mortalidade, era possível calcular quantos europeus migraram de uma região. Somente a partir do século XIX, é que os primeiros dados quantitativos da imigração européia começaram a ser registrados pelos países europeus: a Inglaterra registra as saídas dos que decidiam imigrar em 1815; Portugal começou a documentar os dados informativos desde 1855; a Itália em 1876 e a Espanha a partir de 1822. Tais registros eram feitos, geralmente, nos portos na hora do embarque ou desembarque dos passageiros³⁸.

Embora a imigração seja um fenômeno europeu, ela acontece de maneira diferenciada em cada uma das nações da Europa. É muito comum associar a imigração às nações em que o processo de desenvolvimento encontrava-se em atraso, mas, nota-se que países fortemente industrializados, como a Inglaterra e a França, já participavam, respectivamente, deste fenômeno europeu com maior ou menor intensidade. De acordo com a Tabela 1, a França teve uma participação bastante pequena no processo migratório, e um dos motivos teria sido o envelhecimento prematuro da sua população, porque na metade do século XIX, as famílias francesas tiveram menos filhos, por isso durante um tempo a população era majoritariamente idosa. Diante disso, compreende-se porque na França não houve um considerável fluxo migratório para a América.

³⁸ DEVOTO, Fernando. *Historia de la Inmigración en la Argentina*. 1ª edição, Buenos Aires:Editorial Sudamericana,2003,p.45-48

Tabela 1: Emigração europeia transoceânica - por cada 1.000 habitantes.

	1851- 1860	1861- 1870	1871- 1880	1881- 1890	1891- 1900	1901- 1910	1913
Irlanda	14,0	14,6	6,6	14,2	8,9	7,0	6,8
Noruega	2,4	5,8	4,7	9,5	4,5	8,3	4,2
Escócia	5,0	4,6	4,7	7,1	4,4	9,9	14,4
Itália			1,1	3,4	5,0	10,8	16,3
Inglaterra e Gales	2,6	2,8	4,0	5,6	3,6	5,5	7,6
Suécia	0,5	3,1	2,4	7,0	4,1	4,2	3,1
Portugal		1,9	2,9	3,8	5,1	5,7	13,0
Espanha				3,6	4,4	5,7	10,5
Dinamarca			2,1	3,9	2,2	2,8	3,2
Finlândia				1,3	2,3	5,5	6,4
Austria-Hungria			0,3	1,1	1,6	4,8	6,1
Suíça			1,3	3,2	1,4	1,4	1,7
Alemanha			1,5	2,9	1,0	0,5	0,4
Países Baixos	0,5	0,6	0,5	1,2	0,5	0,5	0,4
Bélgica				0,9	0,4	0,6	1,0
França	0,1	0,2	0,2	0,3	0,1	0,1	0,2

Fonte: Dudley Baines (1991) In: DEVOTO, Fernando. *Historia de la Inmigración en la Argentina*. 1ª edição, Buenos Aires:Editorial Sudamericana,2003,p.50

A tabela 1 demonstra que ao longo das décadas na maioria dos países europeus houve um crescimento considerado nas taxas de emigração, mas em alguns nota-se uma redução percentual onde a mais intensa ocorreu na Irlanda. Já no continente americano, verifica-se que a presença de estrangeiros aos poucos estava aumentando, o que desperta o interesse de conhecer os motivos que impulsionaram a imigração. Logo vem a pergunta: qual teria sido a causa que levou milhões de europeus a abandonarem seus países? Entre os estudiosos do final do século XIX, encontram-se duas correntes ideológicas que servem para explicar o fenômeno da imigração em massa. A primeira é a interpretação pessimista, que dá ênfase aos fatores de expulsão da terra natal, como a de viver em condições de miséria entre o final do século XIX e início do século XX. Mas será que a miséria poderia explicar o fenômeno da imigração? Sim. Muitos especialistas em imigração, como Ismara Izepe de Souza, apontam a miséria como fator determinante do fenômeno imigratório, tanto que justificam “ a intensificação do processo imigratório pelo viés da busca por uma vida mais digna”³⁹. A segunda corrente

³⁹ SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)*. SP: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005,p.39

ideológica é a interpretação otimista na qual o imigrante, movido pelo próprio desejo de “melhorar a sua fortuna”, decide viver em outro país. Esta última interpretação é contestada por Fernando Devoto, porque a visão otimista tenta passar a ideia de que o fenômeno da imigração respondia à “leis naturais”, quando na verdade a imigração também foi sustentada de maneira artificial, porque muitas pessoas se beneficiaram deste fenômeno imigratório. Nas palavras de Devoto, havia pessoas inescrupulosas que obtinham algumas vantagens quando encorajavam o “espírito de aventura” em alguns europeus, porque “ Muchas veces, por detrás de las posiciones de políticos, publicistas o periodistas operaban intereses concretos de grupos económicos que calculaban los beneficios y perjuicios que el el crecimiento de la inmigración les acarrearía”⁴⁰. Para Blanca Sanchez Alonso, muitos imigrantes foram convencidos a abandonarem seus países pela atuação dos agentes e “*ganchos*”, que a autora denomina como “*modernos especuladores de carne humana*” que ludibriaram e enganaram muitos europeus e camponeses espanhóis⁴¹.

Apesar das diferenças entre a hipótese pessimista e a otimista, sendo ou não influenciado por propagandas ou pessoas inescrupulosas, como menciona Devoto e Alonso, a decisão de ir para uma nova terra, compete apenas ao próprio imigrante. Entende-se que cabe a ele avaliar, “colocar na balança” o que seria melhor para si e para a sua família, se deveria permanecer em sua sociedade de origem ou abandoná-la.

O indivíduo que permanece em seu país de origem é considerado um cidadão que tem os seus direitos e deveres definidos por uma constituição. Mas se este decidir abandonar a sua sociedade de origem, ele automaticamente transforma-se em um imigrante ao chegar à sociedade de recepção. Para Natalia Ribas Mateos, o uso do termo imigrante deve ser empregado sobre um discurso de construção social da imigração, porque ao se buscar uma categorização de imigrante é possível estabelecer uma relação ao poder e a percepção do outro, além da própria dimensão econômica do imigrante. A categorização do imigrante está diretamente associada a um caráter de temporalidade e de diferenciação no espaço social⁴². Nos anos de 1960, na Catalunha o uso da palavra imigrante era utilizada para se referir aos trabalhadores do Sul da Espanha que passavam a fazer parte do proletariado industrial e, também era designada aos imigrantes espanhóis que trabalhavam nas fábricas alemãs,

⁴⁰ DEVOTO, Fernando. *Historia de la Inmigración em La Argentina*. 1ª edição, Buenos Aires:Editorial Sudamericana,2003,p.52

⁴¹ ALONSO, Blanca Sánchez. *Las causas de la emigración española 1880- 1930*. Alianza Editorial,1995,p.71

⁴² MATEOS, Natalia Ribas.*Una invitación a La sociología de las migraciones*. Barcelona, Edicions Bellaterra,2004,p.182, 183

holandesas, suíças, francesas e que havia compartilhado uma experiência migratória com outros países do norte (italianos e portugueses) e do sul (turcos, marroquinos)⁴³.

A partir da leitura de Natalia Ribas Mateos, uma nova reflexão sobre a imigração surgiu acerca de quem seria o imigrante: aquele que deixa sozinho a sua terra natal para tentar a sorte em um país desconhecido ou aquele que já saí de sua terra natal com um emprego já garantido? A resposta para esta pergunta começou a surgir quando nos deparamos com uma classificação de quatro tipos de imigrações identificadas por Charles Tilly em 1980: as locais, as circulares, as de carreira e as de cadeias⁴⁴. As imigrações circulares e de cadeias tendem a ser coletivas e envolvem as famílias dos imigrantes, enquanto as imigrações locais e de carreiras apresentam majoritariamente características individuais, onde o imigrante poderia ir para o país de destino sem saber aonde iria trabalhar ou, já contratado, como acontecia no caso daqueles que já viajavam com emprego garantido respectivamente. As imigrações de carreiras seriam os casos onde o imigrante com uma especialização profissional é convidado a ocupar uma vaga no mercado de trabalho no país de destino, sendo este um fator de atração para que o mesmo decidisse viajar.

Neste caso, este profissional que já deixa o seu país de origem porque recebeu uma oferta de emprego pode ser considerado um imigrante? Sim, ele deve ser considerado um imigrante, porque ele terá que cumprir todos os requisitos exigidos pela legislação do país de destino, assim como aqueles que viajaram sem saber aonde iriam morar e trabalhar.

Entende-se que o imigrante é todo indivíduo que deixa o seu país de origem para morar em outro, sabendo previamente ou não, aonde vai trabalhar. Podemos dizer que a palavra imigrante faz referência a ação de chegar a um país para estabelecer-se entre os naturais deste e que deve sempre ser analisado dentro de uma política de imigração.

A contribuição direta de familiares ou compatriotas na manutenção dos fluxos migratórios foi muito importante para que muitos imigrantes chegassem à América. Nas palavras de Samuel Baily, uma cadeia migratória seria o contato pessoal e os favores entre amigos, familiares e compatriotas que estão em sociedades distintas (a emissora e a receptora) por conta da imigração⁴⁵. As cadeias migratórias surgem naturalmente, e é muito comum o chefe de uma família partir sozinho da sociedade de origem e depois enviar as informações e os recursos necessários para que a sua família ou até mesmo os amigos

⁴³ MATEOS, Natalia Ribas. *Una invitación a La sociologia de las migraciones*. Barcelona, Edicions Bellaterra, 2004, p.182

⁴⁴ TILLY, Charles. (1978), "Migration in Modern European History". In: TRUZZI, Oswaldo. *Redes em processos migratórios*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, V.20, N.1, 2008, p.200

⁴⁵ Ver BAILY, Samuel S. *La cadena migratoria de los italianos en la Argentina*. In : DEVOTO, Fernando. *La inmigración italiana en la Argentina* Buenos Aires, Biblos, 1985

cheguem à sociedade de destino⁴⁶. Entende-se que as cadeias migratórias não só facilitavam a imigração com a difusão das informações, o pagamento das passagens e de instalações, como também orientavam e determinavam a inserção profissional do recém-chegado⁴⁷.

Como movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com os imigrantes anteriores⁴⁸.

A difusão das informações e a influência que elas tiveram revelam que a questão é muito mais complexa do que se pensava. Há um consenso de que o acesso à informação era uma das causas determinantes da imigração, porque o leitor teria um conhecimento sobre a sociedade de destino e as possibilidades profissionais, sociais e econômicas. Para Érica Sarmiento, na década de 1930 as denominadas cartas de chamadas contribuíram para o fluxo do processo migratório. Em um estudo de caso Sarmiento entrevistou Francisco López Landeira de Santa Comba, que chegou ao Brasil em 1934, após receber uma carta de chamada de seu pai que já estava no Rio de Janeiro. Anos mais tarde, assim como o seu pai o chamou com uma carta e pagou a sua passagem, Francisco López Landeira teve a mesma atitude para trazer da Espanha o seu irmão e os seus sobrinhos⁴⁹.

A difusão das informações na Espanha alcançaram tal magnitude, que seria possível pensar que o nível de alfabetização da população era bastante elevado, porque ao contrário, as informações não teriam tido influência direta na imigração. Segundo Fernando Devoto, o melhor exemplo quanto a importância do fluxo da informação como divulgador do processo de imigração encontra-se no Uruguai, que em comparação aos países vizinhos recebeu uma quantidade menor de imigrantes franceses, italianos e os grupos espanhóis (vascos, galegos e canários). O autor afirmar que,

El mejor contraejemplo con relación a la importancia del flujo de información es le Uruguay. Este país contituyo el más claro ejemplo de migración precoz en Hispanoamérica em tercer cuarto del siglo XIX(...) En los años 80, la relación entre migrantes italianos a Argentina y Uruguay pasó

⁴⁶ TRUZZI, Oswaldo. *Redes em processos migratórios*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, volume 20, n.1. Junho de 2008, p.199-218

⁴⁷ ALONSO, Blanca Sánchez. *Las causas de la emigración española 1880- 1930*. Alianza Editorial, 1995, p.227

⁴⁸ TRUZZI, Oswaldo. *Redes em processos migratórios*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, volume 20, n.1. Junho de 2008, p.202

⁴⁹ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela 2006, p.40

a ser de 7 a 169 a 1 (...) Ya em la primera década anterior a la Primeira Guerra Mundial, de alrededor de 13 a 1. Lo que efectivamente muestra que, aun com um stock inicial significativo y una inserción predominante urbana o perurbana de españoles y italianos bastante satisfactoria , ello no sirvió para sostener un flujo significativo al Uruguay, em relación com los dos grandes países vecinos”⁵⁰.

No que refere-se à difusão de informações, seria bom questionar o impacto que elas teriam sobre o imigrante. Será que algumas propagandas feitas pelos governos americanos conseguiam passar credibilidade ao individuo que estava na Europa? Será que os que decidiam imigrar escolhiam o país de destino influenciados pelas propagandas? No caso do governo brasileiro, no período entre o fim da era Vargas e o governo de Juscelino Kubitschek, época do desenvolvimento da industrialização no país, a política de imigração assume um caráter mais técnico quando passa-se a buscar o imigrante que seja um profissional qualificado para suprir a carência de uma mão de obra técnica no Brasil. Por isso, o governo brasileiro passou a fazer parte do Comitê Internacional das Migrações Européias (CIME), adotando a partir de 1957, um programa para atrair operários estrangeiros. Este programa contava com o auxílio do Consulado que,

Por exigências legais e necessidade de mão-de-obra específica, era necessário ao imigrante provar ter uma atividade profissional (principalmente os técnicos para a indústria) prová-las através de contratos de trabalho (...) Aqueles que emigravam espontaneamente tinham que justificar sua profissão ante o cônsul general de Espanha através de um certificado e os que emigravam reclamados pelos familiares que estavam no Brasil (com cartas de chamada) tinham que apresentar uma fotocópia da carteira de estrangeiro do familiar reclamante⁵¹.

A difusão de informação brasileira sobre a necessidade de mão de obra técnica atraiu muitos imigrantes para o Brasil, especialmente, no período posterior a Guerra Civil espanhola e dois estudos de casos podem ser mencionados. O primeiro, relatado por Érica Sarmiento, é o do imigrante José Manuel Honório Solla Fontana, que formado na Escola de Maestros Industriais, em Vigo, desde 1940, trabalhou como torneiro mecânico até os 29 anos. E mesmo recebendo um salário considerado alto para o padrões da Espanha no pós guerra- civil, ele contou para Sarmiento que decidiu imigrar para o Brasil após ler uma matéria em um jornal,

⁵⁰ DEVOTO, Fernando. *Historia de la Inmigración em La Argentina*. 1ª edição, Buenos Aires:Editorial Sudamericana,2003,p.70

⁵¹ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela 2006, p.42

Saiu um jornal lá na Espanha, que se procuravam para o Brasil técnicos e oficiais de primeiras que tivessem mais de 5 anos de estudo. Eu fui no Consulado e me fizeram a proposta, que tinham uma proposta para mim no Arsenal de Marinha. Fiz todos os trâmites e consegui uma prova na Espanha, aí vim para o Arsenal de Marinha, o qual não me apresentei, já fui contratado, no mesmo dia que cheguei já fui contratado⁵².

O segundo caso, é o de Joaquim Sanchez Pacheco⁵³, um espanhol que nasceu em 31/05/1939, na Província de Salamanca, formado em engenharia, decidiu viajar para o Brasil em 1964, após encontrar um amigo que lhe fez uma oferta de emprego. Este caso será mencionado mais adiante. Os dois casos mencionados demonstram como a difusão de informações por parte de amigos ou cartas de parentes conseguiam atrair profissionais qualificados e, desta forma, os interesses e os objetivos do governo e das empresas instaladas no Brasil começavam a ser alcançados.

A verdade é que muitas notícias foram criadas e divulgadas por pessoas desconhecidas, e isso traz uma dúvida quanto à grandiosidade do seu poder de influência. Fernando Devoto menciona que por algum tempo houve a exaltação do papel dos agentes da imigração, ao ponto de considerá-los como o motor do movimento migratório, porque eles tinham o papel de convencer o estrangeiro a imigrar. Em 1914, um estudo na Galícia indica que apesar da presença de representantes de vários governos “ uma veintena de cónsules o vicecónsules de países hispanoamericanos, tanto en La Coruña como en Vigo”⁵⁴, os agentes de imigração (representantes das companhias de navegação e os que eram responsáveis pela elaboração de contratos de trabalho) continuavam destacando-se, e muitos ainda eram considerados “ peças chaves” no movimento migratório. Mas, para o autor, esta visão dos agentes de imigração como o motor do movimento migratório é um problema, porque ele considera que as fontes de informações mais fortes e capazes de influenciar um estrangeiro a imigrar eram aquelas consideradas mais confiáveis. Estas seriam aquelas que originavam-se dentro do seu próprio grupo social, ou seja, elaboradas por pessoas que imigraram e com as quais se mantinha um contato direto. O discurso do deputado socialista Enrico Ferri em 1889, na Câmara dos Deputados da Itália confirma a importância da informação partir dentro do

⁵²SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela 2006, p.42-43

⁵³ Joaquim Sanches Pacheco entrevista concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁵⁴ DEVOTO, Fernando. *Historia de la Inmigración em La Argentina*. 1ª edição, Buenos Aires:Editorial Sudamericana, 2003, p.81-82

mesmo grupo social: “ que el verdadero agente de inmigración eran las cartas de los ya emigrados, que el sostenía que se leían los domingos al salir de misa; si ellas recomendaban no ir, no había agente que pudiera inducir a las personas de esa aldeã a hacerlo”⁵⁵.

Compactuamos da mesma visão que Devoto, pois acreditamos que as palavras escritas nas cartas poderiam transmitir mais credibilidade do que as que eram ditas pelos agentes da imigração dos governos americanos, porque nelas havia relatos que poderiam ser verdadeiros sobre as facilidades, as dificuldades, os sucessos e os fracassos daqueles que decidiram viver em uma nova terra. Ainda há outro fator que poderia levar o estrangeiro a confiar mais nas informações escritas nas cartas do que nas propagandas dos governos, é que geralmente quem as escrevia eram pessoas conhecidas que faziam parte de sua família ou de um mesmo grupo social, como o caso mencionado do imigrante espanhol Joaquim Sanchez Pacheco que viajou para o Brasil após encontrar um amigo.

Sobre a influência das cartas Blanca Sánchez Alonso diz que para cada carta de chamada se produzia a saída espontânea de quatro espanhóis⁵⁶. O conhecimento direto com pessoas que imigraram influenciou outras pessoas a tomarem a mesma decisão. Essa situação caracteriza as cadeias migratórias.

Nota-se que as cadeias migratórias tiveram um papel determinante na vida sócio-profissional de muitos imigrantes, pois formaram grandes redes sociais que atuavam como facilitadoras na inserção quase que imediata do imigrante no mercado de trabalho da sociedade receptora⁵⁷.

O fato das cadeias migratórias facilitarem o acesso do imigrante ao mercado de trabalho e atender algumas de suas necessidades básicas como oferecer um quarto a um patrício, não quer dizer que este imigrante recém-chegado na sociedade receptora teria uma vida tranquila. Pelo contrário, ele teria que trabalhar e economizar boa parte do seu salário para transformar os seus sonhos em realidade. Em suma, “as cadeias migratórias eram um apoio inicial e não uma forma fácil de iniciar a vida”⁵⁸.

E aquele imigrante que não tivesse nenhum vínculo na sociedade de recepção, como iria se inserir profissionalmente? Neste caso, a sua inserção profissional e aceitação iria

⁵⁵ DEVOTO, Fernando. *Historia de la Inmigración em La Argentina*. 1ª edição, Buenos Aires:Editorial Sudamericana, 2003, p.81

⁵⁶ ALONSO, Blanca Sánchez. *Las causas de la emigración española 1880- 1930*. Alianza Editorial,1995,p228

⁵⁷ FARIAS,Ruy. *Emigration and Economic Integration. The Socio-Professional Inclusion of Galician People in Argentina: the Cases of Avellaneda and Lanús, 1939-1960*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Analise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p.166

⁵⁸ SARMIENTO, Érica. *Um passeio pelas ruas do Rio Antigo: os pioneiros galegos, a Rua da Ajuda e o mercado ambulante*.In: Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Nº3,2009,p.103

depende dos contatos que conseguisse estabelecer com seus patrícios já situados na sociedade de destino⁵⁹.

As redes migratórias apresentam um papel muito importante na vida do imigrante, pois não só o influenciava a imigrar como também o orientava aonde morar e trabalhar na sociedade receptora. Érica Sarmiento, ao pesquisar a imigração galega no Rio de Janeiro, identificou que esta foi baseada nos laços de parentesco e nas cadeias migratórias. Enquanto os que imigraram primeiro, os chamados pioneiros, definiam o seu espaço social segundo as suas condições financeiras, os imigrantes do segundo ciclo migratório faziam as suas escolhas baseadas nas redes migratórias⁶⁰.

Por isso, muitas vezes quando o Estado não subsidiava as passagens, o fluxo migratório continuava porque o próprio imigrante incentivava e financiava a vinda de seus amigos e familiares. Infere-se que as redes sociais dos imigrantes forneciam os elementos necessários para a existência e a manutenção das redes migratórias.

É importante saber como as políticas públicas se envolviam nas questões imigratórias. Qual era a função das políticas públicas nas imigrações? A análise do papel das políticas imigratórias estende-se a três setores distintos: o administrativo (a política de qualquer governo se faz a partir das informações que ele tem sobre o seu território), o jurídico (legislação, decretos e leis) e o econômico (engloba uma concessão de fatores relacionados a produção).

Diante do mencionado, as políticas públicas de imigração destacaram-se em vários aspectos: nas passagens subsidiadas, nas propagandas, no uso da mão de obra nas lavouras e na formação de colônias visando o povoamento⁶¹.

A política imigratória brasileira pode ser dividida em duas etapas: a imigração de povoamento (anterior a 1822, que visava povoar áreas desocupadas através da fundação de colônias) e a imigração subvencionada nas plantações de café em São Paulo (na década de 1880, os estrangeiros seriam aproveitados pelo Governo para povoar as áreas desocupadas)⁶².

⁵⁹ GOMES, Angela de Castro. *A pequena Itália de Niterói: uma cidade, muitas famílias*. In; GOMES, Angela de Castro. *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

⁶⁰ SARMIENTO, Érica. *As parroquias cariocas: vivenda e traballo dos galegos nas parroquias centrais de Río de Xaneiro (final do século xix e século xx)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, 2011, p.115

⁶¹ RAMOS, Jair de Souza. *O poder de domar do fraco*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2006, p.71-76

⁶² SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.29

Tabela 2: Distribuição da população estrangeira no Brasil

Estados	1872	1890	1900	1920
Espírito Santo	4.191	3.074	32.936	20.109
Minas Gerais	46.900	46.787	141.647	88.013
Rio de Janeiro	99.899	16.140	57.706	53.770
Rio Grande do Sul	41.725	34.765	140.854	156.623
São Paulo	29.622	75.030	529.187	833.709

Fonte adaptada: MARTÍNEZ, Elda Gonzalez. *La Inmigración esperada: la política migratória brasileña desde João VI hasta Getúlio Vargas*. Biblioteca de História de América:28. CSIC, Madrid, 2003,p 151

Os dados da tabela 2, revelam que a política imigratória subvencionada deu tão certo que na passagem do século XIX para o século XX, o estado paulista deixa o quarto lugar para ocupar o primeiro lugar com o maior número de estrangeiros. Antes as primeiras posições na tabela pertenciam aos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A chegada dos imigrantes em São Paulo contribuiu para o seu crescimento demográfico. Sua população saltou de 840.000 habitantes em 1872, para 4.600.000 em 1920. Esse aumento foi possível porque na primeira metade do século XIX, o governo imperial, para ocupar alguns espaços vazios, promoveu a colonização⁶³. Mais tarde o estado de São Paulo, necessitando de mão de obra para a lavoura, devido à expansão das áreas de cultivo e o fim da escravidão, desenvolveria a sua política imigratória. E foi assim, na busca de trabalhadores livres que conseguiram atrair muitos europeus⁶⁴.

Seria possível dizer que a imigração é apenas um problema econômico e social? O tema imigração é muito mais abrangente e complexo do que se costuma pensar, pois não se trata apenas de um agente, um indivíduo e a sua família. No caso espanhol, inicialmente o governo se preocupou com o fenômeno da imigração, mas só chegou a discutir o tema no Congresso e no Senado nos anos de 1888 e 1889. De acordo com Antonio Cánovas del

⁶³ Em 1847, a fazenda Ibicaba, situada no município de Cordeirópolis, a 150 km de São Paulo recebeu 64 famílias alemães de Prússia, Baviera e Holstein que chegaram para trabalhar na agricultura. No Rio de Janeiro antes 1850, algumas colônias com imigrantes alemães foram fundadas em Petrópolis. Mas foi no Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) que cerca de 80 colônias alemães baseadas na pequena propriedade de terras subsidiadas pelo governo central foram criadas. Um exemplo foi a colônia de São Leopoldo. Ver respectivamente: MARTÍNEZ, Elda Gonzalez. *La Inmigración esperada: la política migratória brasileña desde João VI hasta Getúlio Vargas*. Biblioteca de História de América:28. CSIC, Madrid, 2003,p.153 e SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006,p.28-29

⁶⁴ MARTÍNEZ, Elda Gonzalez. *La Inmigración esperada: la política migratória brasileña desde João VI hasta Getúlio Vargas*. Biblioteca de História de América:28. CSIC, Madrid, 2003,p.150-151

Castillo, a perda dos habitantes era associada a morte de uma nação, porque esta tem alma e vida própria. Mas quando perde os seus habitantes, tem-se a morte da alma nacional da nação⁶⁵.

De acordo com Cristóbal Botella, à frente dos direitos individuais e de uma série de liberdades fundamentais, deveriam estar os deveres para com a pátria. Por isso, nada e ninguém, nenhum homem, ou no caso da imigração, muitos homens, poderiam privar uma nação da sua existência. Tem-se aqui uma ideia que será identificada posteriormente como imigração e antipatriotismo⁶⁶. O governo pensou em meios para combater a imigração vista como um mal social e, por isso, precisava ser castigada. Enquanto o governo espanhol buscava meios para impedir a saída de seus habitantes, os governos americanos buscavam meios de atrair cada vez mais os estrangeiros.

A imigração também foi considerada por muitos intelectuais como um caminho de superação do atraso do continente americano. Alguns defendiam que as diferenças econômicas, sociais e políticas entre as nações poderiam ser explicadas por fatores biológicos, como no caso da Europa que tornou-se civilizada devido a sua hereditariedade branca. Já as nações de países tropicais com sua população composta por negros e mestiços estariam condenadas a criminalidade, pobreza e doenças. Em muitos lugares este pensamento social, inclusive no Brasil, serviu para relacionar os problemas nacionais a composição racial brasileira: onde a miscigenação era algo indesejável. Durante a Primeira República no Brasil, estas teorias raciais serviram para dar um embasamento científico as novas formas de racismo, que considerava a raça branca superior a negra.⁶⁷ E foi este pensamento que dominou o continente americano, o da existência da desigualdade das raças – o branco era o superior enquanto o negro e o índio era inferior- que associada ao alto grau de miscigenação, gerariam os problemas no desenvolvimento de um país, culminando em seu atraso ou até mesmo em sua ruína. Criou-se então uma adaptação das teorias raciais que estimulou “o branqueamento”, através da introdução de indivíduos brancos e europeus na América⁶⁸.

Tendo em vista o processo de branqueamento da população, era necessário criar uma efetiva política imigrante na América para alcançar os seus objetivos. Entre 1880 e 1915,

⁶⁵ CÁNOVAS del Castillo, Antonio. *De cómo yo he venido a er doctrinariamente proteccionista, en problemas contemporáneos*. Tomo III, Madrid, 1890

⁶⁶ BOTELLA, Cristóbal. *El problema de la emigración*. Madrid, 2ª ed.1888, p.143

⁶⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord). *Abertura para o Mundo 1889-1930*. Editora Objetiva, Fundación Mapfre, 2012, p.20

⁶⁸ Giralda SEYFERTH. *Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização*. In.: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura dos (orgs.), *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996, p. 42, 49. SKIDMORE, Thomas *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976,p.81

os maiores receptores de imigrantes no continente americano foram os seguintes países: Argentina, Brasil, Canadá e Estados Unidos da América. Entre estes países americanos o Brasil foi o terceiro maior receptor de imigrantes, pois recebeu entre 1881 e 1915, cerca de 2,9 milhões de pessoas⁶⁹.

A imigração subsidiada era estimulada pela crença de que o “branqueamento” do povo brasileiro os aproximaria do avanço civilizatório, mas para isso era necessário trazer os imigrantes, por isso a escolha era por pessoas brancas e européias. Segundo David Barreto Coutinho, nos pilares das políticas imigratórias o imigrante era considerado uma peça fundamental para se alcançar o progresso nacional, através do uso de sua mão-de-obra nas lavouras e no projeto de povoamento de zonas no interior do Brasil. Para Coutinho, “além de atender as demandas de um embranquecimento populacional condicionado pelo Estado, o imigrante era ainda essencial nos projetos de povoamento do país, questão considerada essencial para o progresso nacional”⁷⁰.

Verificou-se que a política imigratória ao subsidiar as passagens, buscava os trabalhadores para a agricultura e o preenchimento das áreas desocupadas do interior. E quando o governo percebeu que muitos imigrantes chegavam ao Brasil espontaneamente, e que se fixavam nos centros urbanos, houve uma preocupação quanto a este tipo de imigração. Um artigo publicado no jornal *Correio da Manhã*, fez duras críticas a imigração espontânea:

A imigração espontânea é menos cara, não há duvida, porque independe de despesas de grande vulto por parte do governo. Mas a verdade é que apresenta inconvenientes gravíssimos, dos quaes não é menor o de encaminhar para o Brasil pessoas que nunca se perderam nos trabalhos do campo, e no campo é que se torna sentida a nossa necessidade de braços. A população citadina entre nós cresce de modo assustador na orla litorânea, enquanto a do interior, se não desaparece, estaciona lamentavelmente [...]⁷¹.

Foi entre as década de 1920 e 1930, que a ideia do branqueamento se consolidou no Brasil, mas no mesmo período, também cresceu a crítica e à refutação das teorias raciais. Percebe-se que a crítica do jornal não era sobre a vinda de imigrantes dentro da política do branqueamento e sim, ao crescimento populacional das cidades litorâneas justificada pelo

⁶⁹ Klein, Herbert. *Migração Internacional na História das Américas*. In: FAUSTO, BoriS (Org). *Fazer a América*. SP:Edusp, 2000, p.25

⁷⁰ COUTINHO, David Barreto. *Políticas imigratórias e as instituições burocráticas no governo Vargas (1930-1945)*. Tese de Mestrado em História. UERJ, 2015, p.9

⁷¹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1920. Disponível em <http://www.bn.br>. Acessado em 19/08/2016

aumento da imigração espontânea, porque estes imigrante ao chegarem no Brasil, preferiam se estabelecer nas cidades ao invés do campo como o governo desejava.

De acordo com Angela de Castro Gomes, o fato é que até 1930, os trabalhadores estrangeiros eram privilegiados com diversos incentivos, pois acreditavam que o imigrante tinha uma preocupação com o futuro e um éthos do trabalho que não eram visualizados nos brasileiros. Castro Gomes ainda refuta as teorias raciais destacando que a superação do atraso brasileiro viria com o pensamento de modernizar o país, investindo em saúde, educação, transportes (marítimos e terrestres), meios de comunicação e ocupando o seu próprio território, através de políticas públicas que estimulassem a “unidade nacional”.⁷² Para Jair de Souza Ramos, a superação do atraso do atraso brasileiro poderia ser agilizada devido aos avanços nos meios de transportes, que encurtaram o tempo das viagens e conseqüentemente, mais pessoas chegavam ao continente americano. Mas o autor afirma que até a primeira década do século XX, o estabelecimento de políticas imigratórias pautadas na questão racial não se realizou plenamente, mas a ideia persistiu até mesmo após 1930⁷³.

No processo de imigração européia não se pode afirmar que esta foi uma constituição linear e nem que foi circular, porque alguns imigrantes que partiram da terra natal fugindo da miséria, tinham a esperança de que um dia, depois de acumular fortuna, poderiam retornar para a sua terra natal. Estes propagariam a ideia de que “fazer a América” havia dado certo. Devoto menciona que muitos estrangeiros eram impedidos de cruzar o oceano Atlântico por pertencerem a um grupo de baixa renda, dos setores mais pobres da sociedade. Portanto, para o autor a pobreza e a miséria nunca foram um pré-requisito para a imigração e sim uma das causas de seu impedimento. Neste aspecto, discordamos da visão de Devoto, porque entendemos que a miséria e a pobreza podem ser um pré-requisito para a imigração até mesmo para aqueles que não possuem condições próprias para custear à sua viagem. Como já foi dito, anteriormente, os imigrantes poderiam ter outras formas de conseguirem as passagens: uma era através da assinatura de contrato de trabalho e a outra quando amigos ou familiares arcavam com os custos. Sendo assim, até aqueles que pertencessem a um grupo de baixa renda poderiam obter meios para cruzar o oceano Atlântico.

Sabe-se que nem todos os imigrantes alcançaram fortuna e, nesta condição, o retorno seria visto como um fracasso. Muitos que imigraram à América não tiveram o desejo de voltar à terra natal. Entre 1861 e 1920, mais da metade dos imigrantes italianos e menos da

⁷² GOMES, Angela de Castro (Coord). *Olhando para Dentro 1930-1964*. . In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Direção). *História do Brasil Nação:1808-2010*. Volume 4. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre e Objetiva em coedição, 2013,p.51

⁷³ RAMOS,Jair de Souza. *O poder de domar do fraco*. Rio de Janeiro:EDUFF, 2006, p.71-77

metade dos espanhóis deixaram a Argentina em direção aos seus países. No caso brasileiro, no período entre 1899 e 1912, cerca de 65% dos imigrantes retornaram à pátria, mas porque muitos deles fizeram a viagem para trabalhar no Brasil mais de uma vez⁷⁴.

Infere-se que, inicialmente, muitos dos imigrantes que chegaram à América tinham o sonho de prosperar financeiramente e depois retornar à sua terra natal para obter o reconhecimento social em seu país. Por isso, a imigração também pode ser uma construção circular, se o estrangeiro desejar regressar ao seu país. Mas a imigração também pode ser considerada linear, porque muito imigrantes optaram pela permanência no país de recepção.

1.1- A GRANDE IMIGRAÇÃO ESPANHOLA PARA O RIO DE JANEIRO.

A maioria dos que imigraram sonharam em “fazer a América”, isto é, aproveitar as oportunidades na experiência ultramar para fazer fortuna, e assim, ter uma expectativa de vida melhor no futuro e também tentar uma ascensão social em seu país. Ao indivíduo que havia optado por ir embora do seu país restava-lhe tomar outra decisão: para onde ir?

No Brasil, com a proclamação da República muitos questionamentos e novos discursos surgiram. Segundo José Murilo de Carvalho, a Primeira República instaurada não teve a participação popular, mas ainda assim a população esteve empolgada com os discursos que apregoavam os defensores republicanos: a cidadania, a igualdade e o aumento da participação política. Porém, o que se teve foi uma elite republicana que governava sobre a massa popular.⁷⁵ O equilíbrio frágil do poder central foi governar por meio dos estados, nos quais predominavam as oligarquias, a política dos coronéis e os currais eleitorais, que facilmente fraudavam as disputas eleitorais por terem uma forte influência local⁷⁶. Os coronéis controlavam a mais importante forma da participação política de uma democracia: o voto. Durante a Primeira República, o “voto de cabresto” foi uma realidade no Brasil, e os candidatos eram escolhidos segundo a vontade dos coronéis⁷⁷.

⁷⁴ DEVOTO, Fernando. *Historia de la Inmigración em La Argentina*. 1ª edição, Buenos Aires:Editorial Sudamericana,2003,p.73

⁷⁵ CARVALHO, José Murilo de .*Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. RJ: Companhia das Letras, 1987,p.12-32

⁷⁶ NEVES, Margarida de Souza. *Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Organizadores).*O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*.RJ: Civilização Brasileira, 2003,p.38,39

⁷⁷ RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *O processo político na Primeira república e o Liberalismo oligárquico*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Organizadores).*O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*.RJ: Civilização Brasileira, 2003,p.113

Mas a República trouxera um novo vocabulário político que apregoava a cidadania, o respeito, a igualdade política e a busca dos interesses coletivos acima dos individuais. Porém, a realidade era justamente o inverso do discurso. É importante mencionar que na Primeira República a baixa participação eleitoral não significa afirmar que o povo não lutasse por seus direitos e sua cidadania, para isso recorriam ao Supremo Tribunal Federal, à Justiça e as greves. Mas, verificou-se que aquela empolgação inicial com a instauração da República transformou-se em desilusão, porque o regime dificultava a participação dos operários no processo eleitoral e a organização dos partidos políticos⁷⁸.

Diante disto, entende-se porque uma parcela do operariado nacional passou a rejeitar o sistema vigente e enxergou no anarquismo uma opção para reverter o quadro de exclusão da maioria da população do processo de decisão política, especialmente, os mais pobres. E foi neste cenário político: de exclusão das massas populares do processo da participação política, da defesa do projeto de branqueamento da população brasileira, da reforma da cidade do Rio de Janeiro e do controle do estado sobre o espaço público, que muitos imigrantes chegaram na Capital Federal.

No caso dos espanhóis, entre os anos de 1880 e 1930, estima-se que mais de 500 mil imigrantes chegaram ao Brasil, no período que coincide com a expansão das lavouras de café que necessitava de mão de obra, por isso a imigração era intensamente subvencionada no Estado de São Paulo. Mas já foi dito anteriormente, que muitos estrangeiros, como os espanhóis, chegaram ao país por meio da imigração espontânea e se estabeleceram em várias cidades como Salvador, Santos e Rio de Janeiro. E foi neste período que muitos espanhóis se concentraram na cidade da Capital Federal⁷⁹.

O Brasil visando atrair mais imigrantes investiu na divulgação da política imigratória baseada nas teorias raciais como no Jornal *O Paiz*, que apresentava o italiano como o imigrante considerado desejável:

O italiano é o colono ideal para o Brasil. Identidade de raça e civilização, analogia da língua, grande semelhança de costumes e ideias e sentimentos, são vínculos que tornam o imigrante italiano facilmente assimilável pelo meio brasileiro. Adaptável às nossas condições de vida, o italiano é um trabalhador inextinguível, que allia a grande actividade physica uma vivacidade de intelligência, que multiplica o seu valor econômico como

⁷⁸ FLORES, Elio Chavez. *A consolidação da república: rebeliões de ordem e progresso*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Organizadores). *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. RJ: Civilização Brasileira, 2003, p.52

⁷⁹ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, P.52

unidade obreira. A esses títulos, que tanto o recomendam, como o colono preferível entre todos que podem aportar ao nosso paiz, apresenta ainda o italiano a immensa vantagem política de constituir o instrumento precioso da nossa defesa nacional contra os elementos estranhos, que se misturaram á nossa população e que continuarão a affluir da Europa e da Ásia para o Brasil⁸⁰.

A matéria publicada neste jornal revela qual seria o imigrante ideal para o Brasil segundo a política imigratória da época, que enxergava nos italianos algumas qualidades que contribuiriam para evitar a vinda dos imigrantes indesejáveis da Ásia e da Europa. Dentro das teorias raciais havia uma preocupação com o tipo de imigrante que viria para o Brasil, não bastava ser branco e europeu. Imigrante desejável era aquele considerado facilmente assimilável ao povo brasileiro e ao seu estilo de vida. Sendo assim, o artigo publicado ainda ressalta que a preferência pelos italianos deveria ser estimulada, porque estes atuariam como um instrumento de defesa nacional.

O governo brasileiro também passou a oferecer amplas vantagens ao imigrante subsidiado para trabalhar nas fazendas de café. Através da Lei 673 de 09 de setembro de 1899, o serviço de introdução da entrada de estrangeiros no Estado foi regulamentado. Por meio desta, foi determinado que o Estado custeava os oito primeiros dias do imigrante no Brasil (desembarque, transporte, alimentação, hospedagem e transporte até a estação de trem mais próxima da fazenda em que iria trabalhar). Os 21 artigos da Lei 673 foram publicados no Diário Oficial do Estado de São Paulo em 17 de setembro de 1899,

Artigo 1º- A introdução do imigrante será feita mediante a subvenção paga pelo Estado, a armadores ou companhias de navegação que dispuserem de vapores, nas necessárias condições de higiene e de rapidez de viagens (...)

Artigo 1º- Todo o imigrante introduzido com subvenção pelo Estado terá direito:

1º) Ao desembarque a sua chegada e transporte para hospedaria à custa do Estado;

2º) Sustento e alojamento nas hospedarias durante os 08 oitos primeiros dias após a sua chegada;

3º) Colocação por intermédio da agência official, si assim o quizer;

4º) Transporte da hospedaria até a estação mais próxima da situação agrícola a que se destinar. (...) ⁸¹.

Segundo Blanca Sánchez Alonso, em nenhum outro país a política de passagens subsidiadas foi tão poderosa como no governo brasileiro, tanto que entre 1886 e 1934, 56%

⁸⁰ *O Paiz*. Rio de Janeiro, 19/04/1920. Disponível em : <http://www.bn.br> . Acessado em 19/08/2016

⁸¹ *Diário Oficial de São Paulo*. Ano 9-11. Nº 212. SP, 17 de setembro de 1899.

do total de imigrantes que entraram no Brasil foram para o estado de São Paulo. Somente no ano de 1911, dos imigrantes espanhóis que entraram no estado paulista cerca de 70% chegaram com passagens subsidiadas, enquanto os imigrantes portugueses representavam 24%, um valor mais baixo⁸². De acordo com Marília D. Klaumann Cánovas, muitos dos imigrantes espanhóis, que foram instalados no estado paulista, alegavam que foram enganados⁸³ e almejavam chegar no Rio Grande do Sul. Mas a verdade é que não houve engano algum, e apesar das políticas imigratórias brasileiras serem vantajosas, muitos imigrantes espanhóis nos anos de 1890 a 1930, preferiam as antigas colônias hispânicas, por isso criaram meios para se aproximarem delas⁸⁴.

A maioria dos que migraram sonharam em “fazer a América”, isto é, aproveitar as oportunidades na experiência ultramar para fazer fortuna, e assim, ter uma expectativa de vida melhor no futuro e também tentar uma ascensão social em seu país. Blanca Sánchez Alonso explica que é importante esclarecer que havia uma distinção no fenômeno migratório: a temporária que era considerada benéfica e a definitiva considerada prejudicial, porque simbolizava uma grande perda para a pátria. Esta autora aponta qual era a preocupação do governo espanhol em relação a imigração de seus cidadãos, “ El español que abandone su Patria no tiene derecho a reclamarle auxilio, protección ni amparo, del cual está más necesitado el que se queda em el territorio a mantener las cargas del país, explotar el suelo y fecundar la tierra”⁸⁵.

No começo do século XX, a Espanha já enfrentava uma crise econômica com a falta de crescimento urbano e de trabalho, os baixos salários, o crescimento populacional (algumas décadas anteriores) e uma atrasada agricultura que dificultava a vida dos camponeses. Estes fatores, somados às ofertas dos países receptores, como o Brasil, impulsionaram o fenômeno migratório. Do ponto de vista econômico, a imigração não era algo positivo, porque a Espanha queria e precisava da mão-de-obra para se reerguer. Sabe-se que na imigração definitiva muitos dos que partiam eram jovens e do sexo masculino, ou seja, estavam no período de idade produtiva e do serviço militar. Blanca Sánchez Alonso explica que a

⁸²ALONSO, Blanca Sánchez. *Las causas de la emigración española 1880- 1930*. Alianza Editorial,1995,p.148

⁸³No início do século XIX, diferente do caso dos espanhóis, muitos libaneses e sírios que almejavam migrar para os EUA, terminaram desembarcando no Brasil, ou porque foram enganados, ou porque tiveram seus vistos de entrada negados pelo governo estadunidense devido ao seu estado de saúde ou analfabetismo. CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *Imigrantes libaneses no Brasil: A representação literária do choque entre culturas*. In: Oliveira, Paulo César; CARREIRA, Shirley de Souza Gomes (Orgs). *Memória e Identidade: Ensaios*. RJ: Edições Galo Branco, 2011, p.204

⁸⁴CÁNOVAS, Marília D. Klaumann. *Imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930: protagonistas ou coadjuvantes*. Universidade de São Paulo. In: História Hoje: Revista Eletrônica de História. ANPUH, volume 2, n.06, Março de 2005, p. 9

⁸⁵ALONSO, Blanca Sánchez. *Las causas de la emigración española 1880- 1930*. Alianza Editorial,1995,p.75

distribuição por sexos dos imigrantes espanhóis no Brasil entre 1904 e 1906, era de 55,13% formada por homens, 45,56%, por mulheres. Já em Cuba, entre 1919 e 1921, nota-se que o número de mulheres era bem menor, elas representavam 17,60% da população imigrante, enquanto os homens somavam 82,40%. Embora os homens representassem sempre a maioria dos imigrantes, verifica-se que no Brasil, entre 1904 e 1906, há um número bem maior de mulheres em solo brasileiro do que no cubano. Esse aumento pode ser explicado pela política de passagens subsidiadas de São Paulo que privilegiava os grupos familiares⁸⁶.

Lená Medeiros de Menezes identificou que muitos estrangeiros que andavam pelas ruas do Rio de Janeiro eram jovens que apresentavam características semelhantes: geralmente eram portugueses e espanhóis, principalmente da Galícia, entre 12 e 16 anos que chegavam para trabalhar em lojas da cidade⁸⁷. Sobre o fato da imigração galega ser majoritariamente masculina, Érica Sarmiento também constatou que muitos que chegaram ao Rio de Janeiro entre 1910 e 1920 eram jovens em idade ativa, entre 14 e 35 anos⁸⁸.

Mapa 1: Regiões Autônomas da Espanha.



Fonte: Atlas Novo Milênio. Disponível em <http://www.google.com.br/search?q=mapa+das+provincias+da+espanha&biw>

⁸⁶ ALONSO, Blanca Sánchez. *Las causas de la emigración española 1880- 1930*. Alianza Editorial, 1995, p 159-160

⁸⁷ MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración: achegas sobre a historia entre bastidores: portugueses e españois como estudo de caso (Rio de Xaneiro, 1890-1930)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Analise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p.137

⁸⁸ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.450

Ainda analisando a imigração destes jovens espanhóis em idade ativa, Érica Sarmiento, explica que houve uma alta porcentagem de prófugos na Galícia (ver o mapa 1). Muitos jovens galegos diante das guerras (Guerra dos Marrocos, Guerra da África, Guerra das Filipinas entre outras), das suas necessidades sociais e econômicas e dos atrativos oferecidos na América, resolveram deixar a Espanha na clandestinidade. O termo galego refere-se aos espanhóis que nasceram na Galícia, mas vale esclarecer que a palavra também foi utilizada para se referir aos portugueses. Pode-se explicar esta troca no Rio de Janeiro, porque muitos galegos da Galícia (Espanha) possuem características bastante similares aos portugueses, o que poderia à frente dos olhos dos brasileiros provocar uma homogeneização do uso do termo para os estrangeiros destas duas nacionalidades. E no Brasil, o termo galego foi usado para se referir aos portugueses- os estrangeiros mais antigos e numerosos⁸⁹.

Durante a Primeira República, muitos imigrantes receberam alguns estereótipos baseado na inserção econômica. E na cidade do Rio de Janeiro, o termo galego adquiriu um sentido pejorativo, de trabalhador não qualificado, e isso era independente da região de origem do imigrante espanhol. Segundo Maria Rosa Lojo, na Argentina os galegos também eram considerados trabalhadores não qualificados, além de indisciplinados, sem valor intelectual e eram retratados como politiqueros⁹⁰. Sobre o uso pejorativo do termo galego Sarmiento afirma que:

O uso da palavra galego parece remontar desde os períodos coloniais, quando a imagem do imigrante já era depreciada nas novelas, literatura e nos teatros castelhanos. No teatro, afigura do mucamo ou criado, associado ao imigrante galego, era o mais freqüente⁹¹.

Tanto no Brasil quanto na Argentina, o termo galego era visto de maneira pejorativa, mas havia uma distinção: enquanto o português não era considerado preguiçoso em solo brasileiro, no país vizinho o termo galego era associado ao indivíduo de inteligência tosca, sujo e preguiçoso, que mesmo ocupando uma importante posição econômica, continuaria sendo “um galego bruto e sem cultura”.

⁸⁹ SARMIENTO, ÉRICA. *Imigração galega no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1890-1930). Breve estudo comparativo do imaginário e do associativismo étnico*. In: *Latinidade: Revista do Núcleo de Estudos das Américas*. RJ, 2013,p.33

⁹⁰ Lojo, Maria Rosa. *Los gallegos em La literatura argentina: autobiografía y memorias*. In: FARIAS, Ruy (Org). *Buenos Aires gallega, inmigración, pasado y presente*. Buenos Aires:CCPPHC, 2007, p.212

⁹¹ SARMIENTO, ÉRICA. *Imigração galega no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1890-1930). Breve estudo comparativo do imaginário e do associativismo étnico*. In: *Latinidade: Revista do Núcleo de Estudos das Américas*. RJ, 2013,p.32

O número de jovens que fugiam do serviço militar é elevado e, os dados quantitativos revelam que somente no ano de 1917, o número de prófugos galegos alcançou o máximo de 50,67% frente a 22,09% dos espanhóis e em La Coruña do total era de 2.984 rapazes inscritos no serviço militar e menos da metade compareceu, porque 65,28% eram prófugos. Sobre a rota de fuga destes prófugos destaca-se o porto francês de Burdeos, que foi muito importante para a imigração clandestina espanhola, tanto que entre 1865 e 1920, foram registradas 6.695 saídas⁹².

Muitos jovens prófugos iam para o país vizinho, Portugal, e nas terras lusitanas encontravam uma saída marítima para a antiga colônia portuguesa. De acordo com Blanca Sánchez Alonso, a principal causa para a imigração clandestina foi o desejo de fugir do serviço militar, estima-se que 20 % destes estrangeiros espanhóis que saíam do portos chegavam no Brasil, Argentina e Uruguai. Alonso afirma que o governo espanhol tentou solucionar o problema da imigração através da colonização do interior do país, do combate à ação dos agentes e da imigração clandestina⁹³.

Assim como aconteceu no primeiro ciclo imigratório, no segundo ciclo, muitos jovens desertores fugiram do serviço militar. Ao conceder uma entrevista José Martinez Amado, que nasceu na província de La Coruña, na Galícia, em 22 de janeiro de 1934, revelou que decidiu deixar a Espanha porque não queria prestar o serviço militar. Em seu depoimento Amado relembrou alguns momentos de como era a sua vida na Espanha. Ele contou que começou a trabalhar aos 12 anos de idade, como serralheiro, ao lado de seu pai em uma fábrica e, posteriormente, foi trabalhar em uma fábrica de leite e de pesticida - composto orgânico usado para combater pragas que infestam as plantações- onde foi funcionário por 7 anos. Mas quando estava preste a ter que cumprir o serviço militar, ele decidiu se aventurar e fugir. Nas palavras de José Martinez Amado,

Para não fazer o serviço militar, e lá também não queria fazer o serviço militar não. (...) Foi, exatamente o motivo. Foi isso. Porque naquela época ficava 2 anos na marinha. Hum! Vim sem conhecer ninguém, mas se falava muito do Brasil e da Argentina lá. Na época de 1950, 52 e 53, era muita gente que viria para cá. Vim com a intenção de mudar para a Argentina, Buenos Aires, por causa da língua espanhola. Ah, mas o Brasil faz fronteira e resolvi conhecer. Essas aventuras. E fiquei aqui porque gostei⁹⁴.

⁹² SARMIENTO, ÉRICA. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006,p.34, 35 e 36

⁹³ALONSO, Blanca Sánchez. *Las causas de la emigración española 1880- 1930*. Alianza Editorial,1995,p.101, 105 e 106

⁹⁴ Entrevista concedida por José Martinez Amado em 08/07/2015, à Miriam Barros Dias da Silva para o Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Durante a entrevista, ficou claro que a razão que motivou José Martinez Amado a chegar ao Brasil, com 18 anos de idade, foi o desejo de fugir do serviço militar, o que o caracteriza como um prófugo do segundo ciclo imigratório. E o seu depoimento também corrobora com uma questão já mencionada, a de que muitos imigrantes espanhóis que chegaram ao Brasil tinham a intenção de se deslocarem, posteriormente, para a Argentina - por supostamente apresentar melhores condições de adaptação, o idioma e o clima.

Eu e mais três amigos que conheci no navio, embarcamos no Ruan de Garaia que chegou ao Brasil em 02 de janeiro de 1953. Um desses amigos tinha um irmão que morava aqui e, foi ele que orientou um pouquinho. E depois fomos por aí e arrumamos emprego⁹⁵. Quando cheguei fiquei na hospedaria na Rua do Lavradio nº 138, porque era mais barato. (...) Desisti da Argentina porque gostei do Brasil. A gente pensava na Europa e, é muito quente. É um país muito bom, muito calor. Aí, tem o medo. Então, qualquer coisa a gente. Aí, não é nada disso. É tudo mentira! O calor sim, mas é um calor gostoso. E uma mulher bonita. Epa! Eu não saio mais daqui⁹⁵.

Assim que chegou ao Brasil em 02 de janeiro de 1953, José Martinez Amado desistiu de ir à Argentina, porque percebeu que as condições de vida em terra brasileira (a cultura, o clima e o idioma) não impediriam a sua adaptação e, até mesmo, o seu estabelecimento definitivo no país. Assim como aconteceu com ele, podemos supor que muitos jovens decidiram imigrar para fugir do serviço militar ou porque sentiam-se atraídos pelas possibilidades de uma nova vida na América.

O problema da imigração ao envolver jovens em idade produtiva e de prestar o serviço militar, é que a Espanha não poderia contar com eles para se reerguer. Por isso, Antonio Cánovas del Castillo associou a perda destes habitantes à morte da alma nacional da nação.⁹⁶ Já para Cristóbal Botella os direitos individuais e a liberdade não deveriam está a frente dos deveres para com a pátria e, quem o fizesse estaria privando a nação de sua existência. Por isso, tem-se a ideia de imigração e antipatriotismo⁹⁷. Portanto, estes prófugos eram considerados desertores, pois queriam abandonar as fardas e fugir do Exército e dos campos de batalha- onde a sua Pátria guerreava para manter suas colônias em solo africano e americano.

⁹⁵ Entrevista concedida por José Martinez Amado em 08/07/2015, à Miriam Barros Dias da Silva para o Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁹⁶ CÁNOVAS del Castillo, Antonio. *De cómo yo he venido a er doctrinariamente proteccionista, en problemas contemporáneos*. Tomo III, Madrid, 1890

⁹⁷ BOTELLA, Cristóbal. *El problema de la emigración*. Madrid, 2ª ed.1888, p.143

O Rio de Janeiro que foi a capital do Brasil entre os anos 1763 e 1960 (Colônia, Império e República)⁹⁸, conciliava o caos do período colonial com elemento da modernidade da *Belle Époque*, o que a tornava um centro urbano extremamente peculiar na América Latina. Para Carla Mary S. Oliveira, o Rio de Janeiro recém saído da escravidão e da monarquia, concentrava praticamente todos os grandes investimentos financeiros do Brasil e “na virada do século XIX, tinha atraído mais da metade dos imigrantes portugueses que resolveram tentar fazer fortuna no Brasil”⁹⁹. E esses imigrantes lusos trabalharam e deram a sua contribuição para o crescimento econômico da cidade do Rio de Janeiro. Este era o momento da nascimento da Primeira República no Brasil que surgiu sem a participação popular, mas a população mais pobre ficou esperançosa quanto ao novo regime¹⁰⁰. Foi nesta época que houve a denominada *Belle Époque*, em que os presidentes da República introduziriam reformas e novos hábitos de consumo, de arquitetura, de moda, de obras (saneamento básico).

O Rio de Janeiro precisava ser uma referência do novo regime e do progresso que estaria, e para demonstrar algumas das vantagens da República foi realizada uma reforma urbanística. Vários prédios, casas, cortiços e estabelecimentos foram demolidos para a construção da Avenida Central. A população foi desalojada e sem condições para pagar o alto valor dos imóveis que não foram demolidos durante a reforma, começaram a se direcionar para as encostas de morros no centro e nas áreas do subúrbio¹⁰¹. Embora o discurso republicano seja o exercício do poder em torno do bem comum, da igualdade política e da cidadania, a realidade das massas populares era bem diferente, uma vez que eram excluídos das tomadas de decisões políticas. Portanto, pode-se dizer que a República deixou a população pobre e os operários frustrados¹⁰².

Sobre a transformação da cidade do RJ, Lená Medeiros de Menezes debate que:

⁹⁸ MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración: achegas sobre a historia entre bastidores: portugueses e espanhóis como estudo de caso (Rio de Janeiro, 1890-1930)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Analise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p.127

⁹⁹ OLIVEIRA, Carla Mary S. *O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico*. In : Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, nº 3, 2009, p. 150

¹⁰⁰ CARVALHO, José Murilo de .*Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. RJ: Cia das Letras, 1987, p.12- 18

¹⁰¹ CHALLOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no RJ da Belle Époque*. Campinas: Ed Unicamp, 2001, p.135 Apud. CASTANHEIRA, Erika Chermont. *Os imigrantes na grande imprensa: aspectos da imigração sírio-libanesa para o Rio de Janeiro (1890-1929)*. Dissertação de Mestrado. UNIVERSO. Niterói, 2015

¹⁰² CARVALHO, José Murilo de .*Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. RJ: Cia das Letras, 1987, p.37 e 44

O Rio de Janeiro passou a ter uma face voltada para o futuro, expressando valores e interesses das elites políticas e urbanas, e a outra orientada para o passado, relegando negros e imigrantes pobres à exclusão total, acantonados na periferia e nos subúrbios, sujeitos a uma imposição de uma disciplina proposta e imposta pelo alto¹⁰³.

O que se via nas ruas do Rio de Janeiro eram nomes de restaurantes, cafés, artigos e costumes que remontavam a cultura francesa. Mas, todos os esforços das elites políticas para transformar a Capital Federal em um lugar “civilizado” eram derrubados pelos resquícios do seu passado escravista e colonial que tentaram esconder nas periferias e subúrbios.

De acordo com André Nunez Azevedo a reforma na cidade do Rio de Janeiro visava integrar as massas populares ao centro, mas dentro de uma perspectiva conservadora sendo compatível a visão de mundo europeia. Este autor explica que o projeto de modernização da capital foi executado por meio de duas vertentes: a do governo federal interessado em modernizar o Porto do Rio de Janeiro para melhorar o escoamento das mercadorias, pois o fluxo de importação era elevado e a da Prefeitura Municipal interessada em eliminar alguns problemas crônicos que surgiram com o rápido crescimento demográfico como: a falta de abastecimento de água, os focos de doenças como a febre amarela que afetava principalmente os imigrantes europeus, a precariedade da falta de higiene e de saneamento¹⁰⁴. Para Sidney Chalhoub, as teorias científicas serviram tanto para justificar as práticas racistas quanto para elaborar as políticas públicas na área da educação, porque o governo brasileiro iniciou o combate a febre amarela que afetava os imigrantes europeus e não demonstrou o mesmo empenho para combater a tuberculose, uma doença que vitimava diretamente a população negra¹⁰⁵.

Enfim, o que se almejava era que com essa reforma a cidade fosse vista como um grande corpo urbano que precisava ter seus órgãos vitais ligados. E foi pensando desta forma que as regiões Sul, o subúrbio carioca e outras áreas foram interligadas com a central da cidade, a mesma que desejavam torná-la moderna e salubre para os estrangeiros e parte da população da brasileira, porque como foi mencionado acima não havia o mesmo empenho para combater a tuberculose, doença que vitimava a população negra no Brasil.

¹⁰³ MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, Crime e Expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. RJ: EDUERJ, 1996, p.35

¹⁰⁴ AZEVEDO, André Nunes. *A reforma de Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana*. In: Revista Rio de Janeiro. RJ, n.10, p.39-79. Maio / Agosto 2003

¹⁰⁵ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. SP: Companhia das Letras, 1996, p.8 e 9. Apud: CASTANHEIRA, Erika Chermont. *Os imigrantes na grande imprensa: aspectos da imigração sírio-libanesa para o Rio de Janeiro (1890-1929)*. Dissertação de Mestrado. UNIVERSO. Niterói, 2015, p.16

Durante a Primeira República, cerca de 4 milhões de estrangeiros entraram no Brasil, e em muitos casos foram subsidiados pelo próprio governo brasileiro. De acordo com dados oficiais do IBGE e do Departamento Nacional de Imigração entre 1884 e 1968, entraram no Brasil 708.157 imigrantes espanhóis, e a distribuição deles por decênio, foi a seguinte:

Tabela 3: Entrada de imigrantes espanhóis no Brasil

1884 a 1893	103.116
1894 a 1903	102.142
1904 a 1913	224.672
1914 a 1923	94.779
1924 a 1933	52.405
1934 a 1943	6.571
1944 a 1953	46.486
1954 a 1963	75.036

Fonte: RAMOS, Arthur. *As culturas européias. Introdução à Antropologia Brasileira*. Volume 4. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante Brasil, 1973, p. 152

Os dados (da tabela 3) revelam que o auge da imigração espanhola foi no decênio de 1904 a 1913, sendo que só neste último ano entraram 41.064 imigrantes. O estado brasileiro que mais recebeu espanhóis foi São Paulo, e as fontes do Departamento Estadual de Trabalho revelam que entre 1856 e 1915, entraram 293.916 imigrantes oriundos da Espanha. Só entre 1902 e 1911, foram 110.923 espanhóis que chegaram a São Paulo. É importante mencionar que no Recenseamento de 1920, todos os imigrantes naturalizados como brasileiros foram incluídos na pesquisa como estrangeiros, e somente no Recenseamento de 1940 não contabilizaram como estrangeiros todos os indivíduos que já tinham sido naturalizados¹⁰⁶.

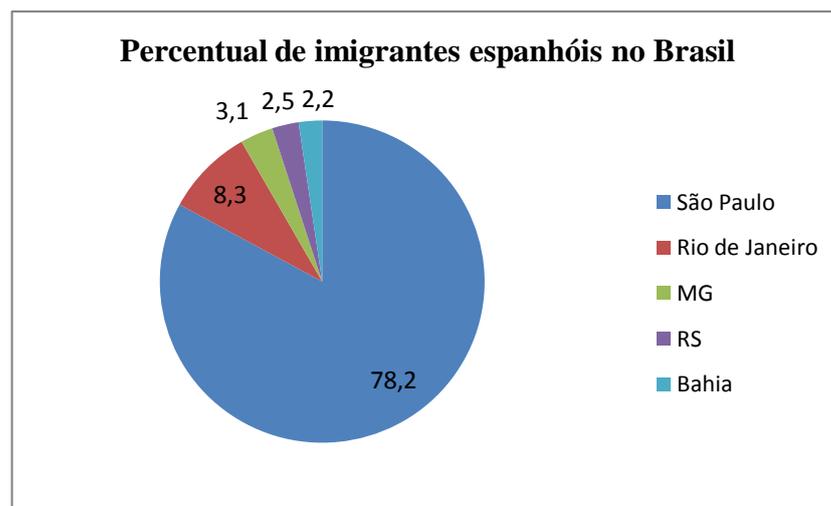
A proposta de “grande naturalização” de estrangeiros foi bastante liberal. Segundo a Constituição de 1891, no artigo 69 inciso 40, seriam considerados brasileiros todos os estrangeiros que estivessem no Brasil desde 15 de novembro de 1889, que não declarassem o desejo de conservar a nacionalidade de origem, no prazo de seis meses após a lei entrar em vigor. Posteriormente, em 1928, o Supremo Tribunal Federal decidiu que o imigrante para se

¹⁰⁶RAMOS, Arthur. *As culturas européias. Introdução à Antropologia Brasileira*. Volume 4. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante Brasil, 1973, p. 153

naturalizar brasileiro deveria ter a posse do título de eleitor e de uma declaração formal¹⁰⁷. Porém, o Censo de 1920, revela que o número de imigrantes que se naturalizaram no período foi bastante pequeno. Entre os 444374 estrangeiros que estavam nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro apenas 6.441 adotaram a cidadania brasileira¹⁰⁸.

O Censo 1920 traz uma reflexão sobre o baixo número de naturalização. O que podemos pensar é que este baixo número de naturalização pode representar o desejo de muitos imigrantes em retornar ao seu país de origem. E se este fosse o seu desejo, este motivo poderia explicar porque muitos imigrantes não demonstraram interesses em se envolver nos movimentos políticos e operários no Brasil.

Gráfico 1- Distribuição de imigrantes espanhóis nos estados brasileiros.



Fonte: Elaboração própria a partir de RAMOS, Arthur. *As culturas européias. Introdução à Antropologia Brasileira*. Volume 4. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante Brasil, 1973, p.153

Tendo por base os dados (do gráfico 1) do Recenseamento de 1920, foi possível registrar o total de 219.142 imigrantes espanhóis no Brasil e que a sua distribuição pelos estados ficaria assim: 171.289 (78,2%) em São Paulo, 18.221 (8,3%) no Rio de Janeiro, 6.809 (3,1%) em Minas Gerais, 5.359 (2,5%) no Rio Grande do Sul e 4.900 (2,2%) na

¹⁰⁷ FAUSTO, Boris. *Imigração e Participação política na Primeira República*. In: Seminário Temático, *Os imigrantes e a política no Brasil*. MG : XVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 22-25 de outubro de 1993, p.8

¹⁰⁸ CÂNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000, p.462

Bahia. No estado do Rio de Janeiro a presença espanhola pode ser notada, quando os pioneiros começaram a chegar na antiga Rua da Ajuda, que hoje é a atual Avenida Rio Branco.

Através das primeiras cadeias migratórias construídas pelos pioneiros que chegavam à cidade carioca, os espanhóis começaram a se aglomerar em algumas regiões, numa época bem anterior ao período de imigração massiva. Muitos dos que chegavam eram de diferentes províncias espanholas, e se aglomeraram na antiga Rua da Ajuda e em bairros próximos como Riachuelo, a Lapa (Rua dos Arcos), Visconde de Maranguape, Joaquim Silva e na rua Lavradio.

A Rua da Ajuda existiu até a construção da Avenida Rio Branco, em 1905. Entretanto, quando se iniciou a “revolução urbanística” do prefeito Pereira Passos (1902-1906) ela já não se chamava da Ajuda, passando a ser denominada Rua Chile, ficando reduzida ao que atualmente corresponde a Avenida Rio Branco e a Rua São José. As áreas atualmente ocupadas pela Cinelândia abrigavam, então, o Seminário São José, do lado do demolido Morro do Castelo, e o Convento das freiras da Ajuda¹⁰⁹.

Foi assim que as primeiras redes familiares galegas na parte Oeste da cidade do Rio de Janeiro se iniciaram e se aglomeraram na região.¹¹⁰ Muitos galegos, portugueses e italianos trabalharam nestas ruas com o comércio ambulante, uma atividade braçal que era monopolizada pelos escravos e desprezada pelos brasileiros. Sarmiento identificou que os “europeus civilizados” passaram a disputar com os africanos este setor do mercado de trabalho, que era considerado uma decadência social.¹¹¹ Para a autora, após a chegada sucessiva de novos imigrantes, algumas ruas se tornaram pontos de referência, não só pela localização estratégica – próximas dos locais de trabalho- como por já ter se estabelecido uma rede de vizinhança e parentesco, que oferecia aos recém-chegados um apoio profissional e sentimental¹¹².

Por que os galegos se aglomeraram nesta localidade territorial? Alguns fatores de ordem cultural e econômica podem tentar explicar esta aglomeração. O primeiro fator é que

¹⁰⁹ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.314

¹¹⁰ SARMIENTO, Érica. *Um passeio pelas ruas do Rio Antigo: os pioneiros galegos, a Rua da Ajuda e o mercado ambulante*. In: Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Nº3, 2009, p.95-115

¹¹¹ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.316

¹¹² SARMIENTO, Érica. *Os logradouros dos imigrantes galegos no paraíso tropical: as cadeias migratórias e as redes de solidariedade no Rio de Janeiro*. In: SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy (Orgs). *Novos olhares sobre a imigração Ibérica em América Latina (séculos XIX E XX)*. Niterói:Universo, 2011 , p.89-91

eles estariam vivendo próximo aos seus familiares e o segundo fator é que para realizar os seus projetos pessoais, muitos deles teriam que economizar os seus gastos. Sendo assim, muitos galegos escolheram as moradias econômicas como as pensões, hotéis e cortiços, para conseguirem juntar algum capital e adquirir imóveis no subúrbio da cidade e investir em um negócio próprio – hotéis e restaurantes, que eles consideravam bastante lucrativo¹¹³.

A forma mais comum para o imigrante galego se inserir na sociedade foi trabalhando no comércio, seja como proprietário ou empregado. Érica Sarmiento verificou que no Rio de Janeiro entre 1877 e 1939, as profissões declaradas pelos galegos inscritos no Consulado Espanhol destacaram-se: o comércio (46,42%), jornaleiro (29,3%), dona de casa (11,6%), canteiro (1,3%), cozinheiro (1,2%) e sapateiro (1,1%). Há uma dificuldade em se estabelecer uma escala ocupacional dentro da profissão predominante que é o comércio, porque esta tende a se inserir em outras funções como a cozinheiros, camareiros e lavadores de prato¹¹⁴.

A imigrante Manuela Lorenzo Losada, que nasceu em 09 de junho de 1941, na Província de Ourense, na Galícia. Filha de um lavrador, Manuela estava acostumada a viver e a trabalhar na roça. Era comum cultivar batata, milho, separar as espigas e até confeccionarem a própria roupa. Em entrevista ela relatou que chegou ao Brasil em 1958, aos 16 anos de idade ao lado do seu esposo Francisco Garcia Lorenzo, na época com 26 anos. Assim que pisaram em solo brasileiro foram morar em um quarto alugado na casa de uma senhora, na rua Conde de Irajá em Botafogo e, logo procuraram se inserir no mercado de trabalho,

Começamos a trabalhar. Meu marido foi lavar pratos. Foi uma luta, foi uma luta. Depois, meu marido passou para garçom. Depois que passou do lava prato, passou para garçom porque meu marido olhava muito para poder aprender. Aí eu sei que melhorou um pouquinho. Pagávamos um quarto e o resto era para comer¹¹⁵.

Assim como Manuela relatou muitos imigrantes, do primeiro e do segundo ciclo imigratório, foram trabalhar no comércio como lavadores de prato e, com o pouco dinheiro que ganhavam pagavam os aluguéis dos quartos.

¹¹³ SARMIENTO, Érica. *Os logradouros dos imigrantes galegos no paraíso tropical: as cadeias migratórias e as redes de solidariedade no Rio de Janeiro*. In: SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy (Orgs). *Novos olhares sobre a imigração Ibérica em América Latina (séculos XIX E XX)*. Niterói:Universo, 2011 , p.95-103

¹¹⁴ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006,p.128,129

¹¹⁵ Entrevista concedida por Manuela Lorenzo Losada em 04/02/2015, à Miriam Barros Dias da Silva para o Laboratório de Estudo de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A entrevista de Manuela Lorenzo Losada abordou um problema muito comum na vida de um imigrante. Muitos galegos em seu país de origem habitavam na zona rural, por isso trabalhavam no setor primário- como lavradores e agricultores- mas quando chegaram ao Brasil, tiveram que mudar de setor, porque passaram a morar nos centros urbanos. Para alguns imigrantes como Manuela mudar sua atividade profissional não foi uma tarefa fácil:

Eu, tentando trabalhar em casa de família, mas estava muito difícil, porque o meu marido era muito ciumento e não era qualquer casa que eu poderia ir. E naquela época trazia assim o jornal: empregada só se aceita portuguesa ou espanhola. (...) Aí, fui. Tentei várias casas, mas eu era uma pessoa assim, que sabia muito da roça. Sabia muito da minha vida lá. Mas aqui tudo era diferente! Eu não sabia fazer a comida como daqui, eu fazia lá. Mas eu não sabia fazer a comida, eu só sabia fazer a limpeza. Mas, tinha que me orientar como queria né¹¹⁶.

O seu depoimento abarca um dos problemas enfrentado pelo imigrante que deixa a vida no campo para morar na cidade: a mudança do setor primário para o setor de serviços. Mas, isso não significa dizer que as dificuldades e barreiras seriam intransponíveis. Afinal, muitos imigrantes conquistaram um êxito profissional.

De acordo com Xosé Manoel Núñez Seixas, apesar da inserção profissional da maioria dos imigrantes no setor do comércio ou na pequena indústria não seguirem formas biográficas tão favoráveis, isso não significa haver uma barreira intransponível a todos. Segundo o autor, alguns fatores contribuíram para a ascensão social de muitos imigrantes. São eles: a expansão do comércio varejista ou não profissional, o crescimento do mercado étnico nos centros urbanos, a densidade das redes microssociais e a incorporação da mão de obra dos imigrantes (por ser mais barata, parentes e conterrâneos) inseridos nas redes microssociais, enxergavam uma possibilidade de rápida ascensão social dentro no ramo comercial¹¹⁷.

Outro problema do imigrante recém-chegado era a moradia. Alugar um imóvel significaria ter um alto custo financeiro. Por isso muitos imigrantes procuravam casas que alugavam os quartos, pois assim gastariam menos com a sua acomodação. Na rua do Lavradio, nos números 38, 63, 77 e 170 havia várias casas que alugavam quartos. Uma hospedaria no número 77, chegou a acomodar mais de 50 famílias compostas por brasileiros, galegos e portugueses. Este local passou a ser chamado de cabeça-de-porco. De acordo com

¹¹⁶ Entrevista concedida por Manuela Lorenzo Losada em 04/02/2015, à Miriam Barros Dias da Silva para o Laboratório de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹¹⁷NUNEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Las pátrias ausentes. Estudios sobre historia y memoria de las migraciones ibéricas (1830-1960)*. Genuève. Ediciones, 2014, p.326

Sarmiento, “As pensões baratas, como os pequenos hotéis, os grupos de quarto e cabeças-de-porco, foram uma realidade da imigração galega e portuguesa”¹¹⁸. Portanto, foi na segunda metade do século XX, que muitos galegos se fixaram na antiga Rua da Ajuda e dos bairros da Lapa e Riachuelo para estarem mais próximos de seus familiares, além do fato dos custos com as hospedagens serem menores.

Ao comparar o caso dos galegos no Rio de Janeiro com o dos libaneses, notam-se algumas semelhanças como a de: os pioneiros começaram a trabalhar em ofícios urbanos e comerciais e, ao obterem sucesso profissional começaram a convidar e a custear as passagens para trazerem para o Brasil os seus familiares e amigos. E assim, formaram redes de sociabilidade. Mas, há uma diferença entre os galegos no Rio de Janeiro e os árabes. Enquanto o segundo grupo étnico não se concentrou em um único lugar, espalharam-se entre o Norte e o Sul do Brasil, o primeiro grupo costumava ficar mais concentrados¹¹⁹.

Como muitos galegos viviam em condições semelhantes, alguns deles conseguiam sócios e adquiriam alguns imóveis que se transformariam em hospedarias. Estas pequenas partes da sociedade eram denominadas “pontos”. Muitos galegos tornaram-se donos de hospedarias porque o investimento não era muito alto, visto que os seus clientes, a classe trabalhadora, não eram muito exigentes com as instalações. De acordo com Érica Sarmiento, geralmente, gastavam dois contos de réis com cadeiras, camas e lavatórios, enquanto nos quartos consideram nobres, acrescentavam uma mesinha de cabeceira. Até na década de 1960, muitos galegos continuaram comprando hotéis na Rua do Lavradio¹²⁰. Sabe-se que a ocupação profissional dos galegos de Pontevedra e dos vizinhos de Santa Comba no Rio de Janeiro está vinculada as pensões, bares, hotéis e ao setor de hotelaria, até hoje controlados por este grupo étnico¹²¹. Diante disso, percebe-se que o negócio seria bastante rentável para aqueles que almejavam a ascensão social e ganhar dinheiro rapidamente.

Sobre esta possibilidade de ascender socialmente, o imigrante percebe que as chances seriam boas em determinados setores comerciais, mas para alcançar um êxito no empreendimento, teria que ampliar a sua instrução, na alfabetização e na contabilidade dos

¹¹⁸ SARMIENTO, Érica. *As parroquias cariocas: vivenda e traballo dos galegos nas parroquias centrais de Río de Xaneiro (final do século xix e século xx)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, 2011, p.108

¹¹⁹ CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *Imigrantes libaneses no Brasil: A representação literária do choque entre culturas*. In: Oliveira, Paulo César; CARREIRA, Shirley de Souza Gomes (Orgs). *Memória e Identidade: Ensaios*. RJ: Edições Galo Branco, 2011, p.204

¹²⁰ SARMIENTO, Érica. *As parroquias cariocas: vivenda e traballo dos galegos nas parroquias centrais de Río de Xaneiro (final do século xix e século xx)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, 2011, p.109-110

¹²¹ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.180

negócios¹²². No Brasil, no começo do século XX, o fato do imigrante saber ler e escrever era considerado uma vantagem na hora da disputa por emprego com os analfabetos e a população brasileira que nos assuntos sociais estava desamparada pelo governo¹²³. O Censo de 1920, revelou que apesar dos imigrantes serem numericamente menor, o número de estrangeiros alfabetizados era muito satisfatório se comparado ao dos brasileiros. O recenseamento de 1920 constatou que no Rio de Janeiro a população alfabetizada em 1.000 habitantes eram 495 brasileiros e 683 estrangeiros, e o entre os analfabetos eram 595 brasileiros e 317 estrangeiros. Chegou-se a porcentagem de 68% de estrangeiros e 59% de brasileiros eram alfabetizados no Rio de Janeiro¹²⁴. Os dados do Censo de 1920, apesar de demonstrarem um avanço na alfabetização da população, ressalta que o Estado falhou com a mesma, porque na época faltava políticas públicas que inserissem as massas nas transformações sociais¹²⁵. E no caso dos estrangeiros, Sarmiento salienta que o critério utilizado para distinguir um analfabeto de um alfabetizado era saber assinar o nome. Sendo assim, dos galegos investigados nas fichas do Consulado Espanhol entre 1877-1930, será que os 88,30% eram realmente alfabetizados? Os imigrantes galegos poderiam até saber ler e escrever, mas isso não quer dizer que eles possuíam um alto nível de instrução intelectual. Muitos deles poderiam ser analfabetos funcionais.

Muitos imigrantes conseguiram aumentar o lucro nos negócios já no começo do século XX, porque alugavam vários quartos diariamente, por algumas horas, para prostitutas. E foi assim, ampliando a sua rede de contato que muitos conseguiram ocupar os quartos durante o dia, visto que a classe trabalhadora só chegava na hora do pernoite¹²⁶. Nota-se que por oferecerem serviços baratos aos trabalhadores das classes baixas, eles também transformaram as hospedarias em locais de prostituição do baixo meretrício carioca. E este ato de alugar os quartos para as prostitutas provocou a insatisfação nas autoridades, e muitos galegos foram processados, acusados de crimes contra a ordem e a moral pública.

Segundo Lená Medeiros de Menezes, a vagabundagem era uma infração de amplo alcance que ia do desenvolvimento de práticas ilícitas ao mendigo que vivia de caridade

¹²² SEIXAS, Xosé Manuel Nunez. *Las remesas invisibles. Algunas notas sobre la influencia socio-política de la emigración transoceánica em Galicia (1890-1930)*. In: Estudios Migratorios Latinoamericanos, nº27, 1994, p.308

¹²³ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.153

¹²⁴ Recenseamento do Brazil, 01 de setembro de 1920, volume IV, 4ª parte, População (Districto Federal)

¹²⁵ MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, Crime e Expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. RJ: EDUERJ, 1996, p.19

¹²⁶ SARMIENTO, Érica. *As parroquias cariocas: vivenda e traballo dos galegos nas parroquias centrais de Río de Xaneiro (final do século XIX e século XX)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, 2011, p.111

pública, além daquele que vivia da exploração sexual de mulheres¹²⁷. Caberia ao Estado controlar não apenas a entrada do imigrante, mas também o seu comportamento e o de sua família no país¹²⁸.

Muitos estrangeiros foram processados e expulsos do Brasil. Lená Medeiros de Menezes analisou 252 processos criminais contra estrangeiros, 171 eram portugueses e 81 eram espanhóis indesejáveis. A sua pesquisa revelou a distribuição segundo as acusações dos delitos: 70 acusados de serem anarquistas e comunistas, 83 de roubos e furtos, 41 de cativeiro e lenocínio, 41 de vagabundagem e mendicância e 17 de outros crimes¹²⁹. Muitos que moravam em praças públicas eram estrangeiros impossibilitados de trabalhar, uns já estavam com a idade bastante avançada e não conseguiam mais se inserir no mercado de trabalho. E outros, mendigavam porque sofreram algum tipo de acidente de trabalho que comprometera a sua integridade física (membros inferiores decepados). Estes imigrantes que perambulavam pelas ruas da capital brasileira eram repudiados, tanto que o *Jornal Correio da Manhã*, em 15 de agosto de 1917, publicou um artigo que pedia a extradição deles: “ Parece também que deveriam ser remetidos para seus países os mendigos estrangeiros (...) que transformam a nossa capital em nova corte dos milagres de repugnantes tradições”¹³⁰.

O fato de muitos estrangeiros serem pobres e não terem uma qualificação profissional os conduzia a aceitar qualquer tipo de trabalho que lhe fosse oferecido. Não importava se as condições eram precárias (longas jornadas de trabalho, baixos salários e a falta de assistência médica em caso de enfermidade) desde que garantisse a sua sobrevivência no Brasil, eles aceitariam o emprego. Mas alguns destes imigrantes inseridos no mercado de trabalho começaram a ficar insatisfeitos com as condições em que trabalhavam e viviam e, o governo começou a perceber que a crença de “branqueamento” da população poderia se tornar, na verdade, um grande problema de desordem política.

A imprensa carioca, como os periódicos *O Paiz* e o *Correio da Manhã*, tiveram grande influência na formação dos estereótipos sobre os imigrantes. Nestes veículos de

¹²⁷ MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración:achegas sobre a historia entre bastidores:portugueses e espanhóis como estudo de caso (Rio de Janeiro, 1890-1930)*.In:Estudos Migratorios. Revista Galega de Analise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p.136

¹²⁸ SARMIENTO, Érica *A presença dos espanhóis no Rio de Janeiro:história e cultura na sociedade carioca*. In: Oliveira,Paulo César;CARREIRA,Shirley de Souza Gomes (Orgs). *Memória e Identidade: Ensaio*.RJ: Edições Galo Branco,2011,p. 104-105

¹²⁹ MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración:achegas sobre a historia entre bastidores:portugueses e espanhóis como estudo de caso (Rio de Janeiro, 1890-1930)*.In:Estudos Migratorios. Revista Galega de Analise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p129-133

¹³⁰ *Correio da Manhã*.15 de agosto de 1917. Apud. MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración:achegas sobre a historia entre bastidores:portugueses e espanhóis como estudo de caso (Rio de Janeiro, 1890-1930)*.In:Estudos Migratorios. Revista Galega de Analise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p.138

comunicação, intelectuais e políticos expressavam as suas opiniões a cerca da imigração e conseguiram formar uma opinião pública em seus eleitores. A imagem que se criou e polarizou é a de que o brasileiro era um povo ordeiro, enquanto o estrangeiro era o desordeiro. Portanto, muitos imigrantes passaram ser denominados como “os indesejáveis”.

Existiam dois tipos de imigrantes indesejáveis e perigosos. Os primeiros, eram os que atuavam no mundo do trabalho, os anarquistas, que participavam das militância nas ruas, nos sindicatos e nas greves, já os segundos eram aqueles que atuavam no mundo do crime, os vadios, mendigos e marginalizados e os envolvidos em tráfico de mulheres¹³¹. E já que eles eram considerados perigosos, para manter a ordem, o poder Executivo com o apoio administrativo da polícia, começou a expulsá-los do Brasil. Esta atitude do governo chegou a ser debatida na imprensa carioca como o jornal *O Paiz*,

Expulsando do seu território há dias um estrangeiro, o governo do Brazil usou um direito incontestável, a propósito do qual só há a considerar a falta de uma lei especial, regulando tanto quanto possível o exercício d’essa poderosa faculdade. De modo nenhum está em discussão a justiça do acto. Temos dito e repetido que o sentimento liberal do governo, o seu respeito á opinião pública, as garantias que tem procurado cercar os seus censores, nem sempre com medidos, impõem-se á estima e ao aplauso de todos republicanos¹³².

A questão debatida no artigo foi a inexistência de uma lei específica para expulsar os estrangeiros do Brasil, porque ela legitimaria o ato e serviria para coibir abusos de poder. Então, em 07 de janeiro de 1907, foi promulgado o decreto nº 1.641:

Art.1º- O estrangeiro que, por qualquer motivo, comprometer a segurança nacional ou a tranqüilidade pública, pode ser expulso de parte ou de todo território nacional.

Art.2º - São também causas bastantes para a expulsão:

1ª a condenção ou processo pelos tribunaes estrangeiros por crimes ou delictos de natureza commum;

2ª duas condemnações, pelo menos, pelos tribunais brasileiros, por crimes ou delictos de natureza commum;

3ª a vagabundagem, a mendicidade e o lenocínio competentemente verificados.

Art.3º- Não poderá ser expulso o estrangeiro que residir no território da República por dous annos continuos, ou por menos tempo, quando:

a) Casado com brasileira;

¹³¹ MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, Crime e Expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. RJ: EDUERJ, 1996,p.91

¹³² *O Paíz*. Rio de Janeiro, 30 de março de 1901. Disponível em : <http://www.bn.br> . Acessado em 19/08/2016

b) vivo com filho brasileiro.¹³³

Por isso, nas primeiras décadas do século XX, desenvolveu-se uma política imigratória ambígua na sociedade brasileira, que ora incentivava a presença do imigrante, e ora queria expulsá-lo. E foi sob iniciativa do senador Adolpho Gordo que criaram a primeira lei de expulsão de estrangeiros, conhecida como “Lei Gordo”. Poderia ser expulso de parte ou de todo o território brasileiro o estrangeiro que, “por qualquer motivo comprometesse a segurança nacional ou a tranqüilidade pública, tivesse condenações dentro e fora do país por vagabundagem, mendicidade e lenocínio”¹³⁴.

O imigrante português Adolpho de Barros¹³⁵ nascido em 04 de julho de 1907, desembarcou no porto do Rio de Janeiro, aos 22 anos de idade, em 04 de junho de 1929. Ele trouxe consigo um atestado médico que comprovava ter tomado as vacinas necessárias e que não tinha nenhuma doença que o impedisse de embarcar para o Brasil. O Departamento de Saúde Pública fiscalizava as condições de saúde do estrangeiro, e só o encaminharia para o campo se comprovasse estar quite com o Ministério da Justiça¹³⁶. Adolpho de Barros também apresentou um atestado (ver o anexo: imagem 1) destacando ser um trabalhador com bom comportamento moral, e que não participava de greves e não era bolchevista.

O imigrante português Adolpho de Barros quando chegou ao Brasil era solteiro e lavrador, e passou a residir na rua Mem de Sá nº 143, em Niterói. Após 11 anos morando no Brasil, ele decidiu solicitar a Secretária de Segurança Pública em 18 de dezembro de 1940, o seu Registro de Estrangeiro (ver o anexo: imagem 2) na espécie permanente. E como naquela época os registros podiam ser feitos pela polícia, o documento foi direcionado ao Delegado de Ordem Pública e Social do Estado. E seguindo os critérios estabelecidos pelo decreto 3.010, de 20 de agosto de 1938, o processo de Adolpho de Barros (na época com 34 anos) foi concluído em 28 de novembro de 1941.

A análise da documentação do imigrante Adolpho de Barros, nos permitiu visualizar que a grande preocupação do Estado não era apenas com o tipo de imigrante que estava no Brasil, se ele era qualificado profissionalmente, ordeiro, saudável e, facilmente assimilável aos nossos costumes. Verificou-se uma preocupação do governo brasileiro em relação ao

¹³³ Decreto Lei nº1.641, de 07 de janeiro de 1907

¹³⁴ MATOS, Maria Izilda Santos. *Entre suspeitos, perseguidos e expulsos: São Paulo 1934-1940*. In: VIANNA, Marly de Almeida; SARMIENTO, Érica; GONÇALVES, Leandro(Orgs). *Presos políticos e perseguidos na Era Vargas*. 1ª Ed.RJ:Mauad X:Faperj, 2014,p59

¹³⁵ Os dados encontram-se no Arquivo Nacional no Estado do Rio de Janeiro- Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras do Rio de Janeiro, nº do processo10125.

¹³⁶ A NOITE. Rio de Janeiro, 05/07/1920, p. 3. Apud: Coutinho, David Barreto. *Políticas imigratórias e as instituições burocráticas no governo Vargas (1930-1945)*. Tese de Mestrado em História. UERJ, 2015,p.19

comportamento dos imigrantes em outros países, tanto que os imigrantes condenados por crimes em outras nações poderiam ser expulsos do Brasil. Percebe-se que esta preocupação em relação a conduta e ao comportamento não ficou restrita ao governo brasileiro, porque muitos imigrantes para comprovar ter bons antecedentes, já traziam consigo um atestado afirmando que não participavam de greves e que se dedicavam ao trabalho. Enfim, notou-se que os próprios imigrantes se preocupavam em provar que tinham bom comportamento em seus países de origem, tanto que traziam documentos que atestavam isto, como foi verificado no de Adolpho de Barros.

Alguns imigrantes tiveram que enfrentar um processo de expulsão do Brasil por se declararem anarquistas e, muitas condenações foram baseadas apenas em depoimentos de testemunhas que eram, normalmente, os próprios policiais. Segundo Elizabeth Cancelli, os estrangeiros condenados à expulsão tinham grandes dificuldades em recorrer da sentença, primeiro porque deveriam levar o caso para o Poder Executivo por intermédio do Ministério da Justiça e, segundo, porque a maioria dos condenados se encontrava presa e, em terceiro porque o prazo para recorrerem da sentença era curto de três a trinta dias após a condenação. Normalmente, os casos de expulsão de estrangeiros se relacionavam à questão de ordem pública e segurança nacional, por isso algumas arbitrariedades eram cometidas pelo governo.¹³⁷ Segundo Alexandre Samis, no Rio de Janeiro entre os presos anarquistas quase todos eram imigrantes, alguns franceses outros espanhóis, e ainda italianos e durante os seus depoimentos sempre apareciam palavras como: dinamite, punhal e incêndio¹³⁸.

Em alguns casos, os estrangeiros eram acusados injustamente, mas em outros verificou-se algumas práticas ilegais. Alguns brasileiros e imigrantes que tiveram uma ativa participação no movimento operário e no desenvolvimento de uma imprensa direcionada aos trabalhadores, buscaram alcançar melhorias através de práticas ilegais.

Debe ser observado, namentres, que a pobreza non era a causa obrigatoria do crime. Razóns cuxa explicación foxe do campo da Historia explicaban por que uns se deixaban seducir polo crime mentres outros permanecían apostando por camiños lícitos para sobreviviren, suxeitándose ás duras condicións de traballo e movéndose de emprego en emprego na procura de mellores oportunidades¹³⁹.

¹³⁷ CANCELLI, Elizabeth. *A cultura do crime e da lei (1889-1930)*. Brasília:UNB,2001,p.211

¹³⁸ SAMIS,Alexandre.*Pavilhão negro sobre Pátria Oliva:Sindicalismo e Anarquismo no Brasil*. In: COLOMBO, Eduardo etall. *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo, Imaginário, São Caetano do Sul:IMES, 2004, p.148

¹³⁹ MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración:achegas sobre a historia entre bastidores:portugueses e españois como estudo de caso (Rio de Xaneiro, 1890-1930)*.In:Estudos Migratorios. Revista Galega de Analise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p.132

Alguns imigrantes portugueses e espanhóis recorreram à sabotagem fazendo o uso de bombas. Os imigrantes que usavam explosivos eram denominados “dinamiteiros”, como o português Alexandre Valente Coutinho que além de explodir um centro comercial e o Clube Naval, mantinha em sua casa um depósito de explosivos que foi descoberto pela polícia. Um fato que certamente reforçou a ideia de que os imigrantes eram os importadores das ideias anarquistas, e logo, perigosos¹⁴⁰. Diante disso, Boris Fausto diz que a visão positiva que se tinha do imigrante foi tornando-se negativa, porque muitos estrangeiros participaram das greves operárias entre 1917 e 1920, e agora a imagem deles era associada aos “*agitadores alienígenas*”¹⁴¹.

A radicalização da política de repressão aos anarquistas promoveu o ajuste da “Lei Gordo” em 1921, que deu ao Executivo poderes para decidir sobre a expulsão dos estrangeiros. Para Ismara Izepe, tal ajuste retirará do Poder Judiciário mecanismos que limitava as arbitrariedades, o que favoreceu os desmandos ao sabor das conveniências políticas¹⁴². A partir de 1920, foi aplicada com maior intensidade a lei dos indesejáveis¹⁴³, que eram os estrangeiros que contestavam a ordem instituída nas primeiras décadas do século XX, que juntos aos brasileiros espalhavam as ideias socialistas, comunistas e anarquistas e que atuavam no movimento operário.

Os debates políticos foram contemplados pela lei que serviria para distinguir o estrangeiro que era trabalhador e ordeiro, daquele imigrante perigoso e desordeiro. Mas, a verdade é que muitos estrangeiros foram presos e acusados de vadiagem, sendo que eram trabalhadores desempregados. Portanto, ficavam sujeitos à expulsão, pois cabia a polícia identificar quem era o vadio e quem era o desempregado. E ainda havia os casos em que o direito aos *Habeas-Corpus* foram desrespeitados, e muitos estrangeiros foram levados à força aos navios e expulsos sem ter acesso à justiça.

Entre 1907 e 1930, na cidade do Rio de Janeiro, os imigrantes pobres passaram a ser visto como indivíduos nocivos para a sociedade e perigosos para os interesses da República.

¹⁴⁰ SARMIENTO, Érica. *Greves, dinamites e boicotes: galegos anarquistas no Rio de Janeiro*. Revista Maracanan, RJ, nº6, 2010, p.90

¹⁴¹ FAUSTO, Boris. *Imigração e Participação política na Primeira República*. In: Seminário Temático, *Os imigrantes e a política no Brasil*. MG : XVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 22-25 de outubro de 1993, p.9

¹⁴² SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)*. SP: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005, p.161

¹⁴³ Decreto nº 6.455, de 19 de Abril de 1907 Disponível em http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-6455-19-abril-1907-502417_publicacaooriginal-1-pe.html Acessado em 17/03/16

O governo brasileiro queria não apenas saber quem eram os imigrantes que desejavam entrar no Brasil, e sim saber o que faziam os que já estavam em solo nacional. Era importante para ordem política e social saber como estes imigrantes se comportavam no solo brasileiro. Para aqueles que eram considerados uma ameaça ao projeto nacional, a solução encontrada foi à abertura de processos de expulsão. Na época alguns intelectuais discutiram sobre as mudanças políticas e outros como Francisco Campos e Azevedo Amaral, justificaram que para se alcançar a modernização do país deveriam implantar um Estado autoritário¹⁴⁴.

Depois da crise de 1929, tem-se a intervenção do Estado na economia nacional. Mudanças aconteceram no país a partir de 1930 e o Estado, ao organizar as suas políticas públicas passaria a ter um papel a cumprir: o poder seria centralizado no Executivo federal, afastando progressivamente as influências consideradas negativas e as forças oligárquicas. Outra modificação foi a forte crítica ao liberalismo, considerado por muitos, um sistema de grande fragilidade. Nota-se o fracasso da experiência liberal da Primeira República, porque não havia conseguido integrar o homem ao território brasileiro e a sua ordem política era mais pautada em poderes locais do que em um poder central. E finalizando a fase de modificações, iniciou-se um processo de nacionalização a fim de desarticular os mecanismos que privilegiavam o comando das oligarquias.

1.2- O GOVERNO BRASILEIRO E OS ESPANHÓIS DA SEGUNDA IMIGRAÇÃO.

No Brasil, entre 1930 e 1960, se buscava o desenvolvimento econômico e a modernidade política, combinando a tradição e a mudança social. Também foi neste período em que o populismo¹⁴⁵ esteve presente no cenário político nacional, desde o presidente da república Getúlio Vargas até outros governantes (1945-1964). Com a Revolução de 1930, começou a denominada Era Vargas(1930-1945), uma época em que a figura carismática de Getúlio se popularizou. Por meio da inclusão política de setores da população, mesmo que de forma limitada, e pelos direitos trabalhistas, Vargas passou a ser visto por muitos como o protetor dos trabalhadores, destacando a sua simplicidade e simpatia. O governo de Vargas visava promover uma legislação social e trabalhista, direcionada para a grande massa de

¹⁴⁴ FAUSTO, Boris. *O Estado Novo no contexto internacional* In: PANDOLFI, Dulce (org.). “*Repensando o Estado Novo*” 1999, p.115.

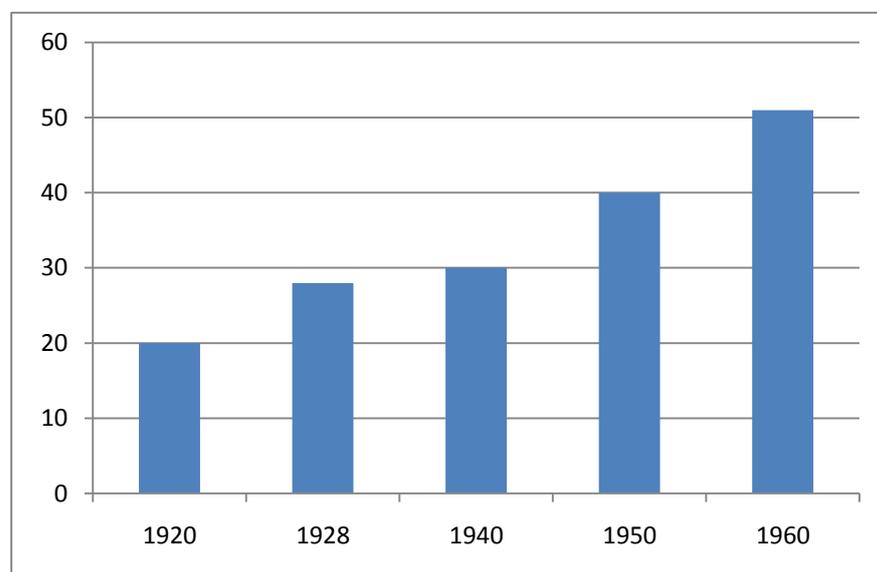
¹⁴⁵ O populismo foi uma forma de se fazer política em que seduzia-se os grupos sociais de menor poder aquisitivo, a massa de trabalhadores e eleitores, por meio de medidas que representavam ou pareciam representar seus interesses. O líder populista deveria estar se comunicando com o povo, ser popular e carismático. Para Angela de Castro Gomes depois de Vargas, outros políticos foram chamados de populistas em algum momento em que estiveram no poder: Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart.

trabalhadores urbanos, especialmente durante o Estado Novo. Mas vale mencionar que neste mesmo governo do presidente Vargas, conhecido como o “pai dos pobres”, muitos brasileiros e também estrangeiros foram presos, torturados e alguns mortos.¹⁴⁶

Um dos principais articuladores da Revolução de 30 que conduziu Getúlio Vargas ao poder foi Oswaldo Aranha, um político gaúcho que ocupou vários cargos no governo (Ministério da Justiça e Negócios Interiores entre 1930-1934, Ministro da Fazenda, embaixador nos EUA, Ministério das Relações Exteriores em 1938) e , que tenta solucionar o problema imigratório. Sua proposta era não só organizar, mas em suas próprias palavras “disciplinar o fluxo imigratório de maneira que entrassem no Brasil indivíduos dispostos a investir na estrutura econômica do país e assimilar-se a partir de seus parentes já enraizados culturalmente no Brasil¹⁴⁷.

No ano de 1930, foi realizado um novo censo sobre a população e a sociedade brasileira pelo Laboratório de Estatísticas do IBGE. A autora Angela de Castro Gomes, utilizou os dados encontrados nas tabelas do *Anuário estatístico do Brasil* de 1960, que contém informações dos censos dos seguintes anos: 1920, 1940, 1950 e 1960.

Gráfico 2- Crescimento da população brasileira de 1920 a 1960 (em milhões)



Fonte: Adaptação do gráfico de GOMES, Angela de Castro (Coord). *Olhando para Dentro 1930-1964*. Volume 4. *História do Brasil Nação:1808-2010*. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre e Objetiva,2013,p.49

¹⁴⁶ GOMES, Angela de Castro (Coord). *Olhando para Dentro 1930-1964*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Direção). *História do Brasil Nação:1808-2010*. Volume 4. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre e Objetiva em coedição, 2013,p.28-29

¹⁴⁷ FAUSTO,Boris. *A vida Política*. GOMES, Angela de Castro (Coord). *Olhando para Dentro 1930-1964*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Direção). *História do Brasil Nação:1808-2010*. Volume 4. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre e Objetiva em coedição, 2013,p.91

Verifica-se no gráfico 2, que entre os anos de 1920 e 1960, a população que era de 30.638.607 habitantes, chegou a 51.151.629 habitantes. Por que houve o crescimento da população brasileira entre 1920 a 1960? Este aumento populacional pode ser explicado pela descoberta de antibióticos, as políticas públicas de saneamento básico e de assistência médica, as campanhas de dedetização e de vacinação e pelo combate de doenças transmissíveis. Todos esses fatores contribuíram para a diminuição dos índices de mortalidade em todas as faixas etárias de idade, e conseqüentemente, aumentaram os anos de expectativa de vida¹⁴⁸.

Segundo Angela de Castro Gomes, a origem do aumento populacional no Brasil entre 1930 e 1960, foram os fatores internos como a queda nas taxas de mortalidade, porque entre 1931 e 1963, apenas 1.106.404 estrangeiros entraram em solo brasileiro. Neste mesmo período, o que se visualizava no cenário político era o desdobramento da crise internacional de 1929, o conflito da Segunda Guerra Mundial e o fim da imigração subsidiada que provocou um declínio do fluxo migratório.

Em relação ao desenvolvimento do Brasil, o governo ainda precisava identificar alguns fatores sociais modificados no perfil sociodemográfico da população, pois não se pode enfrentar os problemas sem conhecê-los. Foi pensando em conhecer a nova realidade da população brasileira que em 1936, o governo de Getúlio Vargas criou o Instituto Nacional de Estatística, o INE, para obter informações quantitativas e precisas de seu povo e seu território, antes de elaborar as políticas econômicas, sociais e de segurança nacional. Após a implantação do Estado Novo, o INE foi reformulado em 1938, e passou a ser o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, que era totalmente subordinado ao Executivo federal.

Em 23 de março de 1938, com o decreto-lei nº 1.532, a imigração ganhou o status de problema político que comprometeria a segurança nacional, por isso foi subordinada ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Nota-se que a política imigratória do Estado Novo não se limitava a permitir ou proibir a entrada de imigrantes, mas a condicionar os interesses destes imigrantes aos da política nacional e a dos grupos internos. Através do decreto-lei nº 406¹⁴⁹, criado em abril de 1938, foi determinado que o governo federal poderia limitar ou suspender a entrada de estrangeiros por razões econômicas, raciais ou sociais. Tendo por base

¹⁴⁸PATARRA, Neide L. *Dinâmica populacional e urbanização no Brasil: o período do pós-30*. In: FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira*. SP: Difel, 1995; Apud. GOMES, Angela de Castro (Coord). *Olhando para Dentro 1930-1964*. Volume 4. *História do Brasil Nação: 1808-2010*. 2013, p.49

¹⁴⁹ Decreto Lei nº 406, de 1938. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html> . Acessado em 18/03/2016

este decreto, criou-se em setembro de 1938, um dos aparelhos estatais do Estado Novo, o Conselho de Imigração e Colonização.

O Conselho de Imigrantes e Colonização era o órgão que controlava a entrada, o direcionamento de imigrantes na ocupação do território nacional e a formação de colônias agrícola proposta pelo Estado Novo. Era um órgão muito importante, tanto que os seus integrantes eram escolhidos diretamente pelo presidente, e os mesmos já ocupavam outras funções no governo. Cabia a esta instituição conceder os vistos aos estrangeiros e realizar estudos referentes à imigração. Era um órgão ligado ao Ministério das Relações Exteriores e funcionou dentro do palácio do Itamaraty, até 30 de julho de 1939. Através do decreto-lei nº 310, coube ao Conselho de Imigração e Colonização a função de estabelecer o cálculo das cotas imigratórias e fixar os trabalhadores nas áreas rurais do Brasil e esta tarefa seria dividida com o Departamento Nacional de Imigração, que era o antigo Departamento Nacional de Povoamento (1930), que controlaria o preenchimento de cotas dos imigrantes.

O Conselho Imigração e Colonização deveria receber do Itamaraty informações dos consulados a respeito dos números de vistos concedidos e também pedidos para aumento de cotas de imigração, destinando-se 80% do valor total destas cotas aos indivíduos ligados ou interessados na agricultura. O Conselho também deveria realizar um cadastro dos estrangeiros residentes no país com a finalidade de tomar conhecimento sobre esta parcela da população¹⁵⁰.

No projeto do Estado Novo, o trabalhador brasileiro é visto como o centro da nação, e seria função do governo garantir o emprego e acesso às propriedades de bens materiais. Sendo assim, para o Conselho de Imigração e Colonização se o imigrante representasse uma ameaça à política demográfica do Estado, o mesmo deveria livrar a sociedade brasileira desses estrangeiros indesejáveis em prol da ordem e da integridade do projeto nacional. A lei brasileira, Decreto-lei nº 383 de 18 de abril de 1938, impedia qualquer atividade política e partidos políticos estrangeiros em solo brasileiro. Percebe-se que o governo brasileiro continuava se preocupando com as atividades dos estrangeiros no Brasil, tanto que em novembro deste mesmo ano, nacionalizava-se o ensino, proibindo idiomas e subsídios estrangeiros nas escolas¹⁵¹.

¹⁵⁰ BERLAMINO, Camila Almeida. *Diálogos para construir uma nação: continuidades da questão nacional no pensamento social brasileiro nas páginas da Revista de Imigração e Colonização*. 2012 p.65

¹⁵¹ SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)*. SP: Associação Ediatorial Humanitas, Fapesp, 2005, p.151 e 187

Vigiar os estrangeiros significava impor limites às atividades deles no Brasil, para que o Estado colocasse em prática a valorização do projeto nacional. Por isso, o governo vai estabelecer uma política de ocupação do território e de controle dos trabalhadores, para saber quem eles são e para onde se destinariam as massas de trabalhadores.

O decreto-lei nº 1545, de 25 de agosto de 1939¹⁵², estabelecia que imigrantes da mesma nacionalidade estariam proibidos de se concentrarem em uma só região ou um só estado brasileiro. O governo brasileiro entendia que a concentração de muitos estrangeiros em uma área prejudicaria a unidade nacional, porque eles poderiam formar comunidade isoladas, como acontecera no passado nas colônias do sul. Este assunto foi retratado em um artigo publicado na Revista de Imigração e Colonização,

Era uma missão de o Estado Novo zelar pelas colônias evitando que, como no passado estas se constituíssem em comunidades isoladas. Mesmo nas colônias estrangeiras em processo de nacionalização por parte do Estado, era necessário o uso de vigilância e inspeções secretas, a fim de evitar a formação de “Estados dentro do próprio Estado”¹⁵³.

Portanto, o decreto pretendia inibir a formação de novas colônias estrangeiras e também fiscalizar as zonas de colonização já existentes. Como a imigração adquiriu um status de perigo à ordem pública, o governo não queria a formação de quistos étnicos nas cidades, por isso, o decreto-lei de janeiro e setembro de 1940, era destinado, prioritariamente, ao trabalhador brasileiro à concessão de terras nas fronteiras agrícolas. O mesmo ocorreu com o decreto-lei de fevereiro de 1941, que organizava as colônias agrícolas beneficiando o trabalhador brasileiro em detrimento do estrangeiro.

Em 06 de fevereiro de 1939, o decreto-lei nº 3691¹⁵⁴, aprovou as atribuições e funções do Conselho que iria sugerir ao governo a proibição total ou parcial da entrada de imigrantes. Além de propor medidas sobre assimilação e concentração de imigrantes em qualquer ponto do território e promover estudos sobre colonização e o desenvolvimento de áreas que ofereçam condições econômicas favoráveis ou que necessitassem de rápido povoamento e etc. Sabe-se que era a partir dos estudos realizados pelo Conselho de Imigração e Colonização que o Ministério das Relações Exteriores redigia as suas recomendações sobre a imigração.

¹⁵²Decreto lei 1545, de 25 de agosto de 1939. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-1545-25-agosto-1939-411654-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 18/03/2016

¹⁵³ Revista de Imigração e Colonização nº 4, outubro de 1940, p. 703.

¹⁵⁴Decreto Lei nº 3.691, de 06 de fevereiro de 1939. Disponível em <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=11996>. Acessado em 20/09/2016

Portanto, era muito grande a sua influência sobre as decisões do Itamaraty no que se refere às correntes imigratórias.

A partir de 1940, verifica-se que a necessidade do governo brasileiro não se limitava apenas a controlar a entrada de imigrantes, mas, a saber, quantos estrangeiros já estavam vivendo no Brasil. Na época o presidente do Conselho era João Carlos Muniz, que explicou ser necessário ter um controle maior sobre os estrangeiros, por isso todos deveriam ser cadastrados. O decreto-lei 406 ¹⁵⁵, em seu artigo V, já determinava que a fiscalização dos estrangeiros deveria ser feita pela polícia, tanto para reprimir como expulsar os “indesejáveis”. Sob a responsabilidade das polícias estaduais, começou a funcionar em 17 de abril de 1939, o Serviço de Registro de Estrangeiros, que recolhiam dados dos estrangeiros (a data de nascimento, a nacionalidade, o nome da embarcação que o trouxe para o Brasil, a profissão, onde morava e trabalhava, a altura, o formato dos rosto, o estado civil e a cor da pele, dos olhos e dos cabelos) que poderiam ser usados nas pesquisas realizadas pelo próprio Conselho.

Dentro da política imigratória que povoaria diversas regiões do Brasil, o Serviço de Registro de Estrangeiros tinha um papel de muita importância, como menciona Arthur Hell Neiva, que foi um dos conselheiros:

[...] para que o Estado mantenha contato com o alienígena, depois do mesmo aqui chegado, é indispensável que esteja apto a conhecer os estrangeiros. O único meio viável, porém, para a consecução desse objetivo, é obrigar o estrangeiro a registrar-se¹⁵⁶.

Entende-se que o objetivo do Serviço de Registro de Estrangeiros não só quantificava os estrangeiros que entravam no Brasil, mas também buscava conhecer melhor quem eles eram. Para isso, estabeleceu um prazo para que os registros fossem feitos, os que tivessem entre 18 e 60 anos de idade e já fossem permanentes teriam o prazo de 12 meses, mas os que eram considerados temporários – turistas, professores, cientistas e conferencistas- ou os que estavam há um mês no país não precisavam se registrar.

O governo de Getúlio Vargas era intervencionista e queria cada vez mais subsidiar uma administração forte e centralizada, e as informações adquiridas pelo IBGE no censo em 1940, ajudariam a implementar as políticas públicas “ destinadas a proteger o espaço

¹⁵⁵Decreto Lei nº 406, de 04 de maio de 1938. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>

¹⁵⁶ NEIVA, Arthur Hell . *O serviço de Registro de Estrangeiros*, In: Revista de Imigração e Colonização, ano 1, nº. 1, janeiro de 1940, p. 51

territorial e seu povo, integrando-o de uma maneira efetiva”¹⁵⁷. Durante o Estado republicano houve a preocupação de criar mecanismos de controle que promovessem a vigilância e a repressão de certos setores da população.

Em 1924, foi criado o Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) que apresentava-se como instituição que buscava detectar os males da sociedade afim de sanar os problemas da ordem social. Na década de 1930, o DEOPS tornou-se um aparato policial bastante eficiente para vigiar todos os cidadãos suspeitos de crime político e para punir aqueles que fossem considerados culpados pelo Poder Executivo. Segundo Ismara Izepe de Souza, este posicionamento do governo brasileiro pode ser associado ao momento de guerra civil enfrentado pela Espanha que, seguindo a lógica policial, apenas a simpatia de um indivíduo à causa republicana prestava-se como “prova” de sua periculosidade. No Brasil, o DEOPS chegou a estabelecer alguns casos de censura em correspondências de cidadãos suspeitos de cometerem crime político e, uma simples carta poderia ser considerada uma prova de atividade subversiva e um motivo para expulsar estrangeiros do país. O caso do espanhol Victor Garcia exemplifica o problema mencionado. Em abril de 1936, ele escreveu uma carta para sua irmã Julia Garcia que estava em São Paulo, informando a situação política da Espanha durante o início da Guerra Civil e da campanha realizada para libertar presos políticos brasileiros. Na mesma carta ele solicitou que ela enviasse para Espanha o jornal *A Classe Operária* e outros materiais com informações relevantes. Apesar da polícia admitir que Julia Garcia não ostentava suas convicções políticas, o conteúdo da carta foi o suficiente para acusá-la de ser uma agente intermediária entre os comunistas na Espanha e em São Paulo. Entre 1936 e 1937, ela foi à única imigrante espanhola expulsa do Brasil e, em São Paulo dos expulsos acusados de práticas comunistas os espanhóis representavam 45,78% dos casos¹⁵⁸.

Durante o Estado Novo, a política imigratória condicionava os interesses dos imigrantes aos da política nacional. A necessidade do governo não era somente controlar a entrada de imigrantes, mas saber quantos eles eram, o que faziam e como viviam no Brasil. E se antes o governo brasileiro criava leis e decretos que de alguma maneira beneficiava o imigrante, no projeto do Estado Novo o centro da nação era o trabalhador brasileiro. Portanto, caberia ao governo garantir ao trabalhador nacional o emprego e o acesso às propriedades de bens matérias. Mas para isso, precisaria evitar a concentração de imigrantes em uma única

¹⁵⁷ GOMES, Angela de Castro (Coord). *Olhando para Dentro 1930-1964*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Direção). *História do Brasil Nação: 1808-2010*. Volume 4. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre e Objetiva em coedição, 2013, p.48

¹⁵⁸ SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)*. SP: Associação Ediatorial Humanitas, Fapesp, 2005, p.140- 189

região e a formação de novas colônias estrangeiras no Brasil, além de expulsar do Brasil todos aqueles considerados culpados de cometerem algum crime político.

A cada estrangeiro era permitido solicitar ao Serviço de Registro de Estrangeiros ou ao Ministro de Justiça e Negócios Interiores a prorrogação do prazo ou a sua permanência definitiva, desde que comprovasse ter boa saúde física e mental e não ter antecedentes criminais. Geralmente, a concessão do pedido era dada à imigrantes com mérito artístico ou científico, ascendente ou descendente brasileiro e com algum nível técnico, onde o seu trabalho servia para beneficiar os interesses do país e da indústria nacional. Com o início das medidas restritivas, o contingente imigratório se tornou menor quantitativamente, mas o seu perfil se tornou bastante diversificado quanto à composição de diversas nacionalidades. Esses novos imigrantes se dirigiam para o setor que crescia intensamente entre 1945 e 1960, o industrial e o de serviços onde as taxas de emprego nas indústrias no país subiam 9,5% ao ano, e 50% destes postos abertos estavam em no estado de São Paulo¹⁵⁹.

Em 1946, para o regime do General Franco a imigração dos espanhóis para América Latina, no suponía ningún peligro de infiltración ideológica contra a dictadura, sino que al contrario, permitia desembarazar al país de descontentos e inadaptados, a la vez que alimentava los sueños del Império¹⁶⁰. Então, em 29 de março de 1946, foi restabelecida a *Ley e Reglamento de Migración* (de 20 de dezembro de 1924), que proclamava a liberdade de todo espanhol que quisesse imigrar, mas era outorgado imigrante aqueles que juntos aos seus familiares deixassem a Espanha por causa de trabalho, temporários ou definitivos. E o Brasil nos anos de 1950, por causa do seu desenvolvimento industrial vivia um período de grande euforia. E a imagem transmitida na Espanha era a seguinte: “ Brasil, país del futuro”!

Após o fim da Era Vargas, o seu sucessor General Eurico Gaspar Dutra - Partido Social Democrático – iniciou o seu mandato com uma confortável situação financeira, porque o Brasil havia acumulado divisas no exterior durante a Segunda Guerra Mundial. Mas o presidente Dutra alinou-se ao bloco capitalista liderado pelos EUA- Guerra Fria- e rompeu relações diplomáticas com a URSS, forçou o supremo Tribunal Eleitoral tornar o Partido Comunista Brasileiro ilegal e adotou uma política econômica liberal baseada na liberdade de importação, que prejudicou a economia nacional: escassez de câmbio e inflação. Na década de 1950, Getúlio Vargas volta eleito pelo povo e uma de suas prioridades foi estabilizar a

¹⁵⁹ GOMES, Angela de Castro (Coord). *Olhando para Dentro 1930-1964*. . In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Direção). *História do Brasil Nação:1808-2010*. Volume 4. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre e Objetiva em coedição, 2013,p.81

¹⁶⁰ GIMÉNEZ, Esther Gambi. *La emigración Castellano-Leonesa a Brasil, 1946-1962*. 1ª edición.Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012,p.61

política econômica e desenvolver a indústria. De acordo com Esther Gambi Giménez, “Com um crédito de 500 millones dólares, mejoró la marina mercante y el sistema portuario y em 1952 promovió la creación del Banco Nacional para o Desenvolvimento Econômico (BNDE), para acelerar el proceso de diversificación industrial”¹⁶¹.

O presidente Vargas almejava flexibilizar o mercado, preservando a importação de produtos considerados básicos para o desenvolvimento econômico do Brasil e mantendo a exportação das mercadorias nacionais. Durante o seu mandato, Vargas se viu acuado quando o Ministro do Trabalho João Goulart- conhecido como Jango- apresentou a proposta de reajustar o salário mínimo em 100%, ele concedeu o aumento, mas o ministro deixou o cargo. A questão do reajuste salarial foi necessária porque muitos trabalhadores foram afetados pela inflação, que gera um aumento do custo de vida. Este problema também atingiu muitos imigrantes espanhóis que estavam no Brasil nesta época, que não conseguiam juntar recursos suficientes para enviar aos seus familiares. Algumas medidas nacionalistas de Getúlio Vargas, o descontentamento de setores mais conservadores e o atentado ao jornalista Carlos Lacerda contribuíram para que a crise fosse instalada em seu governo. No dia 24 de agosto de 1954, Vargas se suicidava. O vice-presidente João Café Filho assumiu a presidência.

Com 36% dos votos válidos, Juscelino Kubitschek (conhecido como JK) foi eleito presidente do Brasil. Ele formou um Conselho do desenvolvimento que definiria os 30 pontos do seu Plano de Metas, direcionado a: energia, alimentação, educação, transporte, indústria de base e a construção da nova capital: Brasília. O setor industrial cresceu 80% em relação a 1955, com os altos índices das indústrias mecânicas (125%), de eletricidade e comunicação (380%) e de transporte (600%). A instalação das grandes multinacionais automobilísticas como a Ford, a Volkswagen, a General Motors e a Willys Overland foi um dos grandes legados do governo de JK¹⁶².

Muitos espanhóis foram atraídos para o Brasil depois da difusão da imagem de ser um país próspero e com grande potencial econômico. Uma campanha de publicidade foi desenvolvida na imprensa espanhola, depois que o presidente JK visitou Madrid. O jornalista Juan Carlos Bertiori do periódico *Solidaridad Nacional*, em 1957, publicou o artigo “Viaje por el Brasil” descrevendo as maravilhas das principais cidades e estados brasileiros. O Rio de Janeiro é mencionado como uma cidade marcada pela beleza, alegria, terra do samba e de grande desenvolvimento industrial,

¹⁶¹ GIMÉNEZ, Esther Gambi. *La emigración Castellano-Leonesa a Brasil, 1946-1962*. 1ª edición. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012, p.65

¹⁶² Idem. *Ibidem*, p.69-70

[...] existe um Río de Copabana, pero también existe el Río del aeropuerto de Congonhas (sic) que es el segundo del mundo, del que parte o llega un avión cada minuto. Existe el Río del samba, pero también el Río de las industrias y las oficinas(...) Hoy Río de Janeiro es una de las modernas ciudades del mundo (...) Se vive aqui tan febrilmente como em Londres, Roma, París o Nueva York¹⁶³.

Ainda sobre a import ncia da publicidade como um fator de atra o de imigrantes espanhóis, Esther G mezes, traz uma outra notícia publicada pelo correspondente Manuel Suárez González do *El Pueblo Gallego* que em 1967, descrevia a cidade de São Paulo como o cora o do Brasil, uma cidade que não podia parar¹⁶⁴.

No período de JK,   notório que o crescimento da indústria e as melhorias na infraestrutura e energia serviram de base para o desenvolvimento brasileiro no futuro. Mas, o seu governo también apresentou falhas por não realizar a reforma agrária que a indústria exigia, abandonar o Nordeste a sua própria sorte, não conter a infla o e permitir a entrada do capital estrangeiro em condi es privilegiadas.

No governo de Jânio Quadros, a meta era reduzir os gastos públicos e estabelecer restri es a importa o de produtos básicos: petróleo e trigo. A conseq ncia foi um aumento de 100% no preço do combustível e do pão, o que elevou os custos de vida da popula o. Inesperadamente, o presidente renuncia. O vice-presidente João Goulart assume o governo em 07 de setembro de 1961, mas sob o regime parlamentarista, porque era considerado um político populista perigoso e amigo do PCB. Mas com a volta ao regime presidencialista, João Goulart anunciou as suas propostas de governo denominadas Reformas de Base, que prejudicaria os interesses de grupos sociais. Em 1964, tem-se a revolta militar no Brasil e o presidente   deposto¹⁶⁵.

Foi dentro deste cenário político que se iniciou o segundo ciclo imigratório. Nesta época, o imigrante desejável era aquele que tivesse um conhecimento técnico, buscava-se o trabalhador especializado para estimular o crescimento de industrializa o que o Brasil vivenciava. E para atrair este trabalhador qualificado, o uso da imprensa escrita, dos programas radiof nicos e convites feitos por estrangeiros que já estavam no Brasil se fez necessário. Em 19 de dezembro de 1964, o engenheiro espanhol Joaquim Sanchez Pacheco

¹⁶³ Um avi n parte cada minuto del aeropuerto de Congonhas. La ciudad maravillosa bajo los brazos del Cristo Redentor. *Solidaridad Nacional*, 10 de novembro de 1957. Apud: GIMÉNEZ, Esther Gambi.2012,p.108-109

¹⁶⁴ GIMÉNEZ, Esther Gambi. *La emigración Castellano-Leonesa a Brasil, 1946-1962*. 1  edición.Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012,p.108

¹⁶⁵ Idem.Idem,p.74-76

desembarcou no Rio de Janeiro, após receber um convite para trabalhar na Pontifícia Universidade Católica no Rio de Janeiro.

Joaquim Sanchez Pacheco nasceu na província de Salamanca em 31 de maio de 1939. A sua família se dedicava à agricultura e a pecuária (criação de gado, ovelhas, porcos e cabras), mas os seus pais queriam um destino diferente para o seu único filho. Por isso, ainda criança, ele foi colocado em um colégio interno em Salamanca para que pudesse estudar, a fim de exercer no futuro, uma atividade profissional diferente do que a maioria realizava na sua época, ou seja, trabalhar no campo. Esta era a preocupação de seus pais¹⁶⁶.

Aos 25 anos de idade, Joaquim Sanchez Pacheco já formado em engenharia elétrica e engenharia industrial encontrou um amigo na cidade de Bibao aonde iria começar a trabalhar. E foi a partir de uma simples conversa entre eles, que surgiu o convite de emprego em uma universidade no Brasil, a Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ). A sua resposta ao convite foi que ele estava aberto a proposta, mas a verdade é que não esperava que desta conversa informal entre amigos poderia surgir um real compromisso de trabalho. Para a surpresa de Joaquim Sanchez Pacheco uma carta trouxe-lhe a notícia que a PUC-RJ estava iniciando os cursos de pós-graduação e, que ele estava sendo convidado à trabalhar na montagem dos laboratórios de engenharia elétrica na universidade. Mas, a carta recebida ainda continha uma outra surpresa, a universidade enviara a passagem para o Brasil, que nas palavras de Joaquim Sanchez Pacheco,

A passagem para mim foi um susto! Porque eu não estava pensando em sair da Espanha tão cedo. Mas, mesmo assim, pesei os prós e os contra e, finalmente, como era um período transitório de quatro anos, aceitei. Aí, vim pra cá, o Rio de Janeiro e fui contratado imediatamente pela universidade¹⁶⁷.

Em 19 de dezembro de 1964, o espanhol Joaquim Sanchez Pacheco desembarcou no Rio de Janeiro. O projeto de criação dos laboratórios desenvolvidos por este imigrante na PUC-RJ, satisfizeram os interesses da universidade que, rapidamente, tratou de renovar o seu contrato de trabalho, além de convidá-lo para lecionar nas aulas práticas e, posteriormente, nas aulas teóricas. Este imigrante espanhol trabalhou, concomitantemente, em três importantes instituições no RJ: o Instituto Militar de Engenharia (IME), a Pontifícia

¹⁶⁶ Joaquim Sanches Pacheco entrevista concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁶⁷ Joaquim Sanches Pacheco entrevista concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Universidade Católica- PUC-RJ (durante 37 anos) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ (30 anos) e só parou quando se aposentou como professor do ensino superior.

Percebe-se que devido ao conhecimento técnico, muitos imigrantes, como Joaquim Sanchez Pacheco, puderam ascender profissionalmente nas empresas que os contrataram, chegando a serem aproveitados em outros cargos, como o de professores que contribuíram para a formação da mão-de-obra nacional.

Entre 1945 e 1962, muitos imigrantes espanhóis escolheram o Brasil como país de destino, dentre eles 5.107 castellanos de um total de 115.948 espanhóis. A imigração espanhola neste período apresenta um equilíbrio entre os sexos, pois os homens representação 60% e as mulheres 40%, o que nos permite crer em uma imigração familiar. Sobre a faixa etária destes imigrantes, percebe-se que a maioria deles cerca de 74 % tinham entre 18 e 59 anos de idade, enquanto os espanhóis divididos em três grupos etários : de 0 a 6, 7 a 11 e 12 a 17 somaram juntos 23% e os acima de 60 anos alcançaram 3% dos espanhóis que chegaram ao Brasil entre 1945-1962. A ocupação profissional destes espanhóis: 16% eram agricultores, profissionais liberais e de serviços e 38% eram os trabalhadores qualificados e não qualificados¹⁶⁸.

No primeiro ciclo imigratório, muitos espanhóis no Rio de Janeiro investiram o seu capital em diversos serviços urbanos como restaurantes, hotéis , pensão e outros. E a partir de 1950, verificou-se que no segundo ciclo imigratório muitos imigrantes espanhóis permaneceram no mesmo ramo, e já até se especializaram em determinadas áreas ligadas ao comércio.

Tabela 4: Propriedades de estabelecimentos em Rio de Janeiro, 1950.

TIPO	Brasileiros	Espanhóis	Italianos	Japoneses	Portugueses	Sírios	Totais
Hotéis/ pensões	10.073	250	226	183	570	66	11.646
Restaurantes	5.911	183	160	54	1.108	47	5.911
Cafés, bares e botequins	25.612	838	646	721	6.298	273	35.062
Lecherías/sorveterias	487	38	26	26	125	9	741

Fonte: IBGE. *Censo comercial e dos Serviços, 5º Recenseamento Geral do Brasil, 1950*, RJ, 1957. T.2, p.203-205 .Apud: GIMÉNEZ, Esther Gambi. *La emigración Castellano-Leonesa a Brasil, 1946-1962*. 1ª edición. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012, p.163

¹⁶⁸ GIMÉNEZ, Esther Gambi. *La emigración Castellano-Leonesa a Brasil, 1946-1962*. 1ª edición. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012, p.155-162

Os dados da tabela 4 revelam que os três maiores grupos étnicos no Brasil: portugueses, italianos e espanhóis dominaram os tipos de comércio que foram contabilizados. Porém, verificou-se uma troca de posições em relação aos italianos, que se em dados quantitativos ocupam a segunda posição, em relação ao número de propriedades no Rio de Janeiro em 1950, eles passam a ocupar o terceiro lugar. Já os espanhóis, que numericamente formam o terceiro maior grupo étnico no Brasil, em relação ao número de propriedades no Rio de Janeiro, eles passam a ocupar a segunda colocação. No caso dos portugueses, eles permanecem na primeira colocação nas duas situações: continuam a ser o maior grupo étnico no Brasil e os maiores proprietários de estabelecimentos comerciais no Rio de Janeiro.

Muitos espanhóis, portugueses e italianos se dedicaram ao ramo da hotelaria e, nestes casos, boa parte da mão de obra solicitada não precisava ser qualificada – como a de um engenheiro, advogado ou médico. Na década de 1950, alguns espanhóis que chegaram ao Rio de Janeiro, foram trabalhar como porteiros ou camareiras em hotéis ou, então, como babás ou empregadas domésticas na residência destes proprietários ou de seus familiares.

Foi trabalhando como camareira em um hotel na cidade do Rio de Janeiro, que a portuguesa Maria Estevez Teixeira conheceu o imigrante espanhol: José Martinez Amado, com o qual se casou e formou uma família. Assim que ele chegou ao Brasil, em 02 de janeiro de 1953, trabalhou no comércio e ficou em uma hospedaria na rua do Lavradio nº 138, porque era um dos lugares mais barato. E foi durante este período que ele conseguiu juntar recursos financeiros para fazer um curso de eletrônica e montar a sua própria oficina na rua Figueiredo Magalhães nº 870. José Martinez Amado relatou que:

Trabalhei seis anos numa loja e depois montei a minha oficina própria de eletrônica. Fiz curso de eletrônica e outros cursos para se aperfeiçoar e para ter mais prática. Tive pouco contato com espanhol no Brasil. Muito pouco. Porque quando chegamos quase não conhecia espanhol aqui. E havia poucos, aqui eu fui um dos primeiros. E lembro que quando cheguei aqui, não havia muito eletrônica, quase ninguém tinha televisão. Pouca gente tinha televisão! Depois foi crescendo¹⁶⁹.

Ao dizer que havia poucos espanhóis no Rio de Janeiro, José Martinez Amado não estava se referindo a presença de espanhóis na cidade e, sim na área de eletrônica. Pois como já foi mencionado anteriormente, a participação deste grupo étnico no comércio era mais

¹⁶⁹ José Martinez Amado entrevista concedida em 08/07/2015, à Miriam Barros Dias da Silva para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

notável em bares, cafés, hotéis, pensões e restaurantes.

José Martinez Amado se especializou no ramo da eletrônica e chegou a ter três lojas no Rio de Janeiro. Atualmente, ele continua sendo proprietário de duas lojas, porque a primeira que montou, foi vendida a alguns anos. Hoje Amado está aposentado, mas mantém uma loja de eletrônica na rua Mem de Sá nº 127, que é administrada pelo seu único filho, Alexandre Teixeira Amado.

A imigrante Rosa Abal de Allo nasceu na província de Pontevedra em 07 de setembro de 1930, e aos 22 anos de idade decidiu deixar a Espanha por razões profissionais. Ela desembarcou no Brasil em 14 de janeiro de 1952, chegou sozinha neste país de recepção para substituir a sua prima que tinha recebido uma proposta de emprego, mas que por motivo pessoal- a mãe adoeceu- teve que desistir da viagem. E foi assim, que esta espanhola Rosa Abal, com uma proposta de emprego já garantido, pisou em solo brasileiro pela primeira vez.

Durante a entrevista, ela lembrou que na época tinha um casal de espanhóis que fazia contato com quem estava na Espanha, e era assim que eles conseguiam trazer alguns trabalhadores para o Brasil. Isso acontecia, porque muitos espanhóis no Brasil preferiam contratar empregados da sua nacionalidade. E foi assim, que ela foi trabalhar na residência da neta de Dom Victor Fernandez, que era um espanhol muito rico - dono do Hotel Novo Mundo. No dia 15 de janeiro de 1952, Rosa Abal, começou a trabalhar em Copacabana como babá de três crianças. Neste emprego ela permaneceu por quase dois anos. Ao ser perguntada sobre o motivo da saída deste trabalho, ela respondeu que uma das crianças, chamada Gilda, lhe tirava a tranquilidade durante o expediente. Em suas palavras: “Ela era terrível! Terrível! Eu chegava em casa sangrando pelas mãos, por causa das mordidas dela”. O comportamento da criança incomodou muito Rosa Abal de Allo, que preferiu pedir demissão aos seus patrões espanhóis. Posteriormente, foi trabalhar em outras casas de famílias de brasileiros e de estrangeiros como: argentinos e portugueses¹⁷⁰.

A história da imigrante Maria del Carmen Pastoriza Brandariz, que nasceu na província de Corunha em 18 de agosto de 1942, nos chamou a atenção porque ela também teve como primeira ocupação profissional no Brasil ser babá. Esta espanhola chegou ao Brasil em 14 de setembro de 1959, para ser babá de quatro crianças em Laranjeiras no Rio de

¹⁷⁰ Rosa Abal de Allo, entrevista concedida em 29/04/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Maiores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Janeiro. Mas, segundo Brandariz, “as crianças eram muito levadas”¹⁷¹.

Assim como Rosa Abal de Allo pediu demissão do emprego, porque uma das crianças lhe dava muito “trabalho”, o mesmo ocorreu com Maria del Carmen Pastoriza Brandariz, a diferença é que a segunda imigrante tinha a ajuda da sua irmã nos serviço e, mesmo assim, só conseguiram trabalhar como babás nesta residência durante sete dias.

Estas duas situações nos remetem para um questionamento sobre as causas dos pedidos de demissões destas imigrantes que trabalhavam como babás. As duas alegaram que saíram do emprego por causa do comportamento das crianças. Mas, não teria sido a falta de experiência ou o estresse o motivo das demissões? Em relação ao estresse, acreditamos que talvez este possa ter sido o motivo que levou Rosa Abal de Allo a se demitir, pois a mesma trabalhou por quase dois anos como babá de três crianças, sendo que durante todo este tempo havia uma criança que a mordida diariamente. Já no segundo caso, pelo fato de Maria del Carmen P. Brandariz trabalhar como babá por apenas sete dias, acreditamos que a falta de experiência e a convivência com as crianças possa ter contribuído em seu pedido de demissão.

O caso de duas irmãs espanholas Purificación Estevez Perez e Concepcion Estevez Perez, nos chamou a atenção, porque ambas partiram de Pontevedra, na Galícia, para o Brasil com a ajuda da Ação Católica que auxiliava nas passagens das famílias de baixa renda que tinham mais de 3 filhos e, apesar delas chegarem juntas ao Rio de Janeiro somente Purificación tem uma ficha de Registro de Estrangeiro situada no Arquivo Nacional. Elas chegaram ao Brasil no dia 30 de agosto de 1962, e começaram a exercer funções que não necessitavam de curso técnico ou ensino superior.

Purificación Estevez Perez nasceu em 05 de fevereiro de 1944, chegou ao Brasil aos 18 anos de idade, mas somente aos 21 anos começou a trabalhar como babá, função que exerceu por sete anos com uma única finalidade, juntar dinheiro para voltar a morar na Espanha. Posteriormente, depois começou a trabalhar como costureira. Sobre o desejo de voltar a morar na Espanha, Purificación Perez mencionou que o governo espanhol concedia o prazo de um ano de adaptação. Caso o imigrante não se adaptasse, este poderia voltar ao seu país de origem, desde que lá tivesse alguém para recebê-lo e que fosse maior de 21 anos. Ela não regressou à Espanha porque a sua família estava no Brasil. O seu pai tinha vindo para o Brasil em 1952, e o seu irmão em 1955, e foi através do trabalho deles como eletricitista e

¹⁷¹ Maria del Carmen Pastoriza Brandariz, entrevista concedida em 29/04/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

encanador, que a sua família conseguiu adquirir um pequeno terreno aonde eles construíram uma casa¹⁷².

Concepción Estevez Perez nasceu em 20 de maio de 1946, e chegou ao Brasil aos 16 anos de idade. Durante três anos trabalhou como babá para a família de um médico brasileiro e, depois mudou de emprego e assumiu uma nova função, a de governanta. Assim como a sua irmã relatou que teve dificuldades para se adaptar, Concepción Perez, contou que inicialmente não gostou da Ilha do Governador, local aonde seu pai comprou um terreno e construiu uma casa de madeira. Em sua palavras, era difícil morar em uma barraco de madeira, que não tinha se quer um fogão, situado em uma rua sem asfalto. Diante destes fatos, ela também pensava em voltar a morar na Espanha. Mas, aos 25 anos de idade, Concepción Perez casou-se com um imigrante espanhol que durante 55 anos trabalhou na mesma barbearia ao lado de um irmão e, ele só parou de trabalhar porque adoeceu ¹⁷³.

O estudo dos casos mencionados nas páginas anteriores, revelam que apesar do governo brasileiro incentivar a vinda do imigrante técnico e especializado para estimular o processo de industrialização em expansão no Brasil, muitos imigrantes espanhóis sem um curso de nível técnico ou superior não foram impedidos de entrar no país. E algumas entrevistas revelaram que muitos imigrantes espanhóis de diversas ocupações profissionais: babás, comerciantes, barbeiros, camareiras e empregadas domésticas continuaram chegando no Brasil durante o segundo ciclo imigratório.

¹⁷² Purificación Estevez Perez, entrevista concedida em 28/01/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

¹⁷³ Concepción Estevez Vasquez, concedida em 21/01/2015, à Érica Sarmiento e a Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

CAPÍTULO 2- O ASSOCIATIVISMO ESPANHOL NO RIO DE JANEIRO.

2.1 – O ASSOCIATIVISMO NO BRASIL.

Na história do Brasil, as associações começaram desde a colonização com a Santa Casa de Misericórdia (era de cunho religioso e prestava assistência médica) e a Academia dos Felizes no Rio de Janeiro em 1736 (academia literária ou lítero-científica). Já na metade do século XIX, foram criadas sociedades políticas, associações de beneficência e sociedades mutualistas. Só no período imperial, entre 1844 e 1899, que o número saltou de 16 para 328 associações. E nas primeiras décadas da República entre 1903 e 1916, no Rio de Janeiro, 832 associações foram registradas¹⁷⁴.

A palavra associar significa fazer alguém sócio de outrem, entrar em sociedade para algum feito. Então, as associações seriam como sociedades de cunho religioso, comercial, cultural, literárias e científicas. Normalmente, os nomes das associações tentam transmitir uma ideia de junção e união, que sempre vem seguido de um título diferenciador ou de qualificativo como beneficentes, de mútuo socorro, auxiliadora etc. O associativismo é a formação de um grupo de pessoas que se associam e organizam um conjunto de regras reconhecidas e repartidas, que definem a finalidade da associação e os poderes e os procedimentos de cada um dos seus participantes. Mas, a participação não é obrigatória¹⁷⁵.

Segundo a Constituição da República de 1891, na Seção II, nº 75, foi determinado como direito político e civil a liberdade de culto e a livre associação. Sobre a liberdade de associação, a Constituição no artigo 72, 8º parágrafo determina: “A todos é lícito associarem-se e reunirem-se livremente e sem armas; não podendo intervir a polícia senão para manter a ordem pública”.¹⁷⁶ Diversos estratos da sociedade brasileira chegaram a recorrer à justiça ou às associações para lutar por direitos da cidadania. Por conta disso, veremos mais adiante que algumas associações, ao assumirem diferente postura em relação aos interesses do Estado, terão alguns problemas com o governo brasileiro.

A lei nº173, de 10 de setembro de 1893, determina a obtenção de personalidade jurídica por parte das associações de todos os fins. Para isso, cada uma deveria inscrever o seu contrato social ou estatuto (como seria representada e administrada) no registro civil. Nos

¹⁷⁴Lista das 640 associações disponível no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Ver <http://www.crl.edu/content/almanak2htm>.

¹⁷⁵ FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Arquivo Nacional, Niterói: Muiraquitã, 2008, p15, 54, 117

¹⁷⁶ Brasil. Constituição da República de 24 de fevereiro de 1891.

estatutos também deveriam constar as causas para a sua extinção: vontade dos membros, impossibilidade de alcançar a finalidade e perda total de seus membros¹⁷⁷. Através do Decreto nº 4775, de 16 de fevereiro de 1903, no artigo 4º foi determinado que para realizar o registro das sociedades civis – na lei 173- era necessário apresentar o livro de Registro de Sociedades Civis com os dados da sede, administração, tempo de duração, fins, nome dos fundadores e dos membros diretores. Todas as informações contidas no estatuto deveriam ser publicadas no Diário Oficial¹⁷⁸. Em 05 de janeiro de 1907, com o Decreto nº 1367, foi regulada a criação de sociedades cooperativas e sindicatos profissionais, todos deveriam apresentar em seus estatutos as condições para a admissão e eliminação de sócios – não poderia ter menos que 07 pessoas. Constituídos em personalidades jurídicas, os sindicatos poderiam entrar em juízo como réus ou autores, além de adquirir bens e organizar instituições de mutualidade.

Por meio do Decreto nº 2.407, de 18 de janeiro de 1911, o governo brasileiro concedeu alguns estímulos para as associações que construíssem habitações destinadas ao proletariado, fosse para venda ou aluguel dos imóveis. Dentre as formas de aquisição que os moradores podiam requerer iria desde empréstimos, isenção de impostos ou cessão de terrenos¹⁷⁹.

Após a criação do Decreto nº 1.641, a “Lei Adolfo Gordo”, que regulamentava a expulsão de estrangeiros, pois o cenário na Primeira República era de greves e o governo buscava meios legais para disciplinar o movimento operário, verificou-se um aumento no interesse de muitas associações pela regularização. De acordo com Claudio Batalha, um dos acontecimentos mais marcantes da República Velha foi a mobilização coletiva. As greves entre os anos de 1902 - 1903, 1906 - 1907 e 1917 - 1919, demonstram que, a partir da mobilização coletiva, começou a se verificar no Brasil a formação da classe operária. Mas, embora alguns imigrantes tenham participado do movimento operário brasileiro, não se deve relacionar a imigração à formação da classe operária. Segundo Batalha, muitos imigrantes que vieram para o Brasil eram agricultores em seus países de origem, por isso alguns não tiveram engajamento político ou sindical. Para este autor, muitos sonhavam em acumular capital, enriquecer e talvez retornar ao país de origem¹⁸⁰. Talvez esta expectativa tenha dificultado o

¹⁷⁷ Lei nº 173, de 10 de setembro de 1893. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-173-10-setembro-1893-540973-publicacaooriginal>

¹⁷⁸ Decreto nº 4775, de 16 de fevereiro de 1903. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legi/fed/decret/1900-1909/decreto-4775-16-fevereiro-1903-517698-publicacaooriginal-1-pe.html>

¹⁷⁹ FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Arquivo Nacional, Niterói: Muiraquitã, 2008, p.82-87

¹⁸⁰ BATALHA, Claudio. *Formação da classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (Orgs). *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. RJ: Civilização Brasileira, 2003, p.164-165

ingresso de muitos imigrantes espanhóis, italianos, alemães, entre outros, na formação de uma classe operária.

Para José Murilo de Carvalho, a República foi uma grande decepção para o movimento operário que almejava uma maior participação política no Brasil, enquanto a elite política queria limitar os movimentos da classe operária.¹⁸¹ Porém, apesar da repressão e do controle, a classe trabalhadora conseguiu organizar as associações mutualistas. Estas associações, geralmente, eram organizadas de acordo com a categoria profissional ou a etnia, e o objetivo era ajudar o trabalhador em caso de doença ou acidente.

Era comum as associações mutualistas obterem recursos provenientes dos seus sócios para pagarem pensões, funerais, fornecerem remédios e atendimento hospitalar aos trabalhadores necessitados. De acordo com Claudia Maria Ribeiro Viscardi, as associações mutualistas não substituíram a função dos sindicatos, mas estiveram ao lado destes na luta pela redução da jornada de trabalho, repouso semanal e nos congressos operários. Mas, estas associações não eram favoráveis às greves, por isso era muito raro apoiarem esta forma de protesto. Na década de 1930, com as políticas trabalhistas da Era Vargas, nota-se que houve um declínio das associações mutualistas¹⁸².

De acordo com Claudio Batalha, no início do século XX, a classe operária no Brasil não era homogênea. Enquanto nos estados do Sul e em São Paulo, tinha-se um operariado branco e composto por imigrantes, nos demais estados sua composição era de negros e mulatos. E como havia uma mão de obra excedente e poucos postos de trabalhos, os brasileiros e os imigrantes disputavam acirradamente as vagas oferecidas. Para este autor, se as divisões étnicas foram um obstáculo para a organização dos operários, elas não impediram a formação de sindicatos, pois estes eram formados mais por categorias profissionais e ofícios¹⁸³. Porém, Claudia Viscardi salienta que era mais interessante para o trabalhador participar de uma associação mutualista (recebia benefícios complementares mais rápido) do que ser integrante de um sindicato, porque além das contendas político-ideológicas

¹⁸¹ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. RJ: Companhia das Letras, 1987, p.22-23

¹⁸²VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro; JESUS, Ronaldo Pereira de. *A experiência mutualista e a formação da classe trabalhadora no Brasil*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org). *A formação das tradições (1889-1945)*. RJ: Civilização Brasileira, 2007, p.23-47

¹⁸³BATALHA, Claudio. *Formação da classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. RJ: Civilização Brasileira, 2003, p.164-184

era um risco muito grande se expor na luta por melhores salários¹⁸⁴.

Na obra de Marília Dalva Klaumann Cánovas, há um relato de três funcionários de uma linha férrea que ao pleitearem o pagamento de seus salários foram presos pela polícia de Ouro Preto, acusados de serem anarquistas¹⁸⁵. Diante do mencionado, o que se pode inferir é que era arriscado para o operário reivindicar o pagamento do seu próprio salário, quanto mais se este fosse estrangeiro, tornava-se crime a luta por melhorias salariais e condições de trabalho.

O anarquismo foi a principal referência do movimento operário e está diretamente ligado ao crescimento do proletariado urbano, que ao se tornar uma classe trabalhadora organizada defendia a eliminação do Estado e que os sindicatos deveriam ser instrumentos de ruptura do capitalismo e não uma instituição para assistencialismo¹⁸⁶. A importância em se falar sobre o anarquismo é que ele está relacionado ao destino de muitos imigrantes no Brasil e de algumas associações espanholas.

Os anarquistas começaram a incomodar as autoridades políticas conservadoras e foram considerados uma ameaça ao sistema republicano. Por isso, muitos estrangeiros foram expulsos do Brasil apenas por serem considerados anarquistas. Muitos processos eram abertos baseados nas testemunhas de acusação, que geralmente eram preparadas pela própria polícia como foi o caso do espanhol Antônio Prieto. Este imigrante, era motorneiro da Light e em 1919, um inquérito policial instruiu o seu processo de expulsão. No documento, a testemunha se refere a Antônio Prieto como:

[...] um espanhol, natural de Pontevedra que é um homem mal-educado, violento, indolente, que tem explorado nesta capital, praticando o curanderismo, a boa-fé de muitas pessoas às custas das quais tem vivido. Frequenta com assiduidade a “Liga Operária da Light” no largo de São Francisco e se distingue dos companheiros pela violência da linguagem¹⁸⁷.

Percebe-se que o interesse da testemunha era reforçar o estigma de perigoso, por o uso da palavra violento. Para Cánovas, esta era a imagem que alguns setores da sociedade queriam

¹⁸⁴ VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro; JESUS, Ronaldo Pereira de. *A experiência mutualista e a formação da classe trabalhadora no Brasil*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org). *A formação das tradições (1889-1945)*. RJ: Civilização Brasileira, 2007, p.38

¹⁸⁵ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000, p.457

¹⁸⁶ CÔRTEZ, Alex Sandro Barcelos. *Raízes do Anarquismo no Brasil*. In: DEMINICIS, Rafael Borges; FILHO, Daniel Aarão Reis. *A história do Anarquismo no Brasil*. Volume I. Niterói: RJ: Mauad X, 2006, p.45,50

¹⁸⁷ Antônio Prieto. Processo de Expulsão-Ministério da Justiça, Série Expulsão IJJ, período:1907-1930. Arquivo nacional do Rio de Janeiro.

transmitir, que o trabalhador brasileiro era ordeiro e disciplinado estava sendo “minado” pela ação de alguns estrangeiros anarquistas. Por isso, era importante expulsar estes estrangeiros para debilitar ainda mais o movimento operário, que já sofria com a dura repressão do estado, a diminuição das greves e o aumento do número de desemprego¹⁸⁸. E Cláudio Batalha menciona que o movimento operário reagiu à expulsão dos estrangeiros, denunciando aos possíveis candidatos à imigração como era a realidade do imigrante que vivia no Brasil¹⁸⁹.

Os protestos começaram a se espalhar pelo Brasil. Marques da Fonseca menciona que em 1913, foram realizados protestos contra a expulsão de estrangeiros do Brasil, a carestia e as prisões ocorridas pela greve realizada nas Docas de Santos. Em 1915, greves de trabalhadores assolavam o Rio de Janeiro. Em 01 de janeiro de 1916, o governo brasileiro passou a reconhecer as associações, as fundações e as sociedades civis de utilidade pública, quando elas se tornassem pessoas jurídicas, pois a lei nº 3.071, afirmava que as associações que não gozassem de personalidade jurídica não poderiam acionar seus membros e nem ser acionadas. E a partir de 15 de janeiro de 1919, o governo brasileiro passou a refletir sobre a possibilidade de fechar aquelas associações que não atendessem os seus interesses¹⁹⁰.

Infere-se que diante da mobilização coletiva do operariado, o governo brasileiro começou a buscar meios para dissolver qualquer associação que não atendesse aos interesses do poder público. Até então havia duas formas para se extinguir uma associação: a vontade dos seus próprios membros e a análise dos atos jurídicos acerca das associações. E agora, o governo poderia cassar a autorização de funcionamento da associação que ele julgasse ter cometido atos nocivos ao bem público.

2.2- IMIGRANTE: IDENTIDADE, GRUPO ÉTNICO E SOLIDARIEDADE.

Uma das definições clássicas de imigrante é a que faz referência à ação de chegar a um país para se estabelecer entre os naturais deste. Na medida em que na Europa as migrações internas (intracomunitárias) se fragilizaram, houve uma intensificação das migrações externas (extracomunitárias). Para Natalia Ribas Mateos, por meio destas alterações dos fluxos migratórios que foi possível entender a noção atual de imigrantes, ao estabelecer “as bases da

¹⁸⁸ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000

¹⁸⁹ BATALHA, Cláudio. *Formação da classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Organizadores). *O tempo do liberalismo excluyente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. RJ: Civilização Brasileira, 2003, p.169

¹⁹⁰ FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Arquivo Nacional, Niterói: Muiraquitã, 2008, p.86, 87, 116

cidadania europeia em termos de oposição entre os comunitários (europeus) e os não comunitários, (extraeuropeus, também definidos como os de terceiros países)”¹⁹¹. Percebe-se que o conceito de imigrante pode ser relacionado ao de desigualdade social, porque verificamos a visão de que um lado se tem a categoria de cidadãos e do outro a categoria excluída que não desfruta dos mesmos direitos, porque não nasceram na sociedade de destino.

É muito comum as pessoas associarem o conceito de imigrante à formação de grupos étnicos, à cultura, identidade coletiva e à integração social. Mas, é importante esclarecer que, embora haja uma proximidade entre eles, é necessário entendê-los separadamente. O conceito de etnia¹⁹² como princípio de organização social da diferença, favorece a formação de grupos étnicos que são formados por atores sociais que identificam algumas características peculiares que podem definir a comunidade, então, estes indivíduos se organizam e passam a interagir socialmente.

Em 1994, San Román definiu a etnicidade como “el bagaje cultural de un pueblo que a sí mismo únicamente frente al resto de los pueblos, con independencia de que se pueda”¹⁹³. Entendemos etnicidade como um processo de identificação grupal, onde cada grupo tem a capacidade de se diferenciar dos demais selecionando os elementos culturais que tem um significado étnico que expressam a sua identidade.

De acordo com Maria de Fátima Amante, na tradição ocidental, a noção de identidade contém uma “contradição lógica” que é a existência dos paradoxos: coesão e fragmentação que são analisados pelas ciências sociais. A identidade seria uma ilustração daquilo que é diferente e inconfundível, do comum e do indivisível, da tensão entre o eu e o outro ¹⁹⁴. Concordamos com a autora, porque entendemos que a identidade é um processo construído em contrastes, baseados no jogo das semelhanças e diferenças.

A construção da identidade coletiva é atrelada a dois métodos: o da singularidade que vê a identidade como os elementos que diferencia um povo de outro e que em termos gerais deve resistir à transformação e, o da autenticidade que visualiza a identidade como um processo dinâmico e complexo, que busca construir um projeto partilhado pelo grupo (as suas necessidades, as crenças e os desejos coletivos). Neste segundo método, a construção da

¹⁹¹ MATEOS, Natalia Ribas. *Una invitación a La sociología de las migraciones*. Barcelona, Edicions Bellaterra, 2004, p.183,184

¹⁹² O conceito de etnia pode ser entendido como as características de um grupo : costumes, tradições, cultura material, formas de alimentação, leis, língua e religião.

¹⁹³ ROMÁN, San. 1994, p.114. Apud: MATEOS, Natalia Ribas. *Una invitación a La sociología de las migraciones*. Barcelona, Edicions Bellaterra, 2004, p.187

¹⁹⁴ AMANTE, Maria de Fátima. *Identidade Nacional. Entre o discurso e a prática*. 1ª edição. Porto: Fronteira dos Caos Editores. Cepese, 2011, p.39

identidade aproxima o ideal da autenticidade à real necessidade do grupo, que inserido na relação tempo-espço sofrem algumas mudanças¹⁹⁵.

Os grupos étnicos são centrados em suas relações de diferenciação cultural e podem ser classificados como minoria- definidos não pela quantidade numérica, mas por adotar uma posição que se distingue em relação a outros grupos da sociedade- ou maioria. A existência de vários grupos étnicos é propícia para o desenvolvimento de conflitos entre a minoria e a maioria e, normalmente a solução encontrada é a assimilação da minoria ou a sua marginalização. Segundo Natalia Ribas Mateo, para entender as causas destes conflitos entre os grupos étnicos classificados como cidadão ou estrangeiro, minoria ou maioria e imigrante ou autóctono é importante conhecer a natureza dos processos sociais – o caráter generativo , processual e adaptativo- que produzem ou reproduzem as fronteiras de identificação e de diferença entre os grupos étnicos¹⁹⁶.

Quando o tema é o imigrante ainda se pode explorar e debater dois conceitos: o racismo e a xenofobia. Natalia Ribas Mateos entende que o racismo biológico é baseado na suposta superioridade de alguns grupos sobre outros e, conseqüentemente , aqueles que se julgavam superiores poderiam ter atitudes discriminatórias e intoleráveis. Em relação à xenofobia , a autora definiu como uma ação que “ fundamentada na inferiorização , na hostilidade e no rechaço do mestiço dentro de uma diferença por referência de natureza biológica e hereditária”¹⁹⁷. Diante do mencionado, entendemos que a xenofobia ocorre quando há relações de hostilidades entre alguns grupos por se considerar diferentes, mas este conceito se distingue do racismo e do etnocentrismo.

Para superar alguns desses conflitos capazes de causar a marginalização social do imigrante, algumas políticas de integração social deveriam ser elaboradas. Nos anos de 1980, era comum falar de integração social de imigrantes como a forma em que eles passariam pelo processo de adaptação na sociedade de destino a fim de serem incorporados à ela. Mas, ultimamente o conceito de interculturalidade tem sido relacionada ao de integração social de imigrantes, pois esta associação permite uma maior conotação de interconexão e interação entre imigrantes e autóctono. Em 2004¹⁹⁸, a política de integração social dos imigrantes tinha em seus debates um discurso que inseria desde aspectos econômicos, religiosos e culturais

¹⁹⁵ AMANTE, Maria de Fátima. *Identidade Nacional. Entre o discurso e a prática*. 1ª edição. Porto: Fronteira dos Caos Editores. Cepese, 2011,p.41

¹⁹⁶ MATEOS, Natalia Ribas. *Una invitación a La sociologia de las migraciones*. Barcelona, Edicions Bellaterra,2004,p185-188

¹⁹⁷ MATEOS, Natalia Ribas. *Una invitación a La sociologia de las migraciones*. Barcelona, Edicions Bellaterra,2004, p.211

¹⁹⁸ Ano referente a publicação da obra de Natalia Ribas Mateos.

até as questões de direitos humanos e autonomia individual. O objetivo era estimular a integração natural dos imigrantes na sociedade e não a sua segregação.

Ainda dentro do contexto de integração social de imigrantes, Émile Durkheim enxergava a integração como uma propriedade da sociedade. Segundo Durkheim uma sociedade está razoavelmente integrada “segundo a solidariedade orgânica – interdependência ligada a complementaridade funcional das pessoas e dos grupos”. Já Parson, em 1951, interpretou a integração social como um requisito de equilíbrio do sistema social. Na integração parsoniana, “o equilíbrio do sistema social – mantém as partes como um todo- é o impulso para a solidariedade no sentido de ser parte conjunta no interior dos grupos”¹⁹⁹.

Diante do mencionado, verifica-se que a integração social de imigrantes também é relacionada ao conceito de solidariedade ou cooperação social, que seria toda a ação em conjunto que visa uma utilidade comum. Ao analisar o associativismo no Rio de Janeiro nos primeiros anos da República, Vitor Manuel Marques da Fonseca identificou que as formas de solidariedade voluntária, ou de cooperação espontânea só aparecem sob grandes entusiasmos coletivos, daí o fato de se organizarem clubes recreativos, ligas humanitárias ou partidos políticos que rapidamente poderiam ser dissolvidos por divergências internas ou até mesmo pelo próprio esquecimento dos fins visados²⁰⁰.

Um dos teóricos mencionado por Marques da Fonseca é Oliveira Viana, que defende que a ideia de nação não era natural na população, pois na visão do autor, o “fato é explicado pelo caráter nacional insolidário, ou seja, não preocupado com o bem comum(...) e desestimulara entre os indivíduos o sentimento de interdependência”²⁰¹. Por isso, no Brasil o meio social é hostil à solidariedade pública e à privada.

Já que Oliveira Viana identificou o insolidarismo, a baixa propensão à ação coletiva, como um aspecto que dificultaria a formação de grandes vínculos favoráveis a solidariedade, como seria possível superar o insolidarismo? Alberto Torres²⁰² se pronunciou sobre a questão e propôs que fosse realizada uma reforma constitucional que restringisse a autonomia dos estados, além de criarem uma série de políticas públicas capazes de reforçar os laços sociais e econômicos entre os brasileiros, caso contrário, nas palavras de Nestor Duarte, permaneceria o primeiro tipo de associação que surgiu no Brasil: o de caráter privado, no qual a família era

¹⁹⁹ Émile Durkheim e Parson são mencionados em MATEOS, Natalia Ribas. *Una invitación a La sociologia de las migraciones*. Barcelona, Edicions Bellaterra, 2004, p.191-192

²⁰⁰ FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Arquivo Nacional, Niterói: Muiraquitã, 2008, p.36-37

²⁰¹ Idem. Ibidem p.44

²⁰² TORRES, Alberto. *A organização nacional*. RJ:Cia.Ed.Nacional Brasília. Fundação Roberto Marinho. 1ª edição, 1914, p.201-202

ao mesmo tempo o centro político e econômico e tudo se organizava ao seu redor. Para Nestor Duarte,

Sem unidade, à falta de grandes vínculos efetivos de associação e intercâmbio, esse meio só poderia favorecer a grupos fechados, exclusivistas, como o grupo familiar, que por sua vez haveria de dificultar e impossibilitar todo e qualquer processo de unidade maior a que pudesse propender essa ordem social²⁰³.

Para Sergio Buarque de Holanda a questão da solidariedade no Brasil é nitidamente personalista, ou seja, os vínculos são simples de pessoa a pessoa, independentes e até exclusivos de qualquer tendência de uma cooperação autêntica entre os indivíduos. Ele identificou alguns casos de associação voluntária no Brasil, mas motivadas pela religiosidade – a construção das matrizes em Iguape e Itu em São Paulo- mas o elemento de união que denominamos como “multirão” não caracterizam uma atividade coletiva onde a cooperação é disciplinada e constante. Quando o autor menciona os países hispânicos é possível identificar alguns elementos divergentes da sociedade brasileira. Buarque de Holanda esclarece que nos países hispânicos foi intensamente desenvolvido a cultura da personalidade, que valorizava a autonomia de cada indivíduo para que não dependesse de outras pessoas para sobreviver ou enfrentar os problemas de sua vida. Seguindo este raciocínio, em sua visão a solidariedade entre portugueses e espanhóis existia não por conta de algum interesse pessoal, e sim porque havia um vínculo de sentimentos²⁰⁴.

Sendo assim, a cultura da personalidade e as doutrinas (livre-arbítrio e responsabilidade pessoal) não favorecem a organização de associações entre os homens, e no caso dos países hispânicos o elemento unificador sempre foi representado pelos governos ibéricos²⁰⁵.

Entendemos que o processo de integração social dos imigrantes não pode ser medido como um resultado de um cálculo. O que ocorre geralmente é que o conceito é utilizado em função das políticas que foram adotadas pelos países de recepção. Em contrapartida, ao processo de integração social há alguns indivíduos que dominam mecanismos estruturais e estes impendem que outros tenham acesso aos recursos do poder. Nota-se que seria

²⁰³ DUARTE, Nelson. *A ordem privada e a organização política nacional*. SP:Cia Editora Nacional, 1939, p.127.

²⁰⁴ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. SP: Cia das Letras, 2003,p.61-65

²⁰⁵ FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Arquivo Nacional, Niterói: Muiraquitã, 2008, p33-34

importante criar meios para desenvolver um espírito público que ao estar presente em todas as associações, pudesse desenvolver nos brasileiros um espírito de colaboração e solidariedade.

De acordo com Ribas Mateos é importante inserir o imigrante dentro da migração internacional, ou seja, a “transferência territorial de indivíduos entre estados-nação”, porque segue uma tipologia : a motivação (reagrupamento familiar, refugiados, econômica) e o status jurídico (migração clandestina, emigração/imigração livre ou controlada). Geralmente o imigrante pode ser definido segundo a sua migração, se foi voluntária (razões profissionais) ou involuntárias (trabalhos temporários, exílio político ou refugiados de guerra)²⁰⁶. É este deslocamento das imigrações internacionais que o coloca de frente com “o outro”.

Sabendo que a identidade é a construção de um processo reflexivo do indivíduo em relação ao outro, e a partir do estabelecimento de uma relação tem-se a construção social dos seus valores históricos e sociais. Para o imigrante, “ter uma identidade, significa ser parte de uma nação, de um mesmo código, objetos e costumes que diferenciam essas pessoas das demais”²⁰⁷. Portanto, a identidade também pode ser um processo de adaptação dentro de um processo migratório, pois o estrangeiro na sociedade de recepção tentará preservar os valores coletivos de sua nação.

De acordo com Fernando Carlos Moura os clubes e as associações de imigrantes:

Non son outra cousa que a forma que estes inmigrantes atoparon pa dinamizar actividades étnicas nas cales se identifican e que, máis tarde, se transforman en necesidades e intereses de sectores significativos da comunidade que acaban por permitir o encontro das comunidades e a súa identificación como tal ²⁰⁸.

Entende-se que as associações criam um processo de reinvenção da identidade, que estará sujeita a alguma adaptação. Klaumann Cánovas ressalta que nestas associações étnicas os grupos se articulam, apropriam e fazem mediação entre os seus valores culturais e o novo espaço social em que eles vivem. E após um momento de reflexão tem-se um reordenamento de todo seu estoque simbólico²⁰⁹. Sendo assim, diariamente os imigrantes reconstruíam a

²⁰⁶ MATEOS, Natalia Ribas. *Una invitación a La sociología de las migraciones*. Barcelona, Edicions Bellaterra, 2004, p.194, 195

²⁰⁷ SAMIENTO, Érica. *A “não democracia dos excluídos alguns pontos da política imigratória brasileira*. Revista Logos 27: Mídia e democracia. Ano 14, 2º semestre, 2007, p.146

²⁰⁸ Idem. *Ibidem*. p.71

²⁰⁹ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000, p.350

sua identidade de origem nos clubes étnicos, e foram nessas associações que assumiam-se como uma comunidade na sociedade de recepção.

2.3 – O ASSOCIATIVISMO ESPANHOL NO RIO DE JANEIRO.

O estudo de um grupo ou uma sociedade em um determinado lapso de tempo nos faz pensar na palavra mudança, porque aspectos sociais, políticos ou econômicos acabam sofrendo alguma alteração. Quando se pesquisa os processos migratórios, ao usar o conceito de redes é possível identificar de forma objetiva as conexões que existem dentro deste sistema: primeiro se analisa a configuração dos fluxos migratórios e a sua propagação e, em segundo o imigrante como um participante dentro das redes, a fim de identificar a importância dos laços existentes.

Os denominados pioneiros, escolhiam o seu espaço social influenciados pelas condições socioeconômicas, enquanto os imigrantes do segundo ciclo migratório escolhiam a sua localização influenciados pelas redes sociais existentes: “unha rede de parentesco e de veciñanza que ofrecia apoio afectivo, econômico e profissional²¹⁰. O período da imigração de massas levou milhares de estrangeiros para diversas nações no continente americano. Quando os imigrantes formavam um grupo numeroso na sociedade receptora, era comum eles se unirem para prestar apoio assistencialistas e culturais.

As associações ou sociedades operárias buscavam instalar as suas sedes no Centro do Rio de Janeiro, porque supunham que era um local de prestígio. Por isso, muitas associações viviam mudando os seus endereços, o que em muitos casos contribuiu para a perda de importantes documentos destas instituições. Em relação ao tempo de existência das associações, não se pode determinar um período mínimo ou máximo, o que se sabe é que as associações relacionadas ao elemento de identidade étnica, tiveram uma durabilidade maior e, algumas ainda continuam existindo²¹¹.

A pesquisa de Érica Sarmiento revela que entre 1880 e 1930, as cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires receberam um grande fluxo imigratório de espanhóis, que na maioria eram de origem galega. Enquanto em Buenos Aires os espanhóis representavam o

²¹⁰ SARMIENTO, Érica. *As parroquias cariocas: vivenda e traballo dos galegos nas parroquias centrais de Río de Xaneiro (final do século xix e século xx)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, Núms. 1 e 2, 2011, p.115

²¹¹ BATALHA, Cláudio. *A geografia associativa: Associações Operárias, Protesto e Espaço Urbano no RJ da Primeira República*. In: AZEVEDO, Elciene, Etal. 2009, p.260-261. Apud: CASTANHEIRA, Erika Chermont. *Os imigrantes na grande imprensa: aspectos da imigração sírio-libanesa para o Rio de Janeiro (1890-1929)*. Dissertação de Mestrado. UNIVERSO. Niterói, 2015, p.25

segundo maior grupo de imigrantes, no Rio de Janeiro, eles ocupariam a terceira posição²¹². Os imigrantes entrevistados por Sarmiento, afirmam conhecer três associações étnicas importantes: o Hospital Espanhol, o Centro Galego e a Casa de Espanha.

O Hospital Espanhol do Rio de Janeiro foi fundado em 1859, e tinha por finalidade oferecer um amparo aos imigrantes espanhóis que não tivessem condições financeiras para realizar algum atendimento hospitalar. Alguns médicos ofereciam gratuitamente os seus serviços para as classes menos afortunadas. Nas palavras de Sarmiento a Sociedade Beneficente Espanhola dentro da sociedade carioca era,

Uma instituição filantrópica que conta com a mensalidade de seus sócios para dar continuidade a seus serviços. Em vários momentos da Memória se constata esse reforço de demonstrar que essa instituição é independente do Governo espanhol e que conta com a solidariedade de seus sócios, jamais mencionando, entre os agradecimentos e homenagens²¹³.

Segundo a autora, outra preocupação da direção do Hospital Espanhol era mostrar a sua independência do Governo da Espanha. Por isso, nos discursos da Sociedade Espanhola Beneficente a solidariedade dos seus sócios e o trabalho voluntário de médicos e profissionais da área da saúde estavam sempre em evidência. Por ser uma associação filantrópica, ela precisa que os valores das mensalidades sejam pagos pelos seus sócios para continuar prestando serviço à comunidade espanhola. Mas Sarmiento chama a atenção para um antagonismo dentro destas associações, pois ao mesmo em que essas associações assistencialistas ajudavam os espanhóis elas limitavam o seu ingresso com a cobrança das cotas ou mensalidades²¹⁴.

Até para usufruir os serviços do Hospital Espanhol que oferecia uma assistência sanitária, o imigrante deveria pagar uma mensalidade, sendo que muitos não possuíam recursos para efetuar o pagamento. É possível que uma grande maioria dos galegos do Rio de Janeiro não fizesse parte de associações étnicas, alguns por não disponibilizarem o valor das cotas e outros por não se interessarem em participar das associações²¹⁵.

²¹² SARMIENTO, Érica. *Imigração galega no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1890-1930): Breve estudo comparativo do imaginário e do associativismo étnico*. In: *Latinidade. Revista do Núcleo de Estudos das Américas*. Edição Especial 2013, p.31

²¹³ SARMIENTO, Erica da Silva. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.373

²¹⁴ Idem. Ibidem. p.374

²¹⁵ SARMIENTO, Érica. *Imigração galega no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1890-1930): Breve estudo comparativo do imaginário e do associativismo étnico*. In: *Latinidade. Revista do Núcleo de Estudos das Américas*. Edição Especial 2013, p.39

A imigrante Purificación Estevez Perez, de Pontevedra, relatou em entrevista que já foi uma das pacientes do Hospital Espanhol. Apesar de elogiar a qualidade do serviço prestado, ela demonstrou sentir uma tristeza ao contar que hoje não pode mais ser atendida na instituição. E o motivo seria o valor de sua aposentadoria,

Eu tinha. Mas me tiraram, porque quem ganha mais de um salário mínimo, eles agora cortaram. Atualmente, eu falei com o Casas. Aqui, me tiraram por quê? Porque atualmente estou ganhando R\$ 1.000,00. E ele falou assim: por R\$100,00 a senhora poderia pegar o Hospital Espanhol. Mas, meu marido continua no Hospital Espanhol”²¹⁶.

O Hospital Espanhol atenderia todos aqueles que tivessem uma renda de até um salário mínimo, e por causa de R\$: 100,00 em seu benefício Purificación Estevez não se enquadra mais no perfil estabelecido pela instituição. Mas, ela conta que o seu marido que tem Alzheimer e recebe uma aposentadoria de um salário mínimo, até hoje continua recebendo atendimento no Hospital Espanhol.

No passado, a situação da Beneficência Espanhola era diferente. Segundo Sarmiento no discurso do Hospital Espanhol se destacava o orgulho de ter entre os seus membros algumas das pessoas mais ricas (como comerciantes, industriais entre outros presentes na tabela 5) do Rio de Janeiro. Ao analisar o discurso da memória da *Sociedad Española de Beneficencia*, Sarmiento destacou um fragmento em que se lê: “Podemos decir com orgullo que nuestra sociedad em relación al número de sua miembro y capital es hoy la mas rica de Rio de Janeiro esto debido á la gran constancia de muchos de sus miembros”²¹⁷. Porém, este discurso foi feito antes de 1930, ou seja, um período onde os trabalhadores não tinham suas necessidade básicas atendidas e nem leis trabalhistas. Portanto, essas associações assistencialistas serviam para atender as necessidades de muitos imigrantes. Hoje a situação é diferente. O que poderia explicar a mudança no Hospital Espanhol que acarretou no impedimento da senhora Purificación Estevez seria alguma dificuldade econômica na instituição, que por conta da crise, passa a destinar o seu atendimento aqueles que recebem uma renda de um salário mínimo.

²¹⁶ Antonio Casas trabalha no Consulado Espanhol. Purificación Estevez Perez, entrevista concedida em 28/01/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

²¹⁷ SARMIENTO, Erica da Silva. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.373

Tabela 5: Profissões dos sócios galegos do Hospital Espanhol (1859-1930)

PROFISSÃO	TOTAL DE CADA PROFISSÃO
Comerciante	245 (16,00%)
Comércio	680 (44,00%)
Dependente de comércio	119 (7,60%)
Empregado de comércio	21 (1,30%)
Industrial	11 (2,80%)
Jornaleiro	4 (0,25%)
Negociante	43 (2,76%)
Operário	36 (2,30%)
Proprietário	3 (0,19%)
Trabalhador	8 (0,50%)
Total de sócios com profissão	1557

Fonte: SARMIENTO, Érica . *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.136

A imigrante Manuela Lorenzo Losada foi admitida no Hospital Espanhol em 10 de abril de 2006, após retornar de viagem à Espanha. Ela conta que o atendimento era ótimo, mas que hoje não se consulta mais na instituição porque assinou contrato com uma empresa de plano de saúde com valores mais acessíveis para sua família. Mas um fato interessante nos chamou a atenção: ela mantém a sua identificação do Hospital Espanhol- com a data de validade vencida- em sua carteira.

O objetivo dessas associações não se limitava ao socorro mútuo, a beneficência e ao ócio. Elas também realizavam ações em seus países de origem, como forma de estimular o seu crescimento e a instrução intelectual dos seus patrícios. Os imigrantes galegos no Brasil, da sociedade de Aurora del Povernir – criada em 1912, na Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo no Rio de Janeiro – construíram uma escola gratuita em Tomiño, província de Pontevedra, na Espanha, que se tornou um símbolo da tentativa de democratizar e modernizar o sistema educacional na região²¹⁸.

²¹⁸ SARMIENTO, Érica. *Imigração galega no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1890-1930): Breve estudo comparativo do imaginário e do associativismo étnico*. In: *Latinidade. Revista do Núcleo de Estudos das Américas*. Edição Especial 2013, p. 35-36

Muitas associações que financiavam projetos direcionados à educação foram denominadas de *sociedades de instrucción*, porque ao construírem inúmeras escolas na Espanha tiveram um papel importante na educação dos camponeses locais. Sobre a construção dessas escolas financiadas pelas sociedades de instrucción, Érica Sarmiento identificou a quantidade de 235 centros educacionais, sendo que 186 eram destinados à fins acadêmicos²¹⁹.

Retomando o tema do associativismo espanhol no Rio de Janeiro, em 1899, foi fundado o Centro Galego. O seu primeiro presidente chamava-se Segundo Bautista Triarte - era de Porriño/Pontevedra- que é descrito na matrícula do Hospital Espanhol como um industrial com o título de sócio distinguido. O que pode demonstrar que ele tenha sido um comerciante com uma boa posição econômica – proprietário de vários estabelecimentos. Assim como este presidente, muitos outros dos seus diretores já tinham sido sócios do Hospital Espanhol²²⁰.

E esses líderes étnicos conquistaram uma importante projeção socioeconômica e representatividade dentro do grupo. Entende-se por líder étnico, ainda que de forma genérica, toda pessoa que exerce uma influência decisiva sobre outros conterrâneos imigrados²²¹. Para o imigrante, ser presidente ou membro da diretoria de uma associação era um sinal de status e de prestígio social. Por isso, segundo Viscardi muitos queriam permanecer nos cargos durante muitos anos, pois ter um cargo na diretoria poderia criar possibilidades de contato direto com autoridades consulares²²². Diante disso, não seria errado pensar que alguns imigrantes galegos que conseguiram fazer fortuna buscavam alcançar o reconhecimento social, por meio da participação em associações. Érica Sarmiento identificou que,

A liderança étnica, através da projeção social dos líderes nas associações mutualista, junto com as redes sociais, era a via de entrada para a participação política dos espanhóis nesse país, além de abrir possibilidades de ascensão social tanto na sociedade receptora como na de origem²²³.

²¹⁹ SARMIENTO, Érica. *Imigração galega no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1890-1930): Breve estudo comparativo do imaginário e do associativismo étnico*. In: Latinidade. Revista do Núcleo de Estudos das Américas. Edição Especial 2013, p.35 e 40

²²⁰SARMIENTO, ÉRICA. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006,p.384

²²¹ NUNEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Las pátrias ausentes. Estudios sobre historia y memória de las migraciones ibéricas (1830-1960)*. Genuève. Ediciones, 2014,p.119

²²² VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro; JESUS, Ronaldo Pereira de. *A experiência mutualista e a formação da classe trabalhadora no Brasil*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org). *A formação das tradições (1889-1945)*. RJ: Civilização Brasileira, 2007, p.29

²²³ SARMIENTO, Érica. *Imigração galega no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1890-1930): Breve estudo comparativo do imaginário e do associativismo étnico*. In: Latinidade. Revista do Núcleo de Estudos das Américas. Edição Especial 2013,p.37

Percebe-se que nas associações étnicas os integrantes da diretoria ganhavam uma visibilidade dentro da comunidade galega e também na sociedade brasileira. Sarmiento explica que em casos de situação econômica favorável, ao imigrante caberia não somente se tornar sócio em alguma associação espanhola, mas se inserir na elite brasileira.

Existe uma tipologia das lideranças étnicas: a primeira é a liderança recebida, que é formada na comunidade étnica preexistente no país de origem e transferida para o país de destino, embora teve a sua eficácia reduzida, diante ao aumento do número de naturalização dos imigrantes; a segunda é liderança interna, onde o líder surge dentro do próprio grupo porque chegaram ao Novo Mundo em condições semelhantes, embora ele tenha conquistado uma ascensão social. Este líder era o catalisador da sociabilidade do grupo (organiza a imprensa, as festas, as reuniões e os lugares de socialização) e, em seu país de origem era o responsável por defender à sua coletividade; a terceira é a liderança de projeção, aquela na qual o líder alcança uma projeção superior a do grupo, com o qual mantém um tipo de vínculo superficial. Neste tipo de liderança não há um envolvimento profundo do líder com o grupo étnico que ele representa²²⁴.

Um estudo de Núñez Seixas sobre a liderança étnica nas comunidades espanholas na América, entre 1870 e 1940, apresenta dois importantes questionamentos: a teoria da assimilação, que afirma que a função do líder étnico é a de mero intermediário no processo de assimilação cultural dos imigrantes- paralelo a modernização econômica e social- na sociedade de recepção; a teoria do pluralismo cultural, que enxerga o líder étnico como um intermediário necessário no processo de aculturação e assimilação, como o de catalisadores e agentes de difusão de uma consciência étnica dormida ou reelaborada²²⁵.

O Centro Galego era um ambiente de sociabilidade, situado, inicialmente, na Rua Carioca, mas depois se transferiu para a Rua da Constituição onde alugou algumas salas disponibilizadas nas novas dependências do Hospital Espanhol. Os brasileiros poderiam se tornar sócios do Centro Galego, desde que fossem descendentes de galegos, e os portugueses (a única nacionalidade estrangeira que foi aceita pela Junta Diretiva que oferecia títulos beneméritos e até cargos dentro da associação). Já nas festas comemorativas e em atos sociais, todos aqueles que não prejudicassem a reputação do centro era bem-vindos. No Centro

²²⁴ NUNEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Liderazgo étnico em comunidades emigrantes: algunas reflexiones*. In: ALBORNOZ, Nicolás Sánchez; LEORDÉN, Moisés (Comp.) *Migraciones iberoamericanas. Reflexiones sobre economía, política y sociedad*. Asturias, Fundación Archivo de Indianos, Columbres, 2003, p.355-356

²²⁵ NUNEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Las pátrias ausentes. Estudios sobre historia y memoria de las migraciones ibéricas (1830-1960)*. Genuève. Ediciones, 2014, p.115-116

Galego realizavam-se diversas atividades culturais, conferenciais, peças teatrais e bailes, mas este também era um local aonde os interesses profissionais e políticos eram debatidos²²⁶.

Ao comemorar o *Dia da Galiza* em 27 de julho de 1933, o Centro Galego foi tema de uma matéria durante três dias na coluna Sociedades Recreativas do *Jornal do Brasil*, junto com matérias referentes às associações portuguesas. Esta era uma festa elitista, por isso era exigido trajes a rigor. Embora as notícias fossem divulgadas em diversos jornais²²⁷ desde 1903, o Centro Galego tinha o seu próprio jornal *El Correo Gallego*, usado para dar maior visibilidade às atividades realizadas na associação que buscava ressaltar a importância da comunidade espanhola no Rio de Janeiro.

Nesta associação também aconteceram muitos debates políticos envolvendo imigrantes. Muitas vezes, concluíram que os galegos estavam sendo reprimidos injustamente e, alguns estrangeiros que começaram a se destacar nas reuniões do Centro Galego se tornaram líderes e propagadores das ideologias da classe operária como o espanhol Mariano Ferrer. Em 1903, ela trabalhava no *Jornal do Comércio* como gráfico e criou o Grupo Dramático de Teatro Livre na Associação dos Artistas Sapateiro. Ao lado de sua esposa, Carmem Ferrer, uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil, divulgaram o teatro amador. Foram apresentadas algumas peças de teatro anarquistas que serviam para denunciar o sistema exploratório²²⁸.

Segundo Klaumann Cánovas, o teatro social no Brasil iniciou-se com a chegada de imigrantes libertários. E esta atividade teatral militante protagonizada por imigrantes e, que foram introduzidas nas associações étnicas como uma forma de entretenimento, também representaram uma das mais expressivas formas de divulgação ativista²²⁹.

Uma das características mais notáveis do associativismo espanhol, segundo José Moya, é o nível crescente da variedade de tipos. As associações mutualistas, beneficentes e sociais das primeiras décadas da presença de imigrantes foram progredindo para outras

²²⁶ SARMIENTO, Erica da Silva. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.383-388

²²⁷ *Correio da Manhã, A Notícia* ou *Gazeta de Notícias*.

²²⁸ No início do século XIX, tanto no Brasil como no exterior, o que caracteriza o anarquismo é a busca por um alargamento da participação social, aquilo que os governos chamavam de excessos de liberdade SAMIS, Alexandre. *Pavilhão negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil*. In: COLOMBO, Eduardo et al. *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo, Imaginário, São Caetano do Sul: IMES, 2004

²²⁹ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000, p.476,477

ideológicas, acadêmicas, desportivas, políticas e etc²³⁰.

Esta variação nas associações espanholas também foi analisada por Núñez Seixas:

El abanico de asociaciones voluntarias de los emigrantes hispánicos ha evolucionado desde un predominio de las sociedades de socorros mútuos a la hegemonia actual de los clubes recreativos, pasando por la entidades microterritoriales de “parroquia” y municipio interesadas en la beneficencia en el lugar de origen, las asociaciones con fines de agitación política de diverso color (socialista, anarquista, etnocacionalista...) y los círculos de notables de las colectividades emigrantes²³¹.

Algumas associações que surgiram com a finalidade de ser um ambiente de sociabilidade, como o Centro Galego, terminaram se envolvendo em questões políticas e ideológicas.

No início da República brasileira, a organização da classe operária se baseava em três correntes ideológicas: a dos amarelos ou trabalhistas que lutavam por melhores condições de vida, trabalho e financeira aceitando a dependência em relação ao Estado; as correntes socialistas reformista e as anarcossindicalistas que lutavam por uma sociedade nova, sem classes, sem Estado e sem exploração. Para Sarmiento, esta última corrente ideológica conseguiu atrair a atenção dos operários brasileiros e estrangeiros, dos imigrantes desocupados e de pessoas que se sentiam a margem do processo do capital. O operário poderia ser comunista, socialista ou anarquista por dois motivos: ou ele era um militante consciente da doutrina ou apenas um simpatizante interessado nos programas de melhorias sociais defendidas por tal corrente ideológica.

O anarcossindicalismo, vertente do anarquismo que dominou a liderança do primeiro movimento operário brasileiro, recusava a luta política, propunha como estratégias de ação a luta econômica e ideológica e utilizava como tática a ação direta, a greve, o boicote, a sabotagem, os comícios e as diversas formas de manifestações públicas²³².

Durante a fase ativa do movimento operário, 1917 a 1920, os imigrantes espanhóis e portugueses ajudaram a propagar nos sindicatos o anarcossindicalismo com os seus jornais,

²³⁰ MOYA, José C. *El asociacionismo inmigrante español en perspectiva global*. In: BIANCO, Juan Andrés; DACOSTA, Arsenio. *El Asociacionismo de la emigración española en el exterior: significación y vinculaciones*. Madrid: Sílex Ediciones Universidad, 2014, p.29

²³¹ NÚÑEZ Seixas, Xosé. *El asociacionismo emigrante español: algunas consideraciones teóricas*. In: BIANCO, Juan Andrés; DACOSTA, Arsenio. *El Asociacionismo de la emigración española en el exterior: significación y vinculaciones*. Madrid: Sílex Ediciones Universidad, 2014, p.36

²³² SARMIENTO, Érica. *Greves, dinamites e boicotes: galegos anarquistas no Rio de Janeiro*. Revista Maracanã, RJ, nº6, 2010, p.75-95

peças teatrais e livros. Um exemplo desta participação foi o imigrante Nicolau Parada, um garçom que foi perseguido pela polícia carioca e, ao fugir para São Paulo fundou e redigiu o *Jornal A voz da União*, em 1922. Percebe-se que numericamente os galegos podiam até ser minoria no Rio de Janeiro, mas a sua atuação em associações e sindicatos é bem perceptível.

Foi no Centro Galego no Rio de Janeiro que aconteceu o Congresso Operário Regional Brasileiro, entre 15 e 22 de abril de 1906, denominado pela comissão de redação do encontro como o “Primeiro Congresso Operário Brasileiro”. Segundo William Kauan Santos, neste encontro estiveram presentes 43 delegados representantes de 28 associações do ramo industrial, que aprovaram a neutralidade sindical, o antinacionalismo, a greve geral, a ação direta, o federalismo, o antimilitarismo e a descentralização. Ainda ficou decidido que deveria haver sindicatos por indústrias, por ofícios e a criação de uma propaganda para organizar sindicatos de resistência na área rural. A neutralidade sindical aprovada no Primeiro Congresso Operário Brasileiro, refere-se a criação de comissões administrativas substituindo a diretoria e o cargo de presidente e, verifica-se que o impacto desta mudança foi positivo, pois todas as greves decretadas, no período, foram realizadas. No início do século XX, houve cento e onze movimentos grevistas em todo o Brasil²³³.

Algumas características dos operários envolvidos nas greves começaram a se espalhar no Rio de Janeiro. O operário grevista português era impaciente, enquanto o italiano era pertinaz, paciente, determinado, não reclamava da demora, mas era propenso ao uso da violência. Já o espanhol na greve, falava demais, era exagerado e menos ativo e persistente do que o italiano. E por fim, o operário brasileiro quando iniciava a greve, mostrava-se muito indeciso. Em busca de benefícios salariais e redução da carga horária de trabalho, os operários iniciaram muitas greves no Rio de Janeiro e, estas terminaram em confrontos diretos com a polícia. Alguns imigrantes tiveram que enfrentar um processo de expulsão do Brasil por se declararem anarquistas e, nestes casos eram ao mesmo tempo os réus e os seus próprios advogados. Muitas condenações foram baseadas apenas em depoimentos de testemunhas dos processos, que muitas vezes eram os próprios polícias do governo²³⁴.

Para Sarmiento o Centro galego passou a ser visto como uma associação estrangeira perigosa, porque alguns de seus membros eram esquerdistas, apoiavam os teatros anarquistas,

²³³ SANTOS, William Kauan. *Socialistas muito além do partido: classe, nação e o movimento operário na Primeira República em São Paulo por Luigi Biondi*. Revista Eletrônica Discente História . com, Universidade Federal Recôncavo Baiano, Vol 2, nº6, 2014, p.134-139

²³⁴ SAMIS, Alexandre. *Pavilhão negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil*. In: COLOMBO, Eduardo et al. *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo, Imaginário, São Caetano do Sul: IMES, 2004, p.148

lideravam greves operárias e organizavam os sindicatos. E dentro desta mesma associação havia membros que defendiam Getúlio Vargas e o seu nacionalismo, causando um racha dentro da instituição²³⁵.

Alguns jornais do Rio de Janeiro, *O Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Brasil*, noticiaram em março de 1921, a expulsão de sete estrangeiros, sendo cinco portugueses e dois espanhóis, respectivamente: Alexandrino Valente Coutinho, José Gonçalves Brito, Manoel Barbosa, Abel Ribeiro dos Santos, João de Oliveira, Primitivo Ayrosa (Pontevedra) e Vincente de Dios Bello (A Coruña). De acordo com Érica Sarmiento, eles foram acusados de serem “dinamiteiros”, isto é, operários que boicotavam o comércio, as fábricas e as padarias explodindo-as com dinamites. Esses imigrantes galegos eram líderes do movimento operário que instruíram outros trabalhadores, por isso foram vigiados e presos várias vezes. Primitivo Ayrosa entre 1917 (o ano da greve geral) e 1921, foi preso dez vezes e, mesmo sendo inocente e a polícia não apresentando provas contundentes, ele e o outro galego, Vincente, foram condenados.

Esse português confessou ser fabricante de petardos para a União dos Empregados em Padaria. O segundo, Manuel Barbosa, era padeiro e residia na Rua Senador Pompeu (localidade onde residiram vários galegos) e foi encontrado, segundo o periódico, com uma grande bomba revestida de folha de zinco e com dois quilos de explosivos, destinados a explodir navio do *Lloyd Brasileiro*. O petardo fora entregue por Alexandrino Valente Coutinho, que também o havia fabricado. João de Oliveira, o terceiro, foi um dos dinamiteiros de uma casa de construção. Abel Ribeiro, outro empregado de padaria, confessou à polícia que foi o autor do atentado contra a padaria Nova Central, localizada no subúrbio carioca. O quinto português, José Gonçalves de Brito, era marítimo e foi um dos fomentadores da greve dos carvoeiros e também participante em uma das greves dos marítimos²³⁶.

Já Alexandre Valente Coutinho, o imigrante português, este sim, explodiu bombas em diversos estabelecimentos comerciais e no Clube Naval. Em sua casa a polícia encontrou um depósito de explosivos. Os outros imigrantes portugueses também eram todos “dinamiteiros”.

Nota-se que algumas manchetes de jornais atendiam o interesse da polícia em espalhar o pânico na sociedade, culpando os anarquistas. Esta foi uma estratégia que serviu para ameaçar a classe operária com as prisões temporárias e as expulsões, a fim de reforçar a política nacionalista.

²³⁵ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006

²³⁶ SARMIENTO, Érica. *Greves, dinamites e boicotes:galegos anarquistas no Rio de Janeiro*. Revista Maracanan, RJ, nº6, 2010,p.90

De acordo com Sarmiento, o estatuto do Centro Galego n.6º do artigo 30 determinava a proibição qualquer conferência política e religiosa no espaço da associação. E o não cumprimento do artigo agravou a rivalidade entre os sócios, que já discordavam quanto o destino dos sócios com o pagamento das cotas atrasadas- uns não aceitavam dar aos devedores o direito ao voto nas assembléias- e nas atas do Centro era fácil encontrar as discussões entre os sócios, que por conta dos debates políticos se acusavam mutuamente de desordeiros, anarquistas e traidores. A divergência entre sócios do Centro Galego existia até quando o tema era o Estado espanhol. Alguns sócios diziam que o governo espanhol não colaborava com o desenvolvimento e o bem-estar da colônia, por isso muitos se recusavam a enviar qualquer tipo de ajuda humanitária à sua terra natal. E havia aqueles que estavam mais preocupados em ajudar a comunidade galega que morava no Rio de Janeiro²³⁷.

Durante a eleição de 1937, os próprios sócios acusaram a diretoria eleita de querer instalar uma ideologia esquerdista e em novembro, esta denominada “diretoria vermelha” foi substituída por “velhos” e conceituados comerciantes da cidade. Mas, agora, os atritos internos tornaram-se alvo do governo brasileiro. Em 18 de abril de 1938, o Decreto-lei nº 383²³⁸ determinava que as autoridades policiais vigiassem as sociedades estrangeiras, que estavam proibidas de discutirem assuntos políticos. No mesmo ano, o Centro Galego realizou uma assembleia sem a autorização da polícia, que classificou como um ato clandestino. Da divergência interna gerou-se um problema externo que Sarmiento esclarece:

As divergências internas entre seus membros, formados pela ala “azañista” (os de esquerdas) e pela ala dos nacionalistas foram parar nas mãos da polícia de Getúlio Vargas. Era demasiado perigoso em um país estrangeiro, com um regime de ditadura, manter posições declaradamente esquerdistas. O final foi trágico: fecharam o Centro Galego em 1943²³⁹.

Após quarenta anos de sua inauguração, as portas do Centro Galego foram fechadas em 1943, durante o governo de Getúlio Vargas, porque entre os seus próprios havia aqueles que pertenciam a “diretoria vermelha” que representavam uma ameaça ao projeto nacional.

A terceira associação espanhola no Rio de Janeiro a ser analisada é a Casa de

²³⁷ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.394-396

²³⁸ Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>

²³⁹ SARMIENTO, Érica. *Imigração galega no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1890-1930): Breve estudo comparativo do imaginário e do associativismo étnico*. In: Revista Latinidade, 2009. p.31-42

Espanha do Rio de Janeiro, situada na rua Maria Eugênia 300, Humaitá- Rio de Janeiro. A instituição foi criada em 27 de março de 1983, após a fusão de outras duas associações a Casa de Galícia²⁴⁰ (1947) e o Centro Espanhol do Rio de Janeiro (1927) conhecido clube espanhol. O Centro Espanhol fundado em 28 de agosto de 1927, de caráter recreativo e cultural elaborava um projeto vinculado às áreas científicas e literárias.

Segundo Sarmiento, no discurso do primeiro presidente, Aurelio Claro Ferrer, o recado transmitido foi o de estreitar as relações e estimular a convivência entre os espanhóis. E assim como aconteceu nas outras associações, a cobrança da cota também fomentava desavenças no grupo do Centro Espanhol:

A discussões em torno do problema do valor das cotas que deveriam ser pagas mensalmente, prova que muitos espanhóis não tinham condições financeiras de assumir o compromisso de pagar uma cota que não equivalia à sua renda ou não viam interesse em gastar suas economias em determinado tipo de atividades²⁴¹.

No ano seguinte, os membros da diretoria do Centro Espanhol começaram a discutir sobre os valores das cotas. Começaram a surgir sérias divergências entre a diretoria, e até alguns de seus membros recusaram-se a assumir as responsabilidades que os seus cargos exigiam. Até hoje não se sabe os motivos que provocaram o fechamento do Centro Espanhol.

Não se pode afirmar que o fato de haver muitos espanhóis no Rio de Janeiro, tenha facilitado o contato entre eles, o que se pode notar é que alguns chegaram a conviver mais com brasileiros e portugueses do que com os seus conterrâneos. Como a maior parte das associações seguiam uma lógica ligada a uma empresa, naturalidade, categoria ou nacionalidade, a participação de imigrantes nas associações poderia ser bastante benéfica para os mesmos²⁴².

Manuela Lorenzo Losada que chegou ao Brasil em 1958, relatou que convivia mais com brasileiros e portugueses do que com espanhóis: “Eu convivia com uma espanhola, mas por incrível que pareça, convivia mais com portugueses e brasileiros”.²⁴³ E ela não foi a única a mencionar este fato. José Martinez Amado também afirmou que o contato com espanhóis

²⁴⁰ Não se encontrou fonte ou referência bibliográfica sobre a Casa de Galícia.

²⁴¹ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006, p.375

²⁴² FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Arquivo Nacional, Niterói: Muiraquitã, 2008, p.120

²⁴³ Manuela Lorenzo Losada em 04/02/2015, entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva para o LABIMI/UERJ.

no Brasil era muito pouco, e ele mesmo tentou justificar esta falta de convívio relacionando com a sua área de trabalho que era diferente da escolhida pela maioria dos seus conterrâneos: “ Porque via pouco espanhol. Porque espanhol é mais hotel, restaurante e pensão. E eu também não tive oportunidade”²⁴⁴. Ao escutar a seguinte pergunta: e quando o senhor começou a ter mais contato com espanhóis no Rio de Janeiro? A resposta de José Martinez Amado foi: “Acho que foi agora que estou aqui no clube. Agora tenho contato com os espanhóis, andamos a casa toda. Engraçado que não conhecia nenhum deles antes. Tem-se uma pausa. Ah, o Jesus Lavandeira conhecia antes do clube”²⁴⁵ – referindo-se a Casa de Espanha do Rio de Janeiro.

Ainda sobre a falta de contato com espanhóis no Rio de Janeiro, Maria del Carmen Bua da Costa, que nasceu em 27 de agosto de 1945, na província de Corunña, chegou ao Brasil em 20 de maio de 1957, afirmou que após a morte de seu pai houve um afastamento e, ela perdeu o contato com os espanhóis. Esta situação só foi modificada, quando ela passou a freqüentar o Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro²⁴⁶. Já Joaquim Sanchez Pacheco que veio para o Brasil para trabalhar na PUC-RJ, disse que desde o início se sentia mais seguro pelo fato ter amigos que conheceu na Espanha: “Além do amigo que me indicou o trabalho, eu tinha um outro grupo de mais 4 ou 5 professores, então pra mim, me dava uma certa segurança que eu não ia a um lugar completamente sem ninguém conhecido”²⁴⁷.

Outra imigrante que durante anos não teve muito contato com outros espanhóis no Brasil foi Purificación Estevez Perez, que tinha mais amigos brasileiros. Mas quando ela começou a freqüentar a Casa de Espanha, passou a ter mais amigos espanhóis. O que para ela foi “um diferencial em sua vida”²⁴⁸. A maioria dos entrevistados afirma que antes de freqüentarem a Casa de Espanha, tinham pouco contato direto com outros espanhóis no Rio de Janeiro. Portanto, a associação étnica contribuiu para muitos deles tivessem a oportunidade de voltar a conviver com pessoas de sua terra natal.

²⁴⁴ José Martinez Amado em 08/07/2015, entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva para o Laboratório de Estudo de Imigração LABIMI/UERJ.

²⁴⁵ José Martinez Amado em 08/07/2015, entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva para o LABIMI/UERJ.

²⁴⁶ Maria del Carmen Bua da Costa em 29/04/2015, em 08/07/2015, entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o LABIMI/UERJ

²⁴⁷ Joaquim Sanches Pacheco concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

²⁴⁸ Purificación Estevez Perez, concedida em 28/01/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

A Casa de Espanha²⁴⁹ é uma associação étnica freqüentada por imigrantes espanhóis do segundo ciclo migratório. Para Elena Pájaro, o perfil destes imigrantes galegos da segunda imigração massiva sempre esteve associado a um grupo de exilados da Guerra Civil ou aqueles trabalhadores especializados que foram atraídos pela política desenvolvimentista brasileira na década de 1950²⁵⁰. Mas, podemos constatar que muitos galegos que antes moravam na roça, ao chegaram ao Brasil entre 1940-1970, foram trabalhar nas cidades mesmo ter um curso superior ou técnico. Estes galegos foram inseridos no comércio e no setor de serviços: camareiras, babás, lavadores de prato, motoristas, pintores e barbeiros.

Nesta associação estão situadas três importantes entidades de assistência: a Comunidade Hispânica de Assistência Social, o Conselho de Residentes Espanhóis e o Centro Social de Mayores. Anualmente, o governo espanhol e a Xunta de Galícia promovem os programas assistencialistas como o Programa de Ajudas Econômicas Individuais (um auxílio anual equivalente a um salário mínimo) , o Programa de Acampamentos e o Programa Reencontros na Terra e Programas de Difusão Cultural.

De acordo com Vera Lúcia S. Garcia que é assistente social no clube desde 05 de fevereiro de 2010, na Casa de Espanha as políticas públicas existem porque,

O governo espanhol entende que numa década, numa determinada linha histórica os espanhóis saíram de suas casas. Praticamente, eles se sentiram expulsos, porque foi na época da Guerra de Franco e vieram nesse processo de imigração. E aí, quando a Espanha se recuperou, ela criou políticas públicas que dessem assistência a esses imigrantes que estivessem fora. A Casa de Espanha é um espaço onde ela também faz parte de programas sociais, que vem da Xunta de Galícia e do Governo espanhol²⁵¹.

A Casa de Espanha ajuda a divulgar esses programas do Governo espanhol e da Xunta de Galícia e, ainda oferece orientação (quanto a documentação necessária, local de envio das solicitações e as datas das inscrições) aos que estiverem interessados.

Após superar algumas crises provenientes da Guerra Civil, a Espanha passou a desenvolver algumas políticas públicas direcionadas aos espanhóis que estavam espalhados por diversos países. E aqui no Brasil, é possível visualizar algumas ações do Governo

²⁴⁹ Todas as informações sobre a Casa de Espanha no Rio de Janeiro, foram obtidas no seu site oficial www.casadeespanha.com.br e nas entrevistas realizadas entre os anos de 2015 e 2016.

²⁵⁰ PÁJARO PERES, Elena. A inexistência da terra firme. A emigração galega em São Paulo 1946-1964. São Paulo, EDUSP, 2003

²⁵¹ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro.

espanhol através da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, que oferece aos espanhóis alguns dos programas sociais como complementação de renda, auxílio de medicamentos, Reencontro à Terra e o Retorno à Casa, que é uma ajuda destinada aos galegos que queiram voltar à sua cidade natal.

A Casa de Espanha ainda oferece o Programa de Acampamentos, que anualmente leva jovens entre 14 e 20 anos para a Galícia, para integrá-los a cultura dos seus ancestrais. As duas filhas de Concepción Estevez Perez participaram deste programa, na época uma tinha 16 anos e a outra 19 anos. Elas conheceram a Galícia ainda jovens e gostaram tanto da terra natal de sua mãe, que ao chegarem a fase adulta foram morar na Espanha. Sua filha mais nova, voltou ao Brasil para estudar em São Paulo, mas em 2017, planeja regressar para a Espanha. De acordo com Concepción, as duas preferem viver na Espanha porque consideram o país melhor para trabalhar e mais seguro para se morar²⁵².

Percebe-se a importância destes programas não apenas como mais uma forma de preservar a cultura espanhola entre os descendentes de galegos, que vivem no Rio de Janeiro, mas também como elemento que pode estimular nos descendentes de imigrantes o desejo de morar na Espanha.

Outro projeto da Casa de Espanha é o Programa Reencontros na Terra é destinado aos galegos e cônjuges (acima de 65 anos) que devido as dificuldades financeiras não visitam a Galícia e não vêem os seus familiares por mais de quinze anos. Os candidatos selecionados recebem, gratuitamente, do programa as passagens e inscrições em excursões e atividades culturais na Galícia, por quatorze dias. Após muitos anos vivendo no Brasil, Purificación Estevez Perez conseguiu retornar à Espanha em outubro de 2014, porque foi selecionada pelo programa financiado pela junta Xunta de Galícia. Ela conta que viajou com tudo pago,

Eu estive agora em outubro. Estive agora pela Xunta de Galícia. Eu estive agora, passei 15 dias com tudo pago lá, do bom e do melhor. Teve tudo. Não paguei um centavo por aqui. Foi pela Xunta de Galícia. Eu estive lá em Ourense. Eu e o meu marido. Fomos sorteados os dois. O passeio lá, maravilhoso ²⁵³ !

A partir do décimo quinto dia da viagem eles entram no *Residencia de Tempo Libre*, onde ficam na casa dos familiares, mas neste tempo as despesas ficam a cargo dos mesmos.

²⁵² Concepción Estevez Vasquez, concedida em 21/01/2015, à Érica Sarmiento e a Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

²⁵³ Purificación Estevez Perez, concedida em 28/01/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

A associação espanhola também oferece o programa denominado Campo de Trabalho, no qual os galegos e os seus descendentes (filhos e netos), com idade entre 20 e 30 anos, podem ir trabalhar voluntariamente na Galícia, que disponibiliza alguns albergues juvenis da Comunidade Autónoma da Galícia. Caso a renda familiar do candidato seja de dois salários mínimos, a instituição financia o valor total ou parcial da viagem, mas cada candidato pode participar uma única vez no programa.

Hoje a Casa da Espanha é considerada um clube esportivo e sociocultural, que realiza festas, reuniões e eventos culturais para preservar a cultura espanhola no Rio de Janeiro. Esta definição trouxe à tona, uma frase de José C. Moya: “o associativismo não é sinônimo de sociabilidade, mas de uma forma de agrupar pessoas voluntariamente”. O mesmo autor ainda identifica dois elementos no associativismo espanhol: o de está mais direcionado para uma sociedade recreativa ou religiosa²⁵⁴. Algumas entrevistas contribuíram para uma nova reflexão acerca da Casa de Espanha, que pode está inserida na prática recreativa e de sociabilidade mencionada pelo autor.

Algumas espanholas relataram que freqüentam o local para conversar com as pessoas de sua terra natal e, que passam algumas horas relembando histórias e desta forma elas se divertem. Muitos ficaram sabendo da existência desta associação através de amigos. José Martinez Amado é um dos freqüentam o local para conversar com outros espanhóis, jogar carta com os amigos (que é diferente do jogo de carta brasileiro) e para comer alguma comida típica de seu país de origem. Sobre a sua ida à Casa de Espanha ele diz que, “ A gente vem aqui de vez em quando. Ah, vamos comer alguma coisa espanhola. Vamos lá ver como é que é. Aí depois volta e fica”²⁵⁵.

Inicialmente, muitos dos galegos entrevistados freqüentavam o clube três vezes por semana, mas com os passar do tempo alguns enfrentaram algum tipo de dificuldade (financeira ou enfermidade) e passaram a freqüentar o local duas vezes por semana. A importância da associação étnica vai além da preservação da cultura espanhola na sociedade de recepção, ela pode trazer uma melhora na qualidade de vida de muitos imigrantes como o caso de Manuela Lorenzo Losada, que foi diagnosticada com depressão. Hoje, só sabemos que ela enfrentou esta doença, porque a assistente social nos informou, porque quem a conhece nem pode imaginar que chegou à Casa de Espanha totalmente diferente.

²⁵⁴ MOYA, José C. *El asocianismo inmigrante español em perspectiva global*. In: BIANCO, Juan Andrés; DACOSTA, Arsenio. *El Asociacionismo de la emigración española en el exterior: significación y vinculaciones*. Madrid: Sílex Ediciones Universidad, 2014, p.27

²⁵⁵ José Martinez Amado em 08/07/2015, entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva para o Laboratório de Estudo de Imigração LABIMI/UERJ

Como a maioria das associações étnicas, a instituição também se preocupa em preservar o idioma, por isso desde 1986, oferece o *Curso de Español de la Casa de España*, que atualmente organiza um vez por mês o Cine Fórum de Sábado, onde exibem obras cinematográficas da Espanha e da América Latina, promovendo sempre um debate após a exibição. A entrada é franca.

Foi falado anteriormente que as associações visam unir os imigrantes do seu grupo étnico e buscar manter viva as práticas e costumes da sociedade de origem. E a Casa de Espanha criou a *Escuela Española de Danza Mabel Martín*, que ensina aos dançarinos a importância do flamenco e do folclore na cultura espanhola. E os melhores alunos podem ser convidados a integrar o Ballet da instituição. Foi a partir de um diálogo entre a professora de dança flamenco e da assistente social, que foi criado um novo projeto: o de confecção de bonecas com trajes espanhóis que se tornaria um objeto de representação da Casa de Espanha.

Anualmente, no mês de outubro, é realizado o *Hispanidad Diversidad* na Casa de Espanha do Rio de Janeiro. A proposta é reunir representantes de diversos países que foram ex-colônias espanholas e nações consideradas amigas, para uma exposição cultural. Normalmente, cada país apresenta em sua barraca a sua gastronomia, artesanato, além de danças e músicas típicas. O evento acontecia a vários anos e, a Casa de Espanha não apresentava um objeto que a representasse. Então, após a conversa entre a Vera Garcia e a professora de dança, surgiu a ideia de reproduzirem em bonecas algumas roupas de dança criadas por Mabel Martín, fundadora da *Escuela Española de Danza* do clube. Vera Garcia mencionou que:

Vários países vem aqui apresentar a sua cultura, traz objetos que representem isso. E a Casa de Espanha, não tinha uma tenda que mostrasse qual é o seu objeto cultural, o que representava, qual era a sua identidade. Conversando com a professora de dança espanhola que tem aqui na Casa de Espanha, eu falei: quem sabe a gente, as mulheres gostam de costurar. Elas já fazem um trabalho de recolher bonecas no lixo, trazem e reformam estas bonecas e doam para quem quiser levar para um orfanato. [...] Elas poderiam confeccionar as bonecas representando as dançarinas do flamenco da Casa de Espanha²⁵⁶.

A assistente social Vera Garcia, levou a proposta para as espanholas que fazem parte do Centro Social de Mayores que aceitaram o desafio. A professora de dança doou os tecidos que seriam necessários para confeccionar as roupas das bonecas, que passaram a ser a

²⁵⁶ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro.

representação das espanholas que dançam na Casa de Espanha, no Hispanidad Diversidad, que aconteceu no dia 16 de outubro de 2016. O evento, reuniu representantes de dez países: Espanha, Colômbia, Bolívia, Chile, Venezuela, Peru, Brasil, Portugal, Síria e Alemanha, enquanto os convidados pagavam R\$ 20,00 nos ingressos , para os sócios do clube a entrada era cortesia.

Para as espanholas envolvidas na confecção destas bonecas com trajes típicos, este projeto tem um grande significado. Após conversar com algumas delas, como Maria de Carmen Barreiros Barros, a assistente social nos explicou que este trabalho,

Tem uma dimensão para elas, não só daquilo que elas podem fazer, porque não é só fazer a roupa. O que a gente tem percebido é que quando estão confeccionando aquela roupa: a saia, a blusa, o xale né, quando vão modelar a boneca, elas se colocam nela. Então elas dizem. Quem ta fazendo isso é a Carmen Barros. Ela diz que se vê até cantando, quando vai costurar as roupas destas bonecas. Então você vê, que você tira a cultura de dentro de você e expõem ela. Porque eles estão aqui, mas eles são espanhóis²⁵⁷.

A proposta de confeccionar bonecas representando as dançarinas do flamenco impulsionou ao surgimento de uma nova ideia que, posteriormente, começaram a colocar em prática: criar algumas bonecas com trajes galegos. O que se pode concluir é que, no momento em que estas espanholas estão confeccionando as roupas das bonecas, começam a trazer a memória os hábitos e os costumes de sua terra natal. Então, começam a lembrar da sua terra, de algumas músicas e danças espanholas.

Além do Hispanidad, a Casa de Espanha do Rio de Janeiro também realiza outros eventos que remetem à cultura espanhola como o: Dia de Reis, Dia de Santiago Apóstolo – no dia 25 de julho comemoram o dia do padroeiro da Espanha e da Galícia, mas em Santiago de Compostela, Coruña e na Galícia, a festa começa dez dias antes.

O clube também realiza o Dia das Letras Galegas, uma parceria entre a *Curso de Español de la Casa de España* e o *Centro Social de Mayores* , para homenagear personalidades espanholas que podem ser autores, músicos e escritores. Sobre as práticas culturais nas associações, Marília Klauman Cánovas explica que,

²⁵⁷ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro.

A comemoração das festas nacionais; a reverência aos santos padroeiros locais; a homenagem dos grupos artísticos a personalidades espanholas; a manutenção de tradições e costumes genuínos ligados à música, à dança, às artes cênicas, à gastronomia, aos jogos...enfim, expressando a afirmação da identidade do grupo parecem indicar a tentativa de preservação de alguns quadros referenciais, em que as festas e os bailes, eventos típicos do período e freqüentados pelas diversas camadas da população imigrante [...] ²⁵⁸.

A Casa de Espanha do Rio de Janeiro ainda oferece aulas de culinária e dança galega gratuitas durante 15 dias. Estas aulas são financiadas uma vez por ano pela Xunta de Galícia, e são abertas para todos os espanhóis e brasileiros que desejarem participar.

A Casa de Espanha se destaca por ser um clube esportivo, pelas atividades socioculturais, por disponibilizar um programa assistencialista aos imigrantes espanhóis e aos seus descendentes e por ser a única associação espanhola no Brasil com o Centro Social de Mayores (CSM) - um projeto social destinado a espanhóis da terceira idade, cuja a finalidade é levar o entretenimento, a cultura e a saúde.

O CSM é um projeto que foi elaborado na Espanha, por Maria José Quesada Pérez, que era trabalhadora social em Sevilla, da Sección de Trabajo y Asuntos Sociales. Na apresentação do projeto, foi reconhecido que a Casa de Espanha do Rio de Janeiro era um local aonde a coletividade espanhola participava de diversas atividades que promoviam o fortalecimento dos vínculos culturais e tradicionais, além de estimular a convivência entre os membros da comunidade espanhola. Diante disso, o projeto traria novas atividades para aumentar a participação dos membros da comunidade na casa, além estabelecer e restabelecer as redes sociais, imprescindíveis para melhorar a saúde, o ânimo e a qualidade de vida dos espanhóis ²⁵⁹.

Como o projeto veio pronto da Espanha, coube a associação apenas a sua execução. O *Centro Social de Mayores* foi implementado à nove anos, na época a assistente social da Casa de Espanha era Clara Tereza ²⁶⁰, que deixou o cargo, aproximadamente, 3 anos após a sua inauguração, vaga que passou a ser ocupada por Vera Lucia dos S. Garcia, uma brasileira, nascida na Paraíba.

²⁵⁸ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000, p.405

²⁵⁹ Projeto original do Centro Social de Mayores, p.2

²⁶⁰ É filha de Justo Antonio Fernandez Garcia, o primeiro espanhol cadastrado no CSM, e sua mãe é a brasileira Thereza Ciafrone Fernandez Garcia. Lamentavelmente, após três agendamentos prévios, não foi possível realizar uma entrevista com Clara Tereza, que era assistente social da Casa de Espanha na época em que o CSM foi criado, devido aos seus atuais compromissos profissionais no Consulado.

Segundo a assistente social Vera Lucia Garcia, o *Centro Social de Mayores* é um espaço de convivência, que funciona dentro da Casa de Espanha para atender os espanhóis, mas que hoje atende pessoas de outras nacionalidades: brasileira, uruguaia e portuguesa, desde que sejam casados com espanhóis, seguindo o que é estabelecido no projeto enviado da Espanha. O CSM funciona de segunda à sexta, disponibilizando um quadro de atividades na área desportiva, cognitivas e sociais. Cada um escolhe a atividade que desejar.

Apesar deste projeto seguir o modelo, o mesmo padrão dos CSM que existem em cada província espanhola, e de receber financiamento do Governo Espanhol, Xunta de Galícia e da Casa de Espanha, ele precisou ser reavaliado para atender algumas determinações do estatuto do idoso brasileiro. Para atender a um pedido feito pela assistente social Vera Garcia, a diretoria da Casa de Espanha concordou em alterar a idade mínima dos associados do CSM de 65 anos para 60 anos de idade, seguindo assim, a legislação brasileira. A implantação deste projeto para imigrantes espanhóis é um modelo único no Brasil²⁶¹.

Atualmente, o *Centro Social de Mayores* oferece atividades que trabalham o corpo (musculação, ioga, alongamento, dança de salão, hidroginástica e fisioterapia entre outros) e a mente (aulas de xadrez, teatro, oficina da memória). Através das fichas do CSM e dos prontuários do Serviço de Registro de Estrangeiros foi possível identificar a quantidade e a origem dos galegos cadastrados no projeto e, criar a tabela 6, que descreve quantos galegos separados por cada região frequentam este espaço de convivência.

Um total de 321 pessoas foram cadastradas desde a implantação do projeto. Do valor contabilizado nas fichas, notou-se a presença maciça de 253 galegos (ver a tabela 6), 46 espanhóis de outras regiões, por exemplo, Madrid, 13 brasileiros, 2 portugueses e 7 espanhóis foram notificados como falecidos. De acordo com Vera Garcia, “inicialmente o projeto foi implementado com recurso do governo espanhol, depois que veio o outro recurso da Xunta de Galícia. Mais de 90 % dos associados do Centro Social são galegos ”²⁶², por isso a Xunta Galícia envia os recursos para a Casa de Espanha. Mas, os valores repassados são administrados pela diretoria do clube e não são divulgados. É importante frisar que o número de frequentadores do CSM é menor, porque a residência de muitos espanhóis cadastrados é distante da Casa de Espanha, além do fato de muitos não terem condições financeiras para custear os gastos com os transportes.

²⁶¹ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro.

²⁶² Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro.

Tabela 6: Naturalidade dos galegos do Centro Social de Mayores

REGIÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
ALMERIA	01	0.39%
BILBAO	01	0.39%
BRASIL	13	5.13%
CORUÑA	109	43.08%
ESTREMADURA	01	0.39%
GALÍCIA	11	4.34%
LEON	02	0.79%
LUGO	07	2.76%
MALAGA	01	0.39%
OURENSE	34	13.43%
PADRO ROIS BULGAN	01	0.39%
PALENCIA	01	0.39%
PONTE VEDRA	62	24.50%
PORTUGAL	02	0.79%
PUENTA CAL DELOS	01	0.39%
SALAMANCA	03	1.18%
SANTIAGO COMPOSTELA	01	0.39%
VALENCIA	01	0.39%
VIGO	01	0.39%

Fonte: Elaboração própria a partir das fichas de cadastros do CSM e dos prontuários de Registro de Estrangeiros do Arquivo Nacional

É importante mencionar que, a maioria dos associados do *Centro Social de Mayores* que participam do projeto que é totalmente gratuito, não são sócios da Casa de Espanha, porque eles não possuem recursos suficientes para pagar os valores das cotas cobradas pelo clube. Mas, quando se analisa o inverso, percebe-se que a maioria dos sócios do clube, que poderiam estar inseridos nas atividades do CSM optam por não participar. A exceção são apenas 04 sócios da Casa de Espanha, que também são associados ao CSM. Ao perguntar a assistente social, Vera Garcia, quais eram as maiores dificuldades enfrentadas pelo *Centro Social de Mayores*, ela afirmou que é a resistência de algumas pessoas que não conseguem mensurar a importância de se ter este projeto que é social dentro do clube. Vera relatou que quando chegou ao clube teve a seguinte impressão:

Era como se existissem assim: aquele dali é um grupo de espanhóis e, esse daqui, é outro grupo de espanhóis. E aí, eu tentei, com um trabalho que a gente foi desenvolvendo, que eles percebessem que são os mesmos. Esse grupo de espanhol do CSM, é aquele mesmo espanhol que está aqui, que é sócio. Que os dois poderiam se agregar para poder interagir. Que os

trabalhos pudessem ser parcerias e, não essa divisão que um grupo fica aqui e, o outro, fica ali²⁶³.

Outra dificuldade foi o fato da diretoria não enxergar os projetos do CSM como parte da Casa de Espanha. E nas palavras de Vera Garcia, esta resistência está sendo aos poucos superada através de intensos diálogos e de uma busca incessante pela interação de todos associados e sócios. Vera Garcia ainda explica que o CSM não pode ser visto como um setor terceirizado e, sim como um projeto da própria Casa,

A árvore que é a Casa de Espanha. E os galhos que surgem: um é o CSM, o outro as atividades para os sócios, o outro o curso de dança, o outro os gaiteiros. Então esse tronco é a Casa de Espanha e os outros são os projetos que a Casa de Espanha vem fazendo aqui. Tentei mostrar. Sempre mostrando para a diretoria que existe uma função de cada um desses projetos dentro da Casa de Espanha. E o Centro Social não era um setor terceirizado. Era um setor próprio da Casa de Espanha²⁶⁴.

Para tentar eliminar esta distinção entre os espanhóis associados ao *Centro Social de Mayores* e os que são sócios do Casa de Espanha, sempre que há algum evento seja de artesanato ou um baile, todos os sócios do clube são informados ou por um anúncio no mural da instituição ou por envio de convites. O que se pretende é que eles participem de todos os eventos do CSM e, com esta iniciativa, ampliar o olhar para além do recurso financeiro. Mas, segundo Vera Garcia “essa resistência ainda existe e, não foi totalmente banida”.

O projeto original do CSM oferecia a aula de xadrez, mas esta não atendia as necessidades dos mayores. Então, antes de cancelarem começaram a introduzir a aula de dama, que conseguiu despertar um interesse maior nos associados. Mas a direção do clube exigia uma frequência de 05 alunos por aula, para compensar o recurso gasto com o professor. Como o máximo que alcançaram foram 04 alunos, as aulas de dama que eram realizadas na sala de jogos da Casa de Espanha, foram encerradas. A aula de bingo, que era um jogo que os associados não estavam acostumados, foi inserida no projeto oferecido aos mayores. Rapidamente, percebeu-se que este jogo trabalhava muito a parte cognitiva e a memória deles. Mas, esta atividade também foi retirada do programa do CSM. A perda destas aulas para os espanhóis associados ao CSM tem um outro significado,

²⁶³ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ.

²⁶⁴ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ.

O espaço de jogos que tem uma representação para eles. Esse lugar ta escrito ali fora na porta: sala de jogos masculino e sala de jogos feminino. Ainda tinha essa divisão. A gente conseguiu juntar todos em um só espaço. Mas, o que eu digo da representação é que esta sala de jogos é dos sócios do clube. E eles estarem aqui é um outro fator e uma outra leitura diferente. Ganhei este espaço, tô aqui com este meu grupo que gosta desse jogo²⁶⁵.

Todas estas aulas aconteciam nas salas de jogos do clube, que é um espaço destinado e frequentado pelos sócios da Casa de Espanha. E para os maiores, frequentar estes mesmos espaços tinha uma representação de conquista, como se não houvesse mais aquela divisão: os espanhóis do CSM e os sócios da Casa de Espanha. Para eles, com a perda das aulas se foi o acesso a um espaço importante no clube, já que agora eles se reúnem para um jogo de carta na área do bar, o mesmo local aonde as refeições são servidas.

O *Centro Social de Mayores* se por um lado perdeu algumas aulas e espaços considerados importantes, por outro, obteve avanços e progressos bastante significativos. Para Vera Garcia, uma conquista alcançada foi com a Oficina de Teatro, que devido ao sucesso da criação de uma peça teatral- uma parceria do professor com os alunos - a quantidade das aulas passou de uma para duas vezes por semana. Atualmente, os associados estão na 4ª peça teatral e já se apresentaram em diversos lugares: Palmas, Foz de Iguaçu e no Rio de Janeiro. Uma segunda conquista foi o projeto Amostra de Talentos, iniciado em 2013, que além de mostrar o que os associados do CSM sabem fazer, abriu as portas para que outras pessoas pudessem mostrar o seu talento dentro da Casa de Espanha do Rio de Janeiro. Este projeto foi aprovado pela diretoria do clube e acontece uma vez por ano. Atualmente, foram realizadas quatro edições e criou-se uma parceria com a Unati ²⁶⁶ da UERJ e com o Centro de Convivência da região de Botafogo, ambos com programas destinados à população com idade mínima de 60 anos²⁶⁷.

Os associados do *Centro Social de Mayores* queriam realizar no dia 18 de dezembro, que é o dia do imigrante, um baile como forma de homenagear os estrangeiros que participaram do processo de imigração. Eles ficariam responsáveis por todos os custos: bebidas, comidas, banda e decoração para a realização deste Baile do Imigrante. O primeiro

²⁶⁵ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ

²⁶⁶ Universidade Aberta da Terceira Idade, é um programa destinado à população acima de 60 anos que foi iniciado em 25 de agosto de 1993, como núcleo da Sub-Reitoria de Assuntos Comunitários da UERJ, cuja a finalidade é ser um centro de debates, de pesquisa, de estudos e de assistência.

²⁶⁷ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ

baile, realizado em 2009, foi um sucesso e contou com a participação de 106 pessoas. Mas, eles nunca conseguiram realizar o baile no dia do imigrante, porque nesta época o salão da Casa de Espanha sempre está reservado para confraternizações de natal. Então, eles sempre realizam o baile entre outubro e novembro e, como são os responsáveis pelo evento passaram a chamá-lo de O Baile dos Mayores que no ano de 2016, teve a sua sétima edição. Eles sempre inserem elementos espanhóis na decoração e na alimentação - pulpo a la gallega, tapas e tortilla ²⁶⁸- e contratam uma banda que saiba tocar música espanhola. Mas, além da comida espanhola também é servido no baile a comida brasileira, por exemplo a carne seca com aipim²⁶⁹.

O que se pode notar é que dentro do processo de imigração, por mais que se tente preservar a cultura de seu país de origem, o imigrante incorpora elementos da sociedade de recepção no seu cotidiano. E que até mesmo nas associações étnicas, como a Casa de Espanha do Rio de Janeiro, algumas adaptações foram feitas para atender a legislação brasileira – no caso do CSM e o estatuto do idoso - a introdução de novos jogos e de pratos típicos brasileiros que são servidos nos Bailes dos Mayores.

²⁶⁸ Este é um prato tradicional da região da Galícia, a carne de polvo é submerso três vezes, brevemente em água fervente. Um prato servido principalmente em feiras e festas. Já as *tapas*, são os famosos aperitivos/petiscos espanhóis como: tortilla, calamares a la romana, gambás al ajillo e banderillas.

²⁶⁹ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ

CAPÍTULO 3- RELATOS DE VIDA DE IMIGRANTES DA SEGUNDA IMIGRAÇÃO DE MASSAS.

3.1- A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E A IMIGRAÇÃO.

*A Espanha é a minha terra, mas o Brasil é a minha casa!*²⁷⁰

A frase acima foi dita por Alícia Ocampo Fernandez, uma imigrante galega que aos oito anos de idade, ao lado de sua mãe, embarcou em um navio para o Brasil em 25 de fevereiro de 1959. Ela contou que a sua família morava na província de Pontevedra, na Galícia, e que naquela época a vida na roça não era fácil, pois não tinha água encanada e o fogão e o banheiro ficavam do lado de fora da casa. Por causa da Guerra-Civil espanhola, a sua família vivenciou um período muito difícil e para tentar melhorar as condições de vida de seus entes queridos o seu pai decidiu deixar a Espanha. Ao lado de alguns amigos, o pai embarcou em uma viagem, cujo destino era o Brasil. Alícia Ocampo Fernandez contou que a distância gerou muita preocupação e sofrimento.

Assim que chegou ao Brasil meu pai logo arrumou um emprego. Ele trabalhava muito e sempre se preocupava com a família, e para tentar amenizar o nosso sofrimento, sempre que podia enviava para a Espanha uma ajuda financeira, peças de roupas e alimentos como café e pêssego em caldas²⁷¹.

A Guerra Civil espanhola (1936-1939) aconteceu durante a expansão das doutrinas totalitárias na Europa. Neste conflito, o general Francisco Franco obteve apoio de grupos que representavam as mais tradicionais instituições da sociedade espanhola, como a Igreja Católica, os latifundiários e o Exército. O general Franco ainda contava com uma decisiva ajuda externa dos governos alemão e italiano. O grupo a ser combatido por Franco e seus aliados tem em sua composição representantes que defendiam os ideais republicanos, liberais e socialistas,

Sabemos que o conflito espanhol envolveu variadas correntes político-ideológicas... A República, apesar de estigmatizada como comunista, era defendida por inúmeras correntes que iam do anarquismo ao liberalismo, enquanto que o movimento nacionalista era liderado por frentes unidas que,

²⁷⁰ Entrevista concedida por Alicia Ocampo Fernandez em 28/01/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

²⁷¹ Entrevista concedida por Alicia Ocampo Fernandez em 28/01/2015. LABIMI/UERJ

apesar de suas distensões históricas, tinham alguns princípios comuns tais como o nacionalismo, a moral cristã e o anticomunismo²⁷².

De acordo com Fernando García de Cortázar, quando um dos integrantes da Falange²⁷³ assassinou José Calvo Sotelo, líder da direita, a ordem falangista transformou-se em um perigo para a Frente Popular (que chegou ao poder nas eleições de fevereiro de 1936). Começavam os sinais de que na Espanha a República estava fraca. A Guerra Civil espanhola foi um fenômeno social e político, porque obteve a ajuda de diferentes partes do mundo. Quando se fala em ajuda, foram numerosos os recursos enviados para o General Franco por Adolpho Hitler- os aviões alemães - e Mussolini, que já não mais escondiam as suas ambições expansionistas e o desejo de controlar a Europa.

A ajuda nazifascista foi um dos ingredientes da vitória de Franco. Os autores Cortázar e José Manuel Vesga afirmam que “ Aviones franquistas llegaron a bombardear con pan blanco algunas ciudades republicanas para demostrar su superioridad nutritiva y desmoralizar la resistencia adversaria”²⁷⁴. Tal demonstração de superioridade é mencionada porque o exército republicano estava com dificuldades de obter alimento e suprimentos bélicos, após a França ter assinado o Pacto de não Intervenção, ato que dificultou e muito a ajuda que era enviada pela URSS. Mas as tropas republicanas também contaram com o apoio de comunistas, anarquistas, socialistas, progressistas e liberais. Até mesmo aqueles que não tinham recurso financeiro para enviar à Espanha, ajudavam os republicanos escrevendo cartas de apoio à resistência.

Na Guerra Civil da Espanha, muitos perderam as suas vidas e os que sobreviveram enfrentaram um período de penúria , destruição e fome. Estima-se que “La sangria demográfica, con cerca de 600 mil perdidas, no tenía precedentes en la historia de las guerras civiles de ninguna nación europea”²⁷⁵. Durante uma guerra, um soldado enfrenta vários perigos que podem levá-lo à morte. Uma guerra provoca muita tensão, porque o perigo é real, e o soldado deve estar sempre atento.

A Guerra Civil espanhola contribuiu para o aumento da fome na população espanhola. O indivíduo que sente fome é afetado de diferentes maneiras: no físico, no

²⁷² SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)*.SP: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005,p.28

²⁷³ A falange foi criada em 1933, e durante a ditadura de Franco, os falangistas exerciam um controle autoritário sobre setores da vida social: sindicalismo, meios de comunicação, educação e órgãos de segurança.

²⁷⁴ CORTÁZAR, Fernando García; VESGA, José Manuel González. *Historia de España: Breve Historia de España*. Alianza Editorial, Madrid, 1993,p.582

²⁷⁵Idem. *Ibidem*,p.578

raciocínio, na aparência e, ainda pode adquirir alguma doença. Dolores Martin Rodriguez Coner explica que em espaços e tempos diferentes podem ocorrer o fenômeno da fome coletiva que atinge grandes massas humanas. Para a autora, a fome é considerada uma doença social.

A fome é considerada uma doença, mas não uma simples doença por ser transmissível, pois ela não se alastra, mas afeta toda uma determinada classe social. (...) é uma doença de classes, um estigma de um estado de luta social, expressão do modelo de desenvolvimento que atende às necessidades específicas do capital e não as do indivíduo²⁷⁶.

De acordo com Rodrigues Conner, um dos costumes tradicionais dos europeus era o hábito de comer pão, pois este alimento era um símbolo de saciedade, e a sua ausência provocava neles um sentimento de carestia. Para superar a fome, eles começaram a usar ingredientes até então nunca utilizados, como raízes, flores, carnes de alguns animais e sementes. Rodrigues Coner explica que se usava as sementes de uva e flores de avelãs para fazer o pão, e devido à escassez de alimentos, a fome era tanta que misturavam pouca farinha, com farelos, terra e areia branca. Assim surgiu o denominado “pão da carestia”²⁷⁷ que foi muito utilizado para acabar com a fome de muitos espanhóis. Esses “pães da carestia foram imprescindíveis à mesa, não encontravam substitutos”²⁷⁸.

Foi um período onde houve o racionamento de alimentos e as cadernetas de distribuição de rações mínimas. Quando ainda era pequena, Concepción Estevez Vazquez vivenciou este período de racionamento de alimentos durante o franquismo, em suas palavras ela diz que:

Eu me lembro, tipo assim, sabe as lembranças que eu tenho era que as coisas eram racionadas. Só dava 1 kg de açúcar. Isso eu me lembro. Eu era pequena. Era 1 kg de açúcar e aquilo tinha que render não sei por quanto tempo. E pão, era tudo racionado. Entendeu? Foi uma época muito triste. Muito triste! Minha mãe tinha que fazer uma tortilla e dividir para cinco filhos. Era um pão e, em casa quando tinha banana era uma festa. Dividiam a banana para dois ou três²⁷⁹.

²⁷⁶ CONER, Dolores Martin Rodriguez. *Da fome à gastronomia: Os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)*. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP, 2011, p.137

²⁷⁷ O termo pão de carestia é usado pela autora Dolores Martin Rodriguez Coner.

²⁷⁸ CONER, Dolores Martin Rodriguez. *Da fome à gastronomia: Os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)*. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP, 2011, p.140

²⁷⁹ Concepción Estevez Vasquez, concedida em 21/01/2015, à Érica Sarmiento e a Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

Um comentário da Manuela Lorenzo Losada sobre o período do franquismo, era que as pessoas que não tinham terra, não eram da roça, passavam muita fome na Espanha. Ela ainda mencionou que o seu pai, Francisco Lorenzo Lache, mesmo tendo mais de 20 anos de idade foi convocado para a Guerra Civil para trabalhar em um hospital²⁸⁰.

Infere-se que algumas famílias que moravam na roça e tinham uma área para o plantio, conseguiam viver em condições melhores do que aqueles que nada podiam plantar, como é o caso da família de Concepción Estevez Vazquez que não podiam cultivar alimentos na terra, porque na época os seus avós passaram a propriedade para um tio quando foram morar com ele.

Fernando Cortázar e José Manuel Vesga explicam que o poder aquisitivo dos trabalhadores foi reduzido, e o país enfrentava uma crise econômica devido ao aumento do gasto público. Por causa da guerra, a cotação da *peseta* teve o seu valor cambial reduzido em 50%, o que elevou o custo de vida da população e muitos não conseguiram manter os seus padrões alimentares. O Estado deixava escapar de suas mãos sua responsabilidade sócio-sanitária e muitos patrões assumiram esta função,

Al confluir em organismo depauperados ciclos epidêmicos graves de tuberculosis, tífus o disenterias, una buena parte de las grandes empresas se vio obligada a ofrecer servicios paternalistas de asistencia a sus trabajadores, tratando de detener el deterioro sociosanitario que al Estado se le escapaba de las manos²⁸¹.

Durante a Guerra Civil muitos cidadãos ficaram órfãos, e muitos espanhóis também ficaram “órfãos culturalmente”, porque um número assombroso de intelectuais, cientistas, pesquisadores, poetas e pintores tiveram que abandonar o seu país. Segundo José Manuel González Vesga e Fernando García Cortázar, “Um derrocha de sabiduría se iba detrás del parte victorioso. Cerca del 90% de los intelectuales se protegía en el exilio, deseñando sin maestros a los españoles”.²⁸² Muitos foram para o exílio, porque durante o franquismo a cultura deveria atender os interesses do Estado e ela era imposta por meio de decretos.

Durante o franquismo, período que durou quase quatro décadas, houve uma redução da imigração espanhola por dois motivos: o primeiro é o regime franquista que controlava muito bem as fronteiras e o segundo que navegar pelo oceano Atlântico durante a Segunda

²⁸⁰ Manuela Lorenzo Losada em 04/02/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva para o LABIMI/UERJ.

²⁸¹ CORTÁZAR, Fernando García; VESGA, José Manuel González. *Historia de España: Breve Historia de España*. Alianza Editorial, Madrid, 1993,p.587

²⁸²Idem. Ibidem,p.584

Guerra Mundial era algo impensável. É possível identificar que continuavam sendo os jovens que imigraram, mas neste momento há uma diminuição quantitativa do sexo masculino, que antes eram os que predominavam no ciclo migratório.

A política migratória no franquismo foi baseada nas diretrizes do período republicano (1931-1936). Essas diretrizes eram a lei de imigração de 1924, que reconhecia ao espanhol o direito de imigrar, a política de repatriação e a proteção do governo às suas ex-colônias espanholas que estivessem em outras nações, principalmente na América Latina.²⁸³

O grande objetivo do regime franquista era estreitar as relações entre a pátria e as colônias espanholas. Era sob a responsabilidade do *Servicio Exterior de Falange* que fazia a divulgação do governo no exterior. A Falange realizava a divulgação do governo espanhol com recursos enviados por imigrantes simpatizantes ao falangismo.

A Falange espalhou-se por mais de vinte países e, na maioria delas, a sua organização esteve sob a responsabilidade de imigrantes espanhóis bem sucedidos economicamente. Ismara Izepe de Souza ao analisar a questão mencionada no Rio de Janeiro, em 1943, descobriu que o imigrante Camilo Cuquejo, um empresário dono de bares, restaurantes e do Café Colombo, organizou uma junta com vários imigrantes espanhóis em prol dos interesses da Falange. A autora ainda menciona que Camilo Cuquejo não foi aceito pelo partido por dois motivos: ele se recusou a pagar uma multa imposta pelos integrantes do partido e ainda era maçom. Para se ter uma noção da relevância da Falange, no México uma conseguiu reunir mais de 50 mil membros²⁸⁴.

A Guerra Civil espanhola mobilizou voluntários que movidos por um sentimento de solidariedade passaram a apoiar um dos lados envolvidos no conflito. Os que ficaram a favor da República Espanhola criaram as Brigadas Internacionais, que eram organizadas e dirigidas pela II Internacional. Além do apoio moral, muitos imigrantes começaram a se reunir em associações para realizar eventos beneficentes em prol da restauração da ordem republicana. E através destes eventos, eles conseguiram enviar para Espanha roupas, alimentos e medicamentos aos flagelados da guerra. Uma das instituições antifranquista situada em São Paulo, era o “Comité Central de Propaganda de España Republicana”, que divulgava as notícias da Espanha e realizava campanhas para arrecadação de donativos. Vale mencionar

²⁸³ VICENTE, María José Fernández. *La política migratoria del Franquismo hacia América Latina*. In: SARMIENTO, Érica e FARÍAS, Ruy (Orgs). *Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)*. RJ : Universo, 2011, p.108-109

²⁸⁴ SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a Política Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)*.SP: Associação Ediatorial Humanitas, Fapesp, 2005,p.186-189

que muitas associações espanholas que se posicionavam a favor da República em seu país, foram reprimidas pelo governo de Getúlio Vargas²⁸⁵.

Sabe-se que o regime franquista almejava intensificar as relações com as colônias espanholas. Uma tarefa muito difícil, porque a Guerra Civil tinha dividido a opinião nas ex-colônias espanholas. Algumas defendiam o governo de Franco e outras manifestavam apoio aos republicanos exilados, ou seja, configurou-se o franquismo versus antifranquismo.

O sofrimento da população espanhola foi tão grande, que muitos decidiram partir para outros países iniciando assim, o segundo ciclo imigratório (1940-1970). A família da imigrante Otilia Gonzalez Martinez, de Pontevedra, é um exemplo de espanhóis que imigraram. Eles tinham uma vida estável na Espanha, seu pai era canteiro, trabalhava criando estátuas de pedras para cemitérios e ainda tinha um serviço extra no campo. Sua família chegou a ter uma empregada doméstica. Mas durante a guerra civil as dificuldades surgiram e, seu pai veio primeiro para o Brasil. Posteriormente, ela mudou-se para o Brasil em 03 de março de 1959, onde trabalhou como copeira “francesa”. Ao lembrar o que aconteceu durante o franquismo, as suas palavras foram as seguintes:

Eu lembro de uma vida difícil na época do franquismo, porque meu papai já estava no Brasil. E nós somos do interior, do campo. E tínhamos que trabalhar com a nossa mãe no campo. Então, perdemos muita coisa, por culpa do papai por já está no Brasil. E veio procurar uma situação melhor, porque lá estava uma situação difícil. Por culpa da política que eu não sei nem te explicar e nem quero²⁸⁶.

A forma como as palavras foram ditas e como o assunto foi cortado, deixou uma impressão que este foi um período triste para a espanhola Otilia Gonzalez Martinez e sua família. Ela até chega a culpar o pai por algumas perdas, mas depois comenta que a política no país não ajudava muito.

O estudo migratório quando utiliza uma fonte de origem pessoal esbarra na questão da memória subjetiva, das experiências vividas e do testemunho oral de alguém que foi protagonista do processo histórico. Mas, devolver a voz a estes protagonistas é sem dúvida,

²⁸⁵ SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a Política Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)*. SP: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005, p.29-33

²⁸⁶ Otilia Gonzalez Martinez, , entrevista concedida em 03/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

um requisito para se compreender melhor algumas faces obscuras tanto na individual quanto na coletiva²⁸⁷.

A reação de Otilia Gonzalez Martinez nos traz uma problemática que é o mal do passado. Em algumas pessoas certos acontecimentos podem provocar muitos sentimentos ambivalentes e, quando o indivíduo se depara com uma situação do seu passado que lhe causou sofrimento ou trauma, a vontade de esquecer esta parte de sua história pode gerar o silêncio. De acordo com Claude Olievenstein:

Existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, não-ditos. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento²⁸⁸.

A escolha de Otilia em não querer falar sobre o franquismo é um exemplo real do que Olievenstein entende por fronteiras que são estabelecidas no mundo das lembranças. Claramente, nota-se que ela preferiu reprimir as suas lembranças e permanecer no silêncio neste momento da entrevista. Este mesmo autor, ainda explica que este silêncio é muito comum quando se trabalha com a história oral, porque muitos entrevistados se calam por vários motivos: receio de sofrer alguma punição, de não ter as suas palavras bem interpretadas ou de sofrer novamente ao recordar acontecimentos traumáticos.

Olievenstein ainda destaca que alguns mecanismos psíquicos, bloqueiam algumas lembranças e para alguns entrevistados, elas se tornam proibidas:

A linguagem é apenas a vigia da angustia... Mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. E aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior²⁸⁹.

Percebe-se que durante a entrevista uma análise interna é feita, e o entrevistado faz uma seleção em suas lembranças e, a partir daí estabelece o dito e o não-dito. O caso de Otilia Gonzalez Martinez não foi o único durante esta pesquisa, outra imigrante Rosa Abal de Allo escolheu relatar apenas as suas experiências vividas no Brasil. Esta segunda espanhola

²⁸⁷ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé . *Otras Miradas a La historia de La emigración gallega:sobre cartas, memórias y fotos*. In: Estudios Migratorios Latinoamericanos. Ano 19, nº58, 2005, p.483

²⁸⁸ Olievenstein, Claude. *Les non-dits de l'émotion*. Paris. Odile Jacob,1988. Apud: POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº3, 1989, p.8

²⁸⁹Idem. Ibidem, p.8

explicou que não poderia falar da sua vida e da sua família na Espanha, porque não teria condições emocionais. E realmente, foi possível constatar que ela falava a verdade, pois só em mencionar a palavra pai, dona Rosa Abal de Allo começou a chorar. Então, rapidamente mudamos de assunto, porque a entrevista deveria ser um momento agradável para ambas as partes.

A história de Maria del Carmen Barreiro Barros, uma imigrante espanhola, de Cortegada da província de Ourense, nascida em 10 de fevereiro de 1946, que chegou ao Brasil em 1962, e trabalhou como costureira no Atelier de Costura São Marcos, na Rua do Lavradio e, posteriormente, na loja A Casa da Criança (uma propriedade de donos portugueses) que ficava próximo a rua Sete de Setembro. Esta imigrante casou-se com Luis Costa Barros, que foi bancário, taxista e dono de um restaurante em Cascadura.

Maria Barreiro Barros trabalhou no comércio até se aposentar, não se opôs a falar sobre o franquismo. Apesar de ser criança, quando aconteceu a Guerra Civil, ela conhece alguns fatos que ocorreram no conflito, porque foram relatados por seu pai, o senhor Santos Barreiro. Ele foi um imigrante que antes de vir para o Brasil, em 1953, trabalhava como guarda civil na Espanha.

Certa vez, o pai de Maria del Carmen Barreiro Barros foi convocado para lutar na Guerra Civil pelo lado do general Franco, e participou até o final do conflito porque nas palavras de sua filha: “Ele adorava o Franco. Para ele, o Franco era tudo na vida”.²⁹⁰ Ela nos contou que o seu pai gostava tanto do Franco, que ele guardou como recordação um binóculo que usou durante toda a Guerra Civil espanhola.

Segundo Maria del Carmen Barreiro Barros, seu pai lhe contava que durante o tempo em que esteve na Guerra Civil espanhola, viveu dias muitos difíceis nos locais de batalha, além da ameaça dos ataques das tropas inimigas, havia a fome e o frio. Por conta da baixa temperatura, muitas vezes, o acúmulo da neve dificultava a locomoção das tropas pelas ruas e campos de batalhas.

Muitas vezes os soldados sentiam fome, mas não tinham o que comer. Em algumas situações, por onde eles caminhavam havia muitos corpos espalhados pelo chão, e as vezes para amenizar a fome, retiravam um pedaço de alimento, um pão, que estava em uma das mãos de um dos cadáveres. Além da fome, também sentiam muito frio e as pernas dos soldados

²⁹⁰ Entrevista concedida por Maria del Carmen Barreiro Barros em 08/07/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o LABIMI/UERJ.

chegavam a congelar. Havia muita dificuldade para caminhar por conta da neve que se aglomerava no chão²⁹¹.

Durante uma guerra, um soldado enfrenta vários perigos que pode levá-lo à morte, por isso o soldado deve estar sempre atento. Mas, o depoimento de Maria del Carmen Barreiro Barros nos apresenta um momento raro em um campo de batalha, o de tranquilidade, onde alguns soldados, entre eles o Santos Barreiro, buscavam locais para se aquecerem,

As vezes, no meio do conflito, havia um tempo mais tranqüilo, e meu pai e os seus colegas de guerra aproveitavam esta oportunidade para buscarem uma casa velha, para ascenderem uma fogueira e se aquecerem. Também aproveitavam esses momentos para assarem algumas batatas, mas meu pai contou que de repente vinha aquele batalhão e acabava com tudo, e eles tinham que abandonar a casa e não conseguiam comer nada²⁹².

Ainda na entrevista, Maria del Carmen Barreiro Barros informou que seu pai presenciou a morte de vários amigos, que tiveram seus corpos mutilados, e ainda acompanhou uma fato interessante: ele viu durante alguns dias dois irmãos lutarem em lados opostos na Guerra Civil espanhola: “Esses dois irmãos não podiam se ver e nem se encontrar. Então, eles sempre gritavam para saber se o irmão que estava do outro lado do frente de combate ainda estava vivo e se estava tudo bem”²⁹³. Ela mencionou que não se sabe o que aconteceu com esses dois irmãos que lutaram em lados opostos. Já o pai de Maria del Carmen Barreiro Barros, faleceu no Brasil em 2011, aos 96 anos de idade. Apesar de lamentar o falecimento de seu pai, ela demonstrou sentir uma grande alegria porque conseguiu conviver ao lado dele durante muitos anos. Já outras famílias, não tiveram a mesma felicidade.

No final de uma guerra muitas famílias não recebem em casa os seus entes queridos, porque eles perderam as suas vidas durante o conflito. A família de Concepción Estevez Vasquez, que chegou ao Brasil em 20 de maio de 1946, perdeu um de seus membros por causa da guerra. Ao ser perguntada o que lembrava do franquismo, respondeu que o seu pai

²⁹¹ Entrevista concedida por Maria del Carmen Barreiro Barros em 08/07/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

²⁹² Entrevista concedida por Maria del Carmen Barreiro Barros em 08/07/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

²⁹³ Entrevista concedida por Maria del Carmen Barreiro Barros em 08/07/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração (LABIMI).

morreu com muito ódio do general Franco, porque o seu irmão mais novo faleceu por causa da guerra.

Só lembro que meu pai morreu odiando o Franco. Meu pai nunca voltou à Espanha. Meu pai morreu com ódio do Franco. Tinha horror” Falasse da Espanha e, tinha ódio do Franco. Morreu com ódio do franco. Detestava, porque me lembro que ele tinha um irmão mais novo que morreu na época da guerra. Acho que atiraram no barco e, era na época que ele estava no navio e atiraram. E o barco afundou e, morreu o irmão mais novo dele²⁹⁴.

Uma outra história de uma família que perdeu parente por causa do franquismo é a do imigrante Angelo David Torres Garcia. Ele nos relatou que durante a Guerra Civil, homens armados foram duas vezes na casa de seu pai e perguntaram sobre o seu tio José, que era presidente dos sindicatos dos pedreiros e comunista. Ele narrou que seu tio fugiu para Vigo, e que passava todos os dias escondido em um buraco, que foi cavado na terra e que era coberto por um pouco de grama. O seu tio José, só saía do esconderijo a noite para comer e dormir. Até que um dia, um parente que estava doente precisou sair para ir ao médico, e tempo depois, ao ouvir um barulho, o seu tio saiu do esconderijo porque queria ter notícias da pessoa que estava enferma. Mas, não eram os seus familiares e sim, aqueles homens que dias atrás estavam a sua procura. O seu tio foi assassinado aos 36 anos de idade²⁹⁵.

A história destas três famílias espanholas revelou alguns pontos semelhantes e distintos. A semelhança é que alguns familiares estiveram diretamente envolvidos na Guerra Civil: ou lutaram pelo franquismo como o caso do pai de Maria del Carmen Barreiro Barros, ou foram perseguidos e mortos pelas tropas de Franco, como foi o caso do tio de Angelo David Torres Garcia. A diferença que pudemos notar é que, enquanto o depoimento da filha de Santos Barreiro destacava a admiração que o seu pai tinha pelo general Franco, os outros dois relatos só demonstravam o rancor e, em um caso específico, o ódio. Podemos supor que muitas famílias passaram a odiar o general Franco quando recebiam as notícias que alguns familiares morreram por causa da guerra.

A Espanha apresentava muitos fatores de expulsão: uma superpopulação, o atraso agrícola (falta de maquinários) e os baixos salários. A falta de oportunidades e a fome favoreceram a imigração para outros países que dispunham de elementos de atração:

²⁹⁴ Concepción Estevez Vasquez, entrevista concedida em 21/01/2015, à Érica Sarmiento e a Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

²⁹⁵ Angelo David Torres Garcia, concedida em 01/04/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

Os países americanos, à primeira vista, exerceram atração graças às suas possibilidades de recursos naturais, sua disponibilidade em abundância para o acesso da terra e um mercado múltiplo. Esses fatores mesclavam ao mesmo tempo sua capacidade agrícola com a nascente industrialização, necessitando assim de maior mão-de-obra²⁹⁶.

O Brasil, por exemplo, necessitava de mão de obra e subsidiou a imigração não só dos homens, mas de toda a família, embora muitos desejassem ir para as ex-colônias hispânicas, assim como aconteceu no primeiro grande ciclo imigratório. Mas a diferença é que neste segundo ciclo, o governo brasileiro solicitava mão de obra especializada devido o crescimento da industrialização na década de 1950.

A chegada de muitos imigrantes no segundo ciclo imigratório gerou sérios problemas que envolviam falsas promessas aos imigrantes, falsidade ideológica e discórdias no cenário político brasileiro. Carlos Lacerda em um de seus discursos fez duras críticas ao governo brasileiro por ter prometido a ONU receber 800.00 refugiados:

Foi uma promessa irreal. O governo concordou em receber 5.000 este ano, mas apenas a título de experiência”. Ainda segundo o relatório citado por Lacerda, mesma a iniciativa mais limitada “não marcha satisfatoriamente”, com a insatisfação dos refugiados: “Os refugiados estão descontentes por várias razões. A crítica às condições de vida, ao baixo salário e á péssima alimentação é quase universal”. Os empregos que teriam sido prometidos não surgiram na chegada ao Brasil. Eletricistas estariam reclamando por terem sido encaminhados a minas de carvão. Trabalhadores enviados a fazendas de café estariam se queixando de que os patrões os tratam como “servos feudais”. O salário não chega a um dólar (ou 20 cruzeiros) por dia²⁹⁷.

A insatisfação de imigrantes com formação técnica que afirmavam terem sido enganados crescia a cada dia. Na visão de Lacerda, o governo ainda ultrapassou os limites quando começou a culpar os imigrantes de mentirem nos consulados para conseguirem a autorização para entrar no Brasil, que era considerado “como uma sala de espera para irem para os Estados Unidos”.

Funcionários do Consulado Espanhol no Brasil se queixaram que muitos candidatos a imigração estavam mentindo sobre a sua profissão, até documentação falsificada era apresentada as autoridades. De acordo com Esther Gimenez. “(...) facilitava documentos

²⁹⁶ KLEIN, Herbert S. “*Migração internacional na história das Américas*”. In. FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2º Ed., 2000, p.13

²⁹⁷ LACERDA, Carlos. In: *Correio da Manhã*, 14/12/1947. Apud: CAMPOS, Gustavo Barreto de. *Dois séculos de imigração no Brasil: A construção da imagem e papel social dos estrangeiros na imprensa entre 1808 e 2015*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2015, p.357-358

ilegales para emigrar al Brasil. Parece ser que em este país se encuentra un hermano, llamado Gabriel, quien enviaba a Barcelona contratos de trabajos falsos” e, até uma agência clandestina que vendia documentos falsos por 10 ou 20.000 pesetas foi descoberta em 1952, e os que a dirigiam foram presos.²⁹⁸

O problema identificado nesta época era que, enquanto os países da América Latina estavam restringindo a entrada de imigrantes em seus territórios, o Brasil se mostrava muito tolerante e ainda havia as facilidades que eram anunciadas pelo governo. E a consequência disto, foi o problema mencionado anteriormente.

3.2- O IMIGRANTE ENTRE DOIS MUNDOS.

A história da imigrante Alicia Ocampo Fernandez é semelhante a de outros estrangeiros, que cruzaram o Oceano Atlântico para reencontrar seus familiares que saíram da Espanha com o propósito de “fazer a América”, isto é, que só viajaram para o continente americano para ganhar dinheiro. Muitos imigrantes que retornaram ao seu país de origem reafirmavam esse propósito. Para Neno Vasco, “Os imigrantes têm, em geral, um escopo único: o amontoamento de um pecúlio para regressar à pátria. Pelo menos é esse, muitas vezes, o seu pensamento exclusivo”²⁹⁹.

Pode-se dizer que se uns acumularam um pecúlio para regressar à pátria, outros não conseguiram alcançar este objetivo. Mas é possível afirmar que tanto os que regressaram como os que permaneceram na América, tiveram que enfrentar algumas dificuldades, pois estavam em outro país, como no caso do Brasil, onde a cultura, a política, o clima, os hábitos e a língua eram muito diferentes.

Foi mencionado no capítulo dois, que alguns espanhóis se sentiram expulsos da Espanha durante a Guerra Civil. E ao indagarmos à assistente social da Casa de Espanha, os motivos que levaram estes imigrantes a usarem a palavra expulsos, Vera Garcia justificou da seguinte maneira:

Eles contam essa experiência emocionados. Muitos contam que quando chegaram, mal desembarcaram dos seus navios, não queriam ficar. Queriam voltar para o seu lugar de origem. Mas, eles não podiam, porque lá tinha uma crise muito grande e, eles passavam necessidades. Ninguém nunca me relatou que passou fome, passou fome. Mas, passava necessidade. E eles não

²⁹⁸ GIMÉNEZ, Esther Gambi. *La emigración Castellano-Leonesa a Brasil, 1946-1962*. 1ª edición. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012, p.107

²⁹⁹ VASCO, Neno. *Origens e primórdios de atividade*. In: LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo, roteiro de libertação social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1953, p.102-103

poderiam voltar. Muitos vieram sozinhos, mas outros já tinham família aqui, digo, parentes como tios, irmãos e amigos que já estavam fixados aqui e foram trazendo eles. Mas, tem uns que dizem isso, que se sentiram expulsos do seu lugar de origem né. Não era isso que eles queriam. Mas, eles vieram para sobreviver³⁰⁰.

O país apresentava alguns fatores de expulsão, que já foram mencionados, por isso muitos deles podem ter trazido consigo esta sensação de que foram expulsos. E quando chegaram ao Brasil queriam voltar para a Espanha, desejavam ficar em seu lugar de origem.

Assim que chegaram ao Brasil as imigrantes Rosa Abal Riba e Ana Maria Perez Quintela ficaram assustadas. As duas contaram que ficaram em estado de choque quando viram no porto pela primeira vez algumas pessoas negras. Rosa Abal no momento em que avistou um homem negro falou “Madre mia. Não sabia que existia gente negra”,³⁰¹ já Ana Quintela informou que logo lhe disseram: “ No Brasil vai ver muitos”³⁰².

A atitude das duas, não pode ser considerada preconceituosa e nem racista, pois o fato destas imigrantes terem ficado assustadas é porque naquela época, onde elas moravam na Espanha não havia pessoas negras, hoje na região já tem. E elas mesmo contaram que rapidamente passaram a conviver normalmente com pessoas negras após chegarem ao Brasil.

As entrevistas revelaram que alguns imigrantes, apesar da proximidade da língua galega com o português, tiveram uma pequena dificuldade com o idioma brasileiro, como afirmou Maria del Carmen Bua da Costa que a única dificuldade que teve assim que chegou ao Brasil foi com o português.³⁰³ Outra que relatou a mesma dificuldade foi Purificación Estevez, que após viver 52 anos no Brasil comentou: “ As pessoas falam, você não perdeu o sotaque. Claro que não” Eu falo brasileiro, mas foi muita dificuldade de pegar o brasileiro, porque eu não falava o brasileiro, eu falava o espanhol”³⁰⁴.

Já Joaquim Sanchez Pacheco, mencionou que a sua maior dificuldade não foi a língua portuguesa e nem o entrosamento com as pessoas e, sim os hábitos e os costumes que eram um pouco diferente. Mas como ele era muito jovem e tinha vontade de aprender, facilmente, conseguiu se acostumar com os hábitos do brasileiro. Em relação ao idioma brasileiro,

³⁰⁰ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ.

³⁰¹ Rosa Abal de Allo, entrevista concedida em 29/04/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro.

³⁰² Ana Maria Perez Quintela Couceiro, concedida em 04/2/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ

³⁰³ Maria del Carmen Bua da Costa em 29/04/2015, em 08/07/2015, entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o LABIMI/UERJ

³⁰⁴ Purificación Estevez Perez, concedida em 28/01/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

Joaquim Sanchez Pacheco contou que logo que chegou ao Brasil os seus amigos perguntaram, como é que está o seu português ? E ele respondeu:

Olha pra mim o português é simples, se entende tudo, não tem problema. Pode perguntar. Após os colegas fazerem uma brincadeira, eu percebi que tinha que estudar o português, principalmente, porque eu não conhecia as gírias. Estudei um pouco de português, porque apesar de morar perto de Portugal, a gente entendia, mas não dava pra praticar e dar aula, essas coisas, comecei a estudar³⁰⁵.

Ele achou melhor estudar o português, porque se preocupou com as aulas que teria que dar nas universidades, onde seria um professor. E assim como Joaquim Sanchez Pacheco, a maioria dos associados do Centro Social de Mayores conseguiu ter uma rápida e positiva adaptação ao clima, a língua e a inserção no mercado de trabalho brasileiro porque segundo Vera Lucia Garcia:

O clima daqui para eles era o melhor clima. E o acolhimento. Eles foram bem acolhidos aqui quando chegaram (...) A questão da língua, não era tão difícil. É lógico que se fossem para Argentina, seria mais fácil. Mas, eles falam o seguinte: a língua galega, ela tem proximidade com o português. Então, eles não sentiram muita diferença da língua. E tinha também a questão da oportunidade de trabalho. Eles chegavam aqui e já iam direto trabalhar. Não tinha essa dificuldade, ainda mais nessa época³⁰⁶.

Diante do mencionado, é possível concluir que os espanhóis conseguiram se adaptar a língua brasileira e, rapidamente, se acostumaram com o português. A análise sobre o idioma, ainda nos permite outro tipo de debate que é saber como estes imigrantes espanhóis que moravam no Brasil se comunicavam com os seus filhos dentro de casa. Surgiu esta curiosidade ao longo da pesquisa.

Seria interessante saber se estes imigrantes se preocupavam em passar para os seus filhos elementos culturais da Espanha, do qual o idioma está inserido. No caso dos dois filhos de Purificación Estevez Perez que chegaram a ser matriculados em um curso de espanhol para aprenderem a língua percebe-se que houve esta preocupação: “Meus filhos fizeram curso

³⁰⁵ Joaquim Sanches Pacheco concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

³⁰⁶ Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ.

de espanhol e não praticaram, porque tinham vergonha de falar espanhol. Hoje eles se arrependem de não ter praticado”³⁰⁷.

O fato de não praticarem o espanhol fora do curso de idioma, fez com que eles esquecessem de muita coisa. A questão da falta de prática da língua espanhola também foi mencionada por Ana Maria Perez Quintela Couceiro, que relatou sentir um grande arrependimento de não ter criado o costume de falar o espanhol quando estava com os seus filhos dentro de casa³⁰⁸.

Na casa de Joaquim Sanchez Pacheco, ocorreu o inverso, as suas duas filhas: Gabriela e Ligia foram estimuladas, simultaneamente, a falar o português e o espanhol desde crianças. Para ele, a educação de suas filhas recebeu muitos valores da cultura espanhola que eram repassados pelos avós paternos. E Joaquim Sanchez atribui a presença dos avós na vida de suas filhas como um ponto chave para que as duas se situassem na vida profissional, porque despertou nelas o interesse pelo aprendizado. Posteriormente, elas quiseram aprender novas línguas: a inglesa e a francesa³⁰⁹.

A língua espanhola é um importante elemento cultural e, muitos imigrantes tiveram essa preocupação de manter a língua viva na sociedade de recepção. Mas, para isso acontecer era necessário o empenho e a dedicação tanto dos pais, os imigrantes, quanto dos filhos que deveriam se dedicar a aprender e a praticar a língua espanhola. Portanto, ensinar aos seus descendentes a língua espanhola era uma boa oportunidade de compartilhar com eles a cultura do seu país de origem,

Outra problemática que envolve a imigração é a questão da alimentação. Alguns imigrantes espanhóis recém-chegados tiveram uma dificuldade em se acostumar com alguns pratos brasileiros como abobrinha, jiló, aipim, arroz, carne seca e miúdos de boi porque era uma alimentação bem diferente da espanhola³¹⁰.

A senhora Manuela Lorenzo relatou que ao chegar ao Brasil, passou quase 15 dias comendo somente pão e banana, deixando a patroa e o esposo preocupados com a sua saúde:

³⁰⁷ Purificación Estevez Perez, concedida em 28/01/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

³⁰⁸ Ana Maria Perez Quintela Couceiro, concedida em 04/2/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

³⁰⁹ Joaquim Sanches Pacheco concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

³¹⁰ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000, p.435

Não estava acostumada com feijão preto. Não estava acostumada com a comida daqui. Eu não comia. Para agüentar o dia todo pegava uma banana sem ela ver. Aí um dia ela me disse: Você não está comendo?! Não. Eu não gosto desta comida. O que comia? Eu comia batata, pão, carne de porco, essas coisas que eu comia³¹¹.

A patroa autorizou cozinhar algumas batatas, e Manuela sentia tanta fome que as comeu sem colocar sal. Manuela Lorenzo disse que sentiu uma grande dificuldade para se adaptar a alimentação brasileira. Ela permaneceu pouco tempo no serviço porque o marido percebeu que ela não estava conseguindo se alimentar.

Nunca mais esqueci. Meu marido comprou uma penca de banana d'água e colocou no quarto. Eu sentei e comi tanta banana, mas tanta banana, tanta banana. Que quando ele chegou disse: “Manoela ta passando fome? E voltei a chorar. Chorei. Essa comida daqui não tô conseguindo³¹².”

Mesmo tendo o receio de não conseguir outro emprego, Manuela deixou o serviço. Posteriormente, ela foi trabalhar como doméstica em várias casas de família e, aos poucos foi degustando a comida brasileira e foi acostumando o seu paladar. Na casa de uma patroa ela experimentou um prato típico do brasileiro, o bife com fritas. E quando trabalhou na casa de uma família italiana provou e gostou do macarrão com carne assada ao molho madeira. Hoje Manuela Lorenzo Losada diz: “ O macarrão é melhor que qualquer coisa, junto com feijão. O feijão preto pra mim é um banquete”.³¹³ Esta espanhola ainda mencionou que era acostumada a trabalhar na roça com a terra, a batata, o milho e não a trabalhar em casa de família. Este simples caso mencionado retrata um dos problemas das fronteiras.

O imigrante se depara com novos hábitos e costumes que muitas vezes são diferentes dos seus. Para Xosé Núñez Seixas, as pautas socioculturais aprendidas em seu país de origem como os novos hábitos sociais adquiridos no país de destino e, desenvolvendo uma percepção individual destas novas experiências, contribuem também para reforçar novas identidades, pessoais e coletivas³¹⁴.

³¹¹ Manuela Lorenzo Losada em 11/03/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

³¹² Manuela Lorenzo Losada em 11/03/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

³¹³ Manuela Lorenzo Losada em 11/03/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

³¹⁴ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé. *Otras Miradas a La historia de La emigración gallega:sobre cartas, memórias y fotos*. In: Estudios Migratorios Latinoamericanos. Ano 19, nº58, 2005, p.487

A problemática da fronteira é que o imigrante abre mão de algo para manter outros, ou seja, ele sofre interferência externa e termina mudando o seu jeito de ser e a sua vida. A Manuela que nunca tinha visto um feijão preto, agora fala “ o feijão preto pra mim é um banquete”. Quando um imigrante vem morar no Brasil, é normal ele se acostumar com o clima, os hábitos, os costumes e com o português. Segundo Núñez Seixas, depois de algum tempo da chegada dos galegos ao Brasil tem-se uma nova língua: “ a memória em um curioso portuñol”³¹⁵.

Segundo Michael Pollack, o trabalho de enquadramento da memória é alimentado pelo material que é fornecido pela história, que pode ser interpretado para manter as fronteiras sociais ou pode ser modificado através de uma reinterpretação do passado em funções das indagações do presente e do futuro. Para este autor, a memória apresenta duas funções essenciais: a primeira é manter a coesão interna e a segunda, é defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum³¹⁶.

Para Marília Dalva Klaumann Cánovas, “as associações étnicas se configuram, indubitavelmente, em um marco de territorialidade simbólica, espaços sociais circunscritos e sujeitos a um permanente processo de co-construção e significação”³¹⁷. As associações são fundamentadas na consciência do pertencimento ao grupo, o qual o imigrante identifica as semelhanças e compartilha as práticas, os discursos, a identidade étnica e os padrões culturais produzidos pelo grupo.

Para suportar alguns problemas causados pela fronteira: as saudades, as tristezas, as decepções, o calor, a língua e os costumes diferentes e para manter viva a sua cultura, foram realizados alguns encontros com as pessoas de nacionalidade espanhola. A imigrante Rosa Abal contou que no Rio de Janeiro muitos espanhóis se encontravam na Praça Paris, onde eles aproveitavam para “farrear”. Informação esta que surgiu em outro depoimento, de Maria del Carmen Pastoriza Brandariz que sobre os encontros entre os espanhóis disse que: “ era comum se reunirem na Praça Paris para se divertirem e conversarem com outros espanhóis. Mas tudo acontecia sem violência alguma. Não é como os dias de hoje”³¹⁸.

³¹⁵ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé. *Otras Miradas a La historia de La emigración gallega:sobre cartas, memórias y fotos*. In: Estudios Migratorios Latinoamericanos. Ano 19, nº58, 2005, p.485

³¹⁶ POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº3, 1989, p.9-10

³¹⁷ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000,p.349

³¹⁸ Maria del Carmen Pastoriza Brandariz, concedida em 29/04/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

No caso dos galegos, embora não tenham sobressaídos intelectualmente na sociedade carioca, eles sempre estiveram no Rio de Janeiro. A diferença é que eles se espalharam por diversos bairros e conviveram com portugueses, brasileiros e as camadas populares. A coletividade galega no Rio de Janeiro realizou algumas sociedades microterritoriais, onde eles se reuniam para realizar alguma confraternização.

Um grupo especial, composto por 40 imigrantes da paróquia de Vide do Concelho de As neves – de Pontevedra- anualmente se encontram no restaurante Bolero. Estas reuniões são para festejar a sua padroeira, Nossa Senhora de Assunção, e estes encontros aconteceram entre 1950 e 1960. Embora as sociedades microterritoriais não representassem nenhuma associação, a reunião deles demonstra que os galegos tinham uma rede suficiente para continuar e preservar os elementos de sua cultura, mesmo estando fora da Galiza. Segundo Sarmiento:

Vestiam seus melhores trajes e levavam suas famílias. Era uma forma de se reunirem e de seguir uma antiga tradição. Podemos dizer que era uma “sociedade” paroquial, à modo informal, que não tinham nenhuma obrigação com os estatutos, com pagamento de cotas ou com nenhum interesse de projeção social³¹⁹.

A vida de um imigrante é difícil não apenas porque ao se deslocar para um outro país, ele terá que demonstrar a sua menor ou maior capacidade de se adaptar as novas condições de trabalho. Mas, a maior complexidade da imigração reside nas profundas mudanças que o ato de imigrar provocará em sua vida. Muitas vezes há uma dificuldade em se preservar a sua própria cultura - como no caso da língua espanhola.

Uma pergunta foi feita aos entrevistados: como a cultura espanhola é preservada em sua família ou o que foi passado da tradição espanhola para os seus filhos ? Uma mesma resposta foi praticamente unânime: a gastronomia espanhola. Na casa de Concepción Estevez Vazquez o idioma e a alimentação espanhola foi o que mais esteve presente no cotidiano das suas filhas, e nas refeições era comum servir peixes, lentilhas, tortilla e empanada³²⁰. Já Purificación Estevez Perez, relatou que repassou para os seus filhos muitos dos ensinamentos que aprendeu com a sua mãe:

³¹⁹ SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006,p.382

³²⁰ Concepción Estevez Vasquez, entrevista concedida em 21/01/2015, à Érica Sarmiento e a Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

Se você ganhar 20, só gasta 10. E guarda o que puder. Se a pessoa faz o prato de comida e quer comer mais, repete. Mas, não admite deixar comida no prato. Comem até hoje comida espanhola. Adoram feijão, feijoada gostam, mas mantive a comida espanhola. Eu sempre faço: empanada de atum, tortilla, peixe, cozido espanhol (com batata, repolho, carne de porco, lingüiça) e paella. No natal, na páscoa e na semana santa, mantenho a tradição espanhola. Na Espanha anos atrás, não tinha papai Noel, não tinha luz, não tinha nada. Porque lá o papai era o dia de reis. Era o dia do presente, que a gente deixava o sapatinho na janela e tinha que dormir para ganhar uma bonequinha de pano. Minha mãe fazia as bonequinhas de pano, que minha mãe pintava os olhos. Pra gente era um presente lindo de morrer! Ensinei meus filhos a dar valor pra tudo³²¹.

É possível considerar a comida como um símbolo de manifestação cultural, porque ela carrega elementos que são associados a cultura de cada país e que são repassados de pais para filhos.

Para Dolores Martin Rodrigues Corner, que pesquisou a gastronomia dos imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo entre 1940 e 1960, é durante a infância que o gosto por determinados alimentos começam a se formar, geralmente, influenciados pela própria mãe que transmite de maneira empírica e inconsciente desde a escolha dos ingredientes, o modo de preparo e servir até o seu consumo. “A alimentação permite que se leve para outras regiões, e até mesmo para outros países, os hábitos enraizados”³²².

Sabendo que a alimentação é um produto de cada cultura, compreendemos porque muitos imigrantes continuam cozinhando e se alimentando da comida típica de sua terra. Ariovaldo Franco disse que a alimentação dos imigrantes “são os hábitos mais persistentes no processo de aculturação”³²³. Esta visão é compartilhada por Coner, que entende que a cozinha étnica é inserida dentro do indivíduo como marcas de hábitos coletivos como: tradições, costumes, valores, virtudes e, por isso, raízes profundas são criadas e mesmo imigrando para outras nações, muitos não conseguem abandonar os seus antigos hábitos alimentares- que naturalmente são repassados aos seus descendentes³²⁴.

No país de destino, o imigrante enfrenta um processo onde alguns elementos culturais de sua nação permanecem, algumas vezes se transformam e outras desaparecem. Segundo

³²¹ Purificación Estevez Perez, concedida em 28/01/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

³²² CONER, Dolores Martin Rodriguez. *Da fome à gastronomia: Os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)*. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP, 2011, p.27-28

³²³ FRANCO, Ariovaldo. *De caçador a gôumert*. 2001, p.24. Apud: CONER, Dolores Martin Rodriguez. *Da fome à gastronomia: Os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)*. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP, 2011, p.24

³²⁴ CONER, Dolores Martin Rodriguez. *Da fome à gastronomia: Os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)*. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP, 2011, p.23 -24

Marília Klauman, constantemente, os grupos étnicos “reatualizam os elementos ancestrais de seu universo cultural simbólico frente ao novo ambiente”.³²⁵

Um bom exemplo desta nova atualização dos elementos culturais simbólicos é a alimentação, que pode ser adaptada. Nem sempre nos países de recepção os imigrantes encontram todos os ingredientes necessários para seguirem fielmente as receitas dos pratos típicos, por isso alguns produtos são substituídos por outros que estão acessíveis no mercado. Dolores Coner apresenta as *migas*, um exemplo de um prato espanhol que foi adaptado a ingredientes da culinária local,

As *migas*, alimento barato e de fácil preparo, mantiveram-se à mesa dos menos favorecidos, recebendo inusitados ingredientes locais em sua formulação: os mais pobres faziam as *migas* de fubá e farinha, que era mais gostosa e sustentava mais, declara dona Rosário, que comia *migas* todos os dias, preparadas com migalhas de pão, que ia colocando na frigideira, mexendo e virando com óleo bom. Costumava acompanhar o prato com azeitona, salada de alface, tomate, lingüiça, bacalhau ou sardinha, numa evidente combinação a elementos da culinária local³²⁶.

Na Espanha era muito comum o pão acompanhar todas as refeições, assim como o uso do azeite no preparo dos pratos tradicionais como *gaspacho* – uma espécie de sopa fria feita com tomates, pepinos, azeite de oliva, vinagre e pão. No caso da *tortilla* clássica é comum o uso de ingredientes de cada região como aspargos, pimentão vermelho, tomates, alho-poró, bacalhau e verduras.

A autora Marília Klaumann Cánovas, esclarece que os grupos constituídos no novo espaço urbano, em diversos graus, articulam, se apropriam e fazem a mediação entre os seus valores e padrões culturais para elaborarem uma estratégia para preservar a sua identidade étnica no novo país. Segundo Cánovas, as culturas “ressignificadas no novo contexto, e a maneira como se configuram tais continuidades, descontinuidades e rupturas”³²⁷, caracterizam o papel das associações, que durante o tempo de sua existência passa por um processo de constante recriação cultural, num espaço socialmente determinado.

³²⁵ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000, p.350

³²⁶ Parte do depoimento de Maria del Rosário Rodrigues Benitez. Apud . CONER, Dolores Matin Rodriguez. *Da fome à gastronomia: Os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)*. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP, 2011

³²⁷ CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000, p.305

Através das entrevistas foi possível perceber que os imigrantes fazem uma reeleitura do seu passado e, mesmo que algumas lembranças se sobressaíam mais do que outras, verifica-se a intenção de destacar e reforçar os sentimentos de pertencimento de um grupo e de definir e fortalecer as suas fronteiras sociais.

Outro problema causado pela fronteira é o saudosimo: da terra, dos costumes, das festas, dos familiares e dos amigos que alguns imigrantes sentiam. Os imigrantes do segundo ciclo migratório se comunicavam muito através das cartas, era por meio delas que a maioria enviava e recebia notícias. Alguns imigrantes entrevistados confessaram que pararam de escrever para os familiares as cartas, como Manuela Lorenzo, porque ficavam tristes e choravam muito. Mas era também pelas cartas que muitos recebiam propostas de trabalho como senhor Joaquim Sanchez Pacheco. Para Núñez Seixas, as cartas proporcionaram informação mais privada ou mais pública, referente as oportunidades de trabalho em novos países³²⁸.

Muitos imigrantes, guardaram por décadas fotos, objetos e roupas que ganharam de seus familiares que ficaram na Espanha. O senhor Joaquim Sanchez Pacheco, chegou ao Rio de Janeiro em dezembro de 1964, com um casaco que é pra ser utilizado no inverno de 2 a 5 graus negativos. O detalhe é que no Brasil, um país tropical ele nunca usará este casaco. Mas ele mantém durante cinco décadas esta peça de vestuário. Ao perguntar o motivo, ele respondeu que sempre que olha para o casaco lembra do dia que viajou para o Brasil e que o casaco é muito bonito³²⁹. Lamentavelmente, ele adoeceu e não pode disponibilizar a peça para ser fotografada.

A senhora Maria del Carmen Barreiro contou que guarda o binóculo que era de seu pai durante a Guerra Civil espanhola³³⁰. E apesar do objeto fazer menção ao um período sombrio na história do país, ela o guarda até hoje porque este era o objeto que o seu pai mais gostava. E o que poderia justificar esta atitude é a atribuição de um valor emocional, já que a peça pertenceu a alguém que ela tanto amava.

Outro caso bastante interessante é o da Izolina Casais Lema Casais que nasceu em 27 de janeiro de 1945 em Corunña e chegou ao Brasil em 27 de agosto de 1963³³¹. Esta senhora

³²⁸ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé. *Otras Miradas a La historia de La emigración gallega:sobre cartas, memórias y fotos*. In: Estudios Migratorios Latinoamericanos. Ano 19, nº58, 2005p.488

³²⁹ Joaquim Sanches Pacheco entrevista concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

³³⁰ Maria del Carmen Barreiro Barros entrevista concedida em 08/07/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o LABIMI/UERJ

³³¹ Dona Izolina não recordou com precisão a data que chegou ao Brasil, ela ficou em dúvida se teria sido no ano de 1965. Mas em seu prontuário do Serviço de Registro de Estrangeiro no Arquivo Nacional foi anotado que ela chegou em 20/08/1963.

que constituiu uma família no Brasil, foi casada com um proprietário de uma hospedaria na Praça XV e, com ele teve um casal de filhos. Ela trabalhou como passadeira e manicure para sustentar a família após o falecimento do seu esposo, e durante muitos anos, guarda um presente que o seu pai lhe deu quando era muito jovem e ainda estava na Espanha. Izolina Casais quando viajou para o Brasil, trouxe consigo no navio o presente: uma máquina de costura, que na década de 1960, era considerada uma das mais modernas da época³³².

A primeira pergunta feita foi: a senhora é costureira? E ela respondeu que sempre trabalhou com costura, venda de roupas, mas que nunca usou a máquina que o seu pai lhe deu. Nunca costurou nela. Mas, a máquina a acompanhou em todas as casas que ela já morou, porque ela sempre se lembra do seu pai quando olha para este objeto. Hoje, dona Izolina mora e trabalha em Olaria, e a 20 anos ela mantém uma barraca de roupas femininas na tradicional feira de Olaria.

As cartas ou fotografias quando são analisadas oferecem riquíssimas informações, porque são através delas que se tem uma continuidade entre o passado e o presente. Muitas vezes, olhando uma foto cria-se uma temporalidade diferente e reduz a dispersão geográfica. Alguns objetos recebem um valor simbólico que acabam estimulando a construção de uma memória. Segundo Mariela Ceva,

Esa que preexiste a los destinos individuales, esa que no es solo la reproducción de una historia familiar sino que es ella misma una historia . Evidentemente, em la construcción de esa memoria, se resguardan fragmentos del pasado y se transmiten esas experiencias en un contexto específico que a su vez la redefine³³³.

Para Ceva, a utilização da fotografia contribui para mostrar as imagens familiares, que criam uma memória, e estas são transmitidas para a construção de um ideia, um sentimento sobre o que foi captado naquele momento em que a foto foi tirada. Por que não podemos usar a definição de Ceva, para os três casos mencionados ? Vemos que estes espanhóis guardam durante anos alguns objetos pessoais seja porque ele pertenceu a um ente querido ou, porque foi um presente de um membro da família.

Diante dos casos mencionados, o que entendemos é que muitos relembram de momentos importantes do seu passado toda vez que escutam uma música, degustam algum

³³² Izolina Casais Lema Casais, entrevista concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ

³³³ CEVA, Mariela. *La construcción de una memoria familiar em La inmigración biellesa, 1985-1960*. In: Estudios Migratorios Latinoamericanos. Ano 19, nº58, 2005, p.507

alimento típico de sua terra natal ou visualizam algum objeto que receberam de presente ou que foi deixado por um ente querido. Podemos supor que as lembranças provocadas por estes objetos geram grandes convulsões internas, onde há uma interação entre o presente e o passado e, conseqüentemente, a recordação de experiências vividas por eles em algum tempo determinado. E é a partir destas lembranças que tudo ou quase tudo que foi vivido e aprendido podem ser transmitidos pela história oral.

A maioria dos imigrantes falam muito bem da hospitalidade dos brasileiros e nenhum caso de preconceito, perseguição política ou ideológica durante o regime civil militar foi mencionado. O que muitos afirmaram é que não se envolveram com questões políticas porque não queriam e o foco deles era mesmo o trabalho. Apenas o senhor José Martinez Amado mencionou que ouviu “umas piadas” de leve, de que deveria ter ficado na terra dele ao invés que vir para o Brasil,

Não sofri preconceito. Mas sempre há um pouquinho. Sempre. Sempre assim, muitas vezes os caras dizem que você fala um pouco, não mal, mas fala : por que você ta aqui? Por que não ficou na sua terra? Sempre tem uma piada de leve. Sempre há... O povo brasileiro não é muito assim. Não há nada de reclamar³³⁴.

Apesar de ouvir estes comentários, que foram poucos e raros, para José Martinez o povo brasileiro é muito hospitaleiro e gentil.

Muitos dos imigrantes que foram entrevistados, deixaram claro que em algum momento pensaram em voltar a morar na Espanha. Mas, para isto acontecer dependeria muito mais da proximidade da sua família, do que da realização de uma vontade pessoal . Até mesmo no caso daqueles que justificaram o desejo de retornar à Espanha por motivos de segurança ou uma maior valorização ao idoso, em um segundo momento mencionaram que iriam se toda família fosse junto.

A senhora Maria del Carmen Bua da Costa, disse que prefere morar no Brasil por dois motivos: ela não se acostuma com as baixas temperaturas e na Espanha faz muito frio, e os seus filhos são casados e vivem no Rio de Janeiro. Hoje, toda a sua família mora na Ilha do Governador³³⁵. Portanto, ela tem mais motivos para ficar do que voltar para Espanha, de onde saiu quando tinha apenas 11 anos de idade.

³³⁴ José Martinez Amado em 08/07/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

³³⁵ Maria del Carmen Bua da Costa em 29/04/2015, em 08/07/2015, entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o LABIMI/UERJ.

Outro imigrante que deseja permanecer no Brasil é o senhor Joaquim Sanchez Pacheco. Ele explica que o seu plano de voltar para a Espanha foi cancelado no sexto ano em que estava no Brasil no momento em que conheceu a paranaense Mary de Nazaré Fernandes, com a qual se casou e juntos tiveram duas filhas: Gabriela (que morou durante 10 anos na Espanha, onde adquiriu os títulos de mestrado e doutorado) que hoje é professora na UERJ, e Ligia que tem uma agência de turismo no Rio de Janeiro. Ele formou uma família no Brasil e se sente bem em viver aqui. “ Estou a 50 anos no Brasil e, hoje me sinto mais brasileiro do que espanhol, porque lá fiquei 25 anos e aqui 50”³³⁶.

Já Concepción Estevez Perez, deixou explicito que tem o desejo de voltar para a Espanha porque as suas duas filhas morram lá , porque consideram o país mais seguro e com boas oportunidades de trabalho. Desde quando as suas filhas eram crianças, Concepción as acompanhava e as incentivava no estudo,

A mais velha se formou no Fundão, em engenharia química e a mais nova na UFF. Mas, corria atrás de bolsa, para estudar na Cultura Inglesa. Corria atrás de tudo! Naquele tempo tinha a carta de bolsa de 100%. Tinha a carta, eu guardo tudo. Guardo os currículos delas. Guardo as cartas. Eu guardo os jornais, hoje em dia é diferente. Mas naquela época (...) tinha a primeira fase, segunda fase e eu acompanhava elas. Tinha prova não sei aonde, tinha prova não sei aonde. Era o meu marido trabalhando e eu acompanhando a vida delas toda. Guardo até hoje a Folha Dirigida que vinha com a lista dos aprovados³³⁷.

O fragmento desta entrevista, nos trouxe uma reflexão a cerca da trajetória dos descendentes de imigrantes do segundo ciclo imigratório, enquanto a maioria dos pais chegavam ao Brasil sem nenhum nível técnico ou superior, os filhos estudavam para se tornar uma mão de obra especializada.

A história de vida de Concepción Estevez Perez (que só estudou até o antigo primário) é um exemplo de uma imigrante com pouco estudo, filha de uma espanhola analfabeta que trabalhava como lavadeira, que conseguiu mudar a trajetória de seus descendentes através de um ensino público de qualidade.

Xosé Núñez Seixas ao analisar a imigração ibérica no continente americano entre 1830 e 1960, constatou que em muitas biografias empresariais e comerciais imigrantes alcançavam uma ascensão social e se convertiam em proprietários de grandes empresas. Mas, através da

³³⁶ Joaquim Sanches Pacheco concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

³³⁷ Concepción Estevez Vasquez, entrevista concedida em 21/01/2015, à Érica Sarmiento e a Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

instrução educacional, muitos descendentes de imigrantes também conseguiram se promover socialmente na Argentina.

La escolarización de hijos en un sistema público como el argentino, que otorgaba gran valor a la instrucción como medio de promover la integración de los vástagos de los inmigrantes en una nueva identidad nacional en construcción , se convirtió en un rápido vehículo de promoción social de aquellos, y aun de muchos inmigrantes llegados a la Argentina durante la infancia o la adolescência, hacia las carreras profesionales (...) la profesiones liberales, la medicina”.³³⁸

Percebe-se que muitos descendentes de imigrantes conseguiram chegar ao ensino superior porque receberam o apoio de seus familiares e conterrâneos. A espanhola Manuela Lorenzo Losada, não teve nenhum filho, mas diz com muito orgulho que ela e o esposo ajudaram muitos jovens a estudarem para ter um futuro melhor: uma delas chama-se Daniele que é sua afilhada e formou-se em medicina³³⁹.

A senhora Alice Ocampo Fernandez, pisou pela primeira vez em solo brasileiro aos 9 anos de idade. Ela contou que assim que chegou à Vila da Penha com seus irmãos foram estudar em um colégio público, mas eles tiveram muita dificuldade de aprendizado. Por isso, foram matriculados em um colégio particular, mas não havia recursos suficientes para pagar as mensalidades e tiveram que voltar para a escola pública. Com o passar dos anos, Alice preferiu “parar os estudos no científico porque iria casar, então optei pelo dinheiro, pelo trabalho”³⁴⁰.

Já os irmãos de Alice Ocampo Fernandez continuaram os estudos. O seu irmão mais velho estudou sozinho e virou comissário de bordo na empresa Varig (onde trabalhou 20 anos) e o outro formou-se em engenharia. Os pais de Alice Ocampo queriam voltar para a Espanha, a sua mãe dizia “que não queria morrer no Brasil e sim na sua terra”. A vontade de seus pais se realizou, e foram para Madrid para casa de uma tia. Já Alice, não tem vontade de voltar a morar na Espanha, porque a sua terra de origem fica na roça e, ela se sente com mais liberdade aqui no Brasil ³⁴¹.

³³⁸ NUNEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Las pátrias ausentes. Estudios sobre historia y memória de las migraciones ibéricas (1830-1960)*. Genuève. Ediciones, 2014,p.328

³³⁹ Manuela Lorenzo Losada em 11/03/2015, 2ª entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

³⁴⁰ Alicia Ocampo Fernandez entrevista concedida em 28/01/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

³⁴¹ Alicia Ocampo Fernandez entrevista concedida em 28/01/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

A espanhola Izolina Casais sempre trabalhou bastante por onde passou: Niterói, Engenho de Dentro e Olaria , e exerceu algumas funções como manicure, passadeira e vendedora para suprir as necessidades de sua família. Conseguiu criar os seus filhos: José Antônio Casais que formado em Biologia, possui um mestrado pela UFRJ e que hoje leciona a disciplina em Caxias e São Conrado, enquanto a sua filha é formada em contabilidade ³⁴². Outro caso semelhante é o de Maria del Carmen Barreiro Barros, que não tem o desejo de voltar a morar na Espanha porque a sua filha (é nutricionista na empresa alimentícia Sadia) e o seu neto moram no Brasil³⁴³.

Já o depoimento de Purificación Estevez Perez revelou o desejo de voltar a morar na Espanha porque lá o governo espanhol oferece um padrão de vida melhor , onde há mais respeito e a valorização ao idoso do no governo e na sociedade brasileira. Mas, em um segundo momento esta espanhola deixou claro que só iria se todos da sua família (filhos e netos) conseguissem um bom emprego e uma casa para morarem na Espanha. Percebemos que a decisão de voltar a morar na Espanha, é uma questão que novamente envolve a família dos imigrantes, porque muitos não querem partir e deixar os seus filhos e netos no Brasil.

³⁴² Izolina Casais Lema Casais, entrevista concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o LABIMI/UERJ

³⁴³ Maria del Carmen Barreiro Barros em 08/07/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi no final do século XIX que muitos espanhóis, principalmente da Galiza, oriundos da província de Pontevedra e de A Coruña começaram a chegar em solo brasileiro. A maioria dos imigrantes da Galiza que veio para o Rio de Janeiro era do sexo masculino. A priori muitos estrangeiros vinham sozinhos para fazer fortuna e, logo, voltarem para a sua terra natal. Mas quando resolviam morar definitivamente no Brasil, a maioria dos imigrantes decidiam trazer toda a família, mas também houve casos em que alguns nunca mais entraram em contato com os parentes que ficaram em sua terra natal.

Muitos imigrantes que chegavam eram alfabetizados e o fato de saber ler, escrever e efetuar as quatro propriedades matemáticas favoreceu o seu ingresso no mercado de trabalho. Mas durante a Primeira República do Brasil, a sociedade ora incentivava a imigração e ora rechaçava a sua presença, através de políticas públicas como a lei dos indesejáveis, para controlar a entrada dos imigrantes e também o seu comportamento no Brasil. Mas o que justificava este comportamento ambíguo? A partir do momento que os imigrantes se reuniram em associações para discutir suas ideologias, melhores condições de vida, de salário e de trabalho, a imagem do estrangeiro passou a ser vista negativamente.

É notório que o quadro geral mencionado favoreceu a organização do movimento operário brasileiro e o início de um período de muitos conflitos. Como muitos líderes do movimento operário eram imigrantes, o governo brasileiro rapidamente criou estratégias para controlá-los. As manifestações culturais dos estrangeiros passaram a ser reprimidas pela polícia e, os mesmos eram vigiados dentro e fora do seu ambiente de trabalho. O objetivo de tanta repressão era manter intactos os valores essenciais da ótica capitalista.

Durante a Primeira República, foi estabelecido pelas lideranças políticas novas medidas sobre o espaço público com uma base liberal, mas conservadora. A liderança republicana acreditava que os direitos sociais deveriam ser concedidos paternalisticamente pelos próprios governantes, ao invés de serem conquistados por manifestações ou pressões dos interessados em mudanças. O imigrante que chegava ao Brasil, deveria se enquadrar dentro do projeto nacional, caso contrário não cumpriria o seu papel e nem corresponderia as expectativas do governo.

Assim como aconteceu no primeiro ciclo imigratório, durante o segundo ciclo as redes migratórias mantiveram um papel social bastante estratégico na imigração massiva, influenciando a vida de milhares de imigrantes, aonde iriam morar e aonde iriam trabalhar.

Sabe-se que quantidade de imigrantes foi satisfatória para que muitas associações étnicas fossem criadas para ajudar o imigrante e também tinham como objetivo a preservação cultural.

No capítulo um, foi analisado as causas da imigração espanhola: os fatores de expulsão, os fatores de atração e a influência das cadeias migratórias na inserção sócio-profissional dos recém-chegados. Foi possível identificar que diferente de outros grupos étnicos que se concentravam em uma determinada área, os galegos se espalharam pelas cidades do Rio de Janeiro, conhecemos alguns que foram morar na Ilha do Governador, Engenho de Dentro, Vila da Penha e Olaria. Algumas ruas tornaram-se referência da imigração galega como a Rua do Lavradio e a Rua da Ajuda.

As autoridades do Poder Executivo, criaram a imagem do imigrante considerado imprescindível para o progresso da sociedade brasileira, que seria aquele trabalhador honesto, exemplar e qualificado - o agricultor, o técnico e o operário- que não interferia nas questões políticas da nação. Essa imagem do imigrante desejado pelo governo brasileiro foi amplamente divulgada nos meios de comunicação. Mas aqueles que não se enquadrassem, a Revista de Imigração e Colonização tinha um discurso oficial do governo brasileiro em relação a este estrangeiro pelo processo de desumanização do imigrante: ou era desejável ou indesejável.

No segundo ciclo de imigração massiva, o imigrante desejável era aquele trabalhador qualificado e técnico, porque o Brasil vivia um período de crescimento industrial desde anos de 1950, tanto que o foi denominado “Brasil, um país do futuro”. Então, o imigrante desejável era aquele que oferecia uma mão de obra especializada para trabalhar nas indústrias.

Mas, apesar da intenção do governo brasileiro querer atrair os imigrantes com nível técnico e superior, notamos que muitos que não se encaixavam neste perfil como: lavadores de prato, garçons, lavadeiras, passadeiras, babás, camareiras e pedreiros continuavam chegando ao país. Muitos imigrantes quiseram vir, e para isso, alguns mentiram sobre as profissões nos consulados para ganharem as autorizações. Tanto no primeiro ciclo migratório quanto no segundo, a inserção do imigrante galego foi o comércio.

No capítulo dois verificou-se que os imigrantes se uniram em associações, basicamente esquematizadas com três objetivos: a assistência médica que incluía auxílio com os medicamentos, a assistência social aos sócios e a preservação da cultura através da realização de festas, reuniões, jogos recreativos e bandas de músicas.

Muitas associações buscavam ter suas sedes no centro da cidade do Rio de Janeiro, por acreditarem que eram locais de prestígios. Por isso, a troca de endereços destas associações

tornou-se constante. Sobre o tempo de duração das associações, concluímos que variava bastante, mas estavam mais propensas a prolongarem a sua existência aquelas relacionadas ao elemento étnico e a identidade cultural.

As associações espanholas foram criadas no Rio de Janeiro por diversas finalidades, mas na maioria delas esteve marcada a necessidade de preservação da identidade étnica e da língua espanhola. As associações representam um espaço simbólico na vida do imigrante, porque é neste local que ele pode se identificar como um membro de um grupo que compartilha elementos culturais comuns. Estas são locais aonde os imigrantes reatualizam constantemente a sua cultura, pois enquanto eles estiverem na sociedade de recepção a cultura espanhola passa pelo processo de reconstrução.

Outro fato percebido foi que o principal problema das associações era o de cunho econômico. Muitos espanhóis não podiam participar, porque não tinham recursos financeiros para o pagamento das cotas mensais. E dentre aqueles considerados sócios, o número de inadimplência era alto, o que comprometia o desenvolvimento de projetos das associações. Por isso, muitas associações declararam falência.

Uma outra questão mencionada foi que o espaço físico das associações eram usados para o desenvolvimento das atividades culturais e políticas, como o Centro Galego no Rio de Janeiro que se posicionou politicamente e teve as suas portas fechadas durante a Era Vargas. O objetivo principal das associações é a preservação da identidade étnica e não o êxito econômico.

Uma das associações espanholas que se destacam no Rio de Janeiro é a Casa de Espanha. No dia 06 de maio de 2015, eu fui convidada a participar de um almoço realizado na instituição, no qual participaram aproximadamente 25 espanhóis. Assim que cheguei todos estavam sentados em suas mesas, até o momento que a música *Que viva España*, composta em 1973, interpretada por Manolo Escobar, começou a tocar. Rapidamente, eles ficaram de pé e começaram a dançar, e quando chegava nesta parte: “Que viva Espanã”, eles cantavam em alta voz. Durante o almoço esta música tocou 3 vezes e a empolgação deles era a mesma.

Ao presenciar aquele momento de euforia com que eles cantavam e dançavam, decidi perguntar a alguns espanhóis porque eles ficaram empolgados com a canção. A resposta que eu tive é que aquela música sempre tem que fazer parte do repertório de todos os eventos do CSM, porque eles recordam da sua terra de origem quando a escutam. Por isso, ficam tão animados.

Assim com o eles escolhem as músicas espanholas, o mesmo acontece com a seleção do cardápio do almoço. Neste dia foi servido o cozido espanhol, um prato que eu nunca tinha

experimentado e que a senhora Purificación Estevez e Manuela Lorenzo fizeram questão de me explicar, porque diferente do cozido brasileiro, o espanhol leva feijão branco, carne de porco e frango.

A sobremesa oferecida foi *leche frita*, que a primeira vista eu pensei que fosse uma *rabanada*, por causa da aparência. Mas na verdade é um creme a base de leite, que é preparado e colocado na geladeira por algumas horas para pegar consistência e, depois é frito e salpicado um pouco de canela por cima do doce. Muitas galegas me informaram que esta sobremesa dá muito trabalho para fazer, por isso ela preferem ir à Casa de Espanha para saborear este maravilhoso doce espanhol.

Este almoço realizado na Casa de Espanha do Rio de Janeiro, possibilitou uma aproximação com alguns galegos. É importante destacar que no início houve uma pequena resistência, porque muitos não queriam realizar as entrevistas por diversos motivos: não querer falar do passado, pensar que a sua história de vida era igual a de todos imigrantes, portanto não tinha nada a relatar e também por desconfiança, porque quem desejava entrevistá-los era uma pessoa desconhecida que estava freqüentando o clube a apenas três meses. Mas, neste evento foi possível conversar informalmente com alguns deles, que posteriormente, concordaram e nos deram a entrevista.

E dentro desta associação espanhola funciona o projeto *Centro Social de Mayores*, onde foi possível conhecer, mesmo que de maneira sucinta, uma breve história daqueles espanhóis que vivenciaram a segunda imigração de massas e, que relataram um pouco das suas histórias de vidas: as dificuldades, as perdas, as conquistas, os medos e os sonhos que tiveram ao longo de muitos anos. Foi no CSM, através das entrevistas realizadas que foi possível identificar a problemática das fronteiras que são vivenciadas por estes imigrantes do segundo ciclo imigratório.

A importância da Casa de Espanha é que esta é uma das associações que auxiliam na formação de uma comunidade espanhola sólida, e através dos discursos étnicos que enfatizavam o patriotismo e o sentimento de identidade, foi possível visualizar algumas das suas manifestações culturais como a *Hispanidad* dentro da cidade do Rio de Janeiro.

Estando algumas vezes na Casa de Espanha do Rio de Janeiro foi possível verificar algumas como é importante a existência destas associações étnicas, seja como um instrumento de preservação cultural, um local recreativo ou de auxílio para os espanhóis que estão longe de seu país. Foi possível verificar que assim como acontece em outras associações étnicas, a Casa de Espanha também teve que passar pelo processo de reconstrução da cultura espanhola,

uma vez que acaba sofrendo interferências da cultura presente na sociedade de destino, neste caso a brasileira.

No terceiro capítulo, foi analisado os impactos da Guerra Civil espanhola tanto na Espanha quanto na vida do imigrante que estivesse no Brasil. Através de alguns relatos, alguns galegos contaram as suas experiências de vida e a de seus familiares durante a guerra civil espanhola, muitos deles vieram para o Brasil durante o conflito. E foi durante as entrevistas que muitos lembraram de fatos que marcaram as suas vidas como o racionamento de alimento, as dificuldades que a família sofreu na época e a perda de entes queridos por causa do franquismo.

Uma outra questão pode ser verificada no que se refere aos impactos da Guerra Civil espanhola, o fato de que muitos imigrantes que estavam na América passaram a enviar uma ajuda para a Espanha, como foi o caso do empresário Camilo Cuquejo que em 1943, era dono de bares, restaurantes e do Café Colombo na cidade do Rio de Janeiro.

Vimos também que algumas associações foram criadas com a intenção de restabelecer a ordem republicana na Espanha, e que estas instituições enviavam medicamentos, alimentos e roupas. E que no Brasil durante o Estado Novo, as associações étnicas que defendessem a causa republicana não eram vistas com bons olhos pelo governo brasileiro. Embora o imigrante tenha decidido imigrar, ele sempre ficará dividido entre os dois mundos: o país de origem e o de recepção.

Entendemos que o imigrante abre mão de algum elemento de sua cultura para manter outros, ou seja, ele sofre interferência externa e termina mudando o seu jeito de ser e a sua vida. Mas ele sempre busca manter as suas raízes culturais, tanto que muitos se preocupam em passar elementos da cultura espanhola para os seus filhos como: a língua, a gastronomia, a música e a dança. Mas verificamos que dos elementos citados, o que mais predominou nos lares dos imigrantes entrevistados foi a preservação da alimentação como os pratos típicos da Espanha a tortilla, a empanada, o cozido e etc.

Outro aspecto retratado foi a trajetória dos descendentes dos imigrantes espanhóis do segundo ciclo migratório. Verificou-se que a maioria dos pais eram trabalhadores sem especialização técnica ou nível superior, e que muitos deles se preocuparam com o futuro dos seus filhos. Por isso, muito imigrantes espanhóis motivaram os seus filhos a chegarem às universidades públicas do Rio de Janeiro. Até mesmo aqueles que não tiveram filhos, buscaram apoiar os afilhados e sentiam-se felizes e realizados quando os cursos eram concluídos. Muitos alcançaram tal êxito.

Outra questão envolvendo os descendentes foi a que muitos imigrantes do segundo ciclo imigratório afirmaram que só voltariam a morar na Espanha se pudessem levar consigo os seus filhos e netos. Caso contrário, eles preferem permanecer no Brasil, para estarem próximos da família.

Infere-se que identificar a presença galega no Rio de Janeiro não foi uma tarefa fácil, mas esta ao ser iniciada em um espaço territorial determinado e ocupado pelos imigrantes, seja uma associação étnica ou uma sociedade microterritorial, pode ser o primeiro passo para a pesquisa.

Verificou-se nas associações, através dos relatos individuais, que a história de muitos imigrantes do segundo ciclo imigratório apresentavam pontos semelhantes como o fato da maioria ter uma origem rural, muitos moravam no interior e eram acostumados a viver no campo e quando imigraram para o Brasil, tiveram uma pequena dificuldade de morar e trabalhar na área urbana. Mas, a maioria conseguiu se adaptar as novas mudanças quando chegaram ao Rio de Janeiro e construíram uma nova vida aqui no Brasil.

O que entendemos é que muitos imigrantes relembram de momentos importantes do seu passado seja através da música, da gastronomia ou da associação espanhola. E a memória tem a função de manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum. Desta forma eles fazem a sua reconstrução, que muitas vezes confrontam com outras memórias sociais. Foi válido conhecer a história destes espanhóis, porque ela é uma história que foi vivida e sentida por um grupo que veio para o Brasil buscando uma vida melhor para si e sua família. E eles acabaram deixando a sua contribuição na construção da história do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Blanca Sánchez. *Las causas de la emigración española 1880- 1930*. Alianza, Editorial,1995
- AMANTE, Maria de Fátima. *Identidade Nacional. Entre o discurso e a prática*.1ª edição. Porto: Fronteira dos Caos Editores. Cepese, 2011
- AZEVEDO, André Nunes. *A reforma de Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana*. In: Revista Rio de Janeiro. RJ, n.10, p.39-79. Maio / Agosto 2003
- BAILY, Samuel S. *La cadena migratoria de los italianos en la Argentina*. In : DEVOTO. Fernando. *La inmigración italiana en la Argentina* .Buenos Aires, Biblos,1985
- BARBOSA, Agnaldo de Souza. *Empresário Fabril e Desenvolvimento Econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca: 1920- 1990)*. Tese de Doutorado,Araraquara, UNESP,2004
- BARROS, José D´Assunção. *O projeto de pesquisa em história. Da escolha do tema ao quadro teórico*.6ª ed. RJ: Vozes,2010
- BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. *Migrantes no Brasil da segunda metade do século XIX*. NEPO/Unicamp. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/todos/hist1_4.pdf
- BIANCO, Juan Andrés; DACOSTA, Arsenio. *El Asociacionismo de la emigración española en el exterior: significación y vinculaciones*. Madrid:Sílex Ediciones Universidad, 2014
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. SP:Abril Cultural, 1980
- BERLAMINO,Camila Almeida.*Diálogos para construir uma nação:continuidades da questão nacional no pensamento social brasileiro nas páginas da Revista de Imigração e Colonização*. Tese de Mestrado em História:UNIRIO,2012
- BIHR,Alain. *Os desafios atuais do movimento operário*. Lutas Sociais 7. NEILS PUC-SP. Edições Pulsar. 1º semestre,2001
- BOTELLA, Cristóbal de. *El problema de la emigración*. Madrid,1888.Disponível em www.bibliotecadigital.jcyl.es/i18n/catalogo_imagenes/grupo.cmd?path=10074549 Acessado em 26 de julho de 2015
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História*. Editora Brasiliense,1981
- CAMARGO, Aspásia. *História oral e política*.IN: FERREIRA, M. de M (Org). *História Oral e multidisciplinaridade*.RJ:CPDOC/FINEP, 1994

- CAMPOS, Gustavo Barreto de. *Dois séculos de imigração no Brasil: A construção da imagem e papel social dos estrangeiros na imprensa entre 1808 e 2015*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2015
- CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade Urbana (1890-1922)*. SP: EDUSP/FAPESP, 2000
- CÁNOVAS, Marília D. Klaumann. *Imigrantes espanhóis na cafeicultura paulista, 1880-1930: protagonistas ou coadjuvantes*. Universidade de São Paulo. In: História Hoje: Revista Eletrônica de História. ANPUH, volume 2, n.06, Março de 2005, p. 2-16 Disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol2n6/vol2n6.html> .Acessado em 26/04/2014
- CÁNOVAS, A. del Castillo, *De cómo yo He venido a er doctrinariamente proteccionista, em problemas contemporâneos*. Tomo III, Madrid, 1890
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *Imigrantes libaneses no Brasil: A representação literária do choque entre culturas*. In: Oliveira, Paulo César; CARREIRA, Shirley de Souza Gomes (Orgs). *Memória e Identidade: Ensaios*. RJ: Edições Galo Branco, 2011
- CARVALHO, José Murilo de .*Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. RJ: Companhia das Letras, 1987
- CASTANHEIRA, Erika Chermont. *Os imigrantes na grande imprensa: aspectos da imigração sírio-libanesa para o Rio de Janeiro (1890-1929)*. Dissertação de Mestrado. UNIVERSO. Niterói, 2015
- CINTRA, Rosana Aparecida. *Uma família italiana e sua marca no tempo*. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Franca: Unesp, 1998
- _____. *Italianos em Ribeirão Preto: Vinda e Vida de Imigrante (1890- 1900)*. Tese de Mestrado em História. Franca:FHDSS, Unesp, 2001
- CONER, Dolores Matin Rodriguez. *Da fome à gastronomia: Os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)*. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP, 2011
- CORTÁZAR, Fernando García; VESGA, José Manuel González. *Historia de España: Breve Historia de España*. Alianza Editorial, Madrid, 1993
- COSTA, Isabel Jovita Rodrigues da. *Ombro a ombro: ferroviários e camponeses na luta por direitos em Cachoeira de Macacu (1954-1964)*. Tese de Mestrado em História. UFF, 2015
- COUTINHO, David Barreto. *Políticas imigratórias e as instituições burocráticas no governo Vargas (1930-1945)*. Tese de Mestrado em História. UERJ, 2015
- CRISTÓFORIS, Nadia Andrea de. *A recreación dos vínculos coa terra de orixe: o caso dos emigrantes de Vedra en Bos Aires*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, Núms. 1 e 2 (2011), p.14-37

- DEAN, Waren. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo:Edusp,1971
- DEMNICIS,Rafael Borges; FILHO, Daniel Aarão Reis. *A história do Anarquismo no Brasil*. Volume I. Niterói:RJ:Mauad X, 2006
- DEVOTO, Fernando. *Historia de la Inmigración em La Argentina*. 1ªedição, Buenos Aires:Editorial Sudamericana, 2003
- DUARTE, Nestor. *A ordem privada e a organização política nacional*. São Paulo :Cia Editora Nacional, 1939.
- FARIAS, Ruy. *Emigración e integración económica. A inserción socioprofesional dos galegos en Arxentina: o caso de Avellaneda e Lanús, 1939-1960* In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p.145-172
- FARIAS,Ruy; SARMIENTO, Érica. *Novas miradas a unha vella temática: migracións rexionais españolas e portuguesas cara a América Latina*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, Núms. 1 e 2 ,2011, p.7-14
- FAUSTO, Boris. *Imigração e Participação política na Primeira República*.In: Seminário Temático, *Os imigrantes e a política no Brasil*. MG, Caxambu : XVII Encontro Anual da ANPOCS, 22-25 de outubro de 1993.
- FAUSTO, Boris (Org). *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2ª Edição, 2000
- _____. *A vida Política*. GOMES, Angela de Castro (Coord). *Olhando para Dentro 1930-1964*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Direção).*História do Brasil Nação:1808-2010*. Volume 4. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre e Objetiva em coedição, 2013
- _____.*O Estado Novo no contexto internacional* In: PANDOLFI, Dulce (org.). “*Repensando o Estado Novo*”.RJ:Editora FGV, 1999
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Organizadores).*O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*.RJ: Civilização Brasileira, 2003
- FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org). *A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007
- FURET, François. *A Oficina da História*.Lisboa: Gradiva, 1991
- GIANNOTTI, Vito. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*.RJ: NPC-Mauad X, 3ª edição,2009
- GIMÉNEZ, Esther Gambi. *La emigración Castellano-Leonesa a Brasil, 1946-1962*. 1ª edición.Salamanca:Ediciones Universidad de Salamanca, 2012

- GOMES, Angela de Castro (Coord). *Olhando para Dentro 1930-1964*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Direção). *História do Brasil Nação:1808-2010*. Volume 4. Rio de Janeiro: Fundação Mapfre e Objetiva em coedição, 2013
- GOMES, Angela de Castro. *A pequena Itália de Niterói: uma cidade, muitas famílias*. In; GOMES, Angela de Castro. *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- GONZÁLEZ, Maria Concepción Santiso. *Emigración vasca entre 1840 y 1870.Pautas de análisis acerca Del êxito Vasco em América: cadenas familiares, primeras letras y otras consideraciones*. Boletín de La Asociación de Demografía Histórica, XI,I, 1993, p.83-105
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. SP: Cia das Letras, 2003
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*.SP: Unicamp,2003
- LEAL, J. Açores, *Estados Unidos da América, Brasil: Imigração e etnicidade*. Governo dos Açores. Direção Regional da Cultura, Nova Gráfica Ltda, 2007
- Lojo. Maria Rosa. *Los gallegos em la literatura argentina: autobiografía y memorias*. In: FARIAS, Ruy (Org). *Buenos Aires gallega, inmigración, pasado y presente*. Buenos Aires:CCPPHC, 2007
- MARTÍNEZ, Elda Gonzalez.*La Inmigración esperada: la política migratória brasileña desde João VI hasta Getúlio Vargas*.Biblioteca de História de América:28. Consejo Superior de Investigaciones (CSIC), Madrid, 2003
- MARTINS, Ismênia de Lim; HECKER, Alexandre (Orgs). *E/Imigrações: histórias, culturas, trajetórias*. SP:Expressão e Arte Editora, 2010
- MATEOS, Natalia Ribas.*Una invitación a la sociologia de las migraciones*. Barcelona, Edicions Bellaterra,2004
- MATOS, Maria Izilda Santos. *Entre suspeitos, perseguidos e expulsos: São Paulo 1934-1940*. In: VIANNA, Marly de Almeida; SARMIENTO, Érica; GONÇALVEZ, Leandro(Orgs).*Presos políticos e perseguidos na Era Vargas*.1ª Ed.RJ:Mauad X:Faperj, 2014
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Inmigración:achegas sobre a historia entre bastidores:portugueses e espanhóis como estudo de caso (Rio de Xaneiro, 1890-1930)*.In:Estudos Migratorios. Revista Galega de Analise das Migracións, vol IV, números 1 e 2, 2011, p.125-144
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, Crime e Expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. RJ: EDUERJ, 1996
- MORNEM, Magnus. *Aventureros y proletários. Los emigrantes em Hispanoamerica*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992

- MOURA, Fernando Carlos. *A construção da identidade da comunidade portuguesa de Escobar (Arxentina) e a súa relación cos medios de comunicación social*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, Núms. 1 e 2 2011, p.59-84
- NORA,Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. SP:educ,1993
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé. *Otras Miradas a la historia de la emigración gallega:sobre cartas, memorias y fotos*. In: Estudios Migratorios Latinoamericanos. Ano 19, nº58, 2005, p.483-503
- NUNEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Liderazgo étnico em comunidades emigrantes: algumas reflexiones*". In: ALBORNOZ, Nicolás Sánchez;LEORDÉN, Moisés (Comp.) *Migraciones iberoamericanas.Reflexiones sobre economia, política y sociedad*. Asturias, Fundación Archivo de Indianos, Columbres, 2003
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manuel. *Las remesas invisibles. Algunas notas sobre la influencia socio-política de la emigración transoceánica em Galicia (1890-1930)* . In: Estudios Migratorios Latinoamericanos, nº27,1994,p.301-346
- NUNEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Las pátrias ausentes.Estudios sobre historia y memoria de las migraciones ibéricas (1830-1960)*. Genuève. Ediciones, 2014
- OLIVEIRA, Carla Mary S. *O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico*. In : Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, nº 3, 2009,p. 149-168
- PÁJARO PERES, Elena. *A inexistência da terra firme. A emigração galega em São Paulo 1946-1964*. São Paulo, EDUSP, 2003
- POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº3, 1989, p.3-13
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: FFLCH, Centro de Estudos Rurais e Urbanos- CERU, 1983
- RAMOS,Arthur. *As culturas européias.Introdução à Antropologia Brasileira*.Volume 4. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante Brasil,1973
- RAMOS, Jair de Souza. *O poder de domar do fraco*. Rio de Janeiro:EDUFF, 2006
- SAMIS, Alexandre.*Pavilhão negro sobre Pátria Oliva:Sindicalismo e Anarquismo no Brasil*. In: COLOMBO, Eduardo etall. *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo, Imaginário, São Caetano do Sul: IMES, 2004
- SANTOS, William Kauan. *Socialistas muito além do partido: classe, nação e o movimento operário na Primeira República em São Paulo por Luigi Biondi*. Revista Eletrônica Discente História . com, Universidade Federal Recôncavo Baiano,Vol 2, nº6, p. 134-139, 2014

- SANTOS, Jonas Rafael dos. *Imigração e Ascensão Social em Ribeirão Preto entre o final do século XIX e meados do XX*. Unesp- Franca. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_797.pdf
- SARMIENTO, Érica. *As parroquias cariocas: vivenda e traballo dos galegos nas parroquias centrais de Río de Xaneiro (final do século xix e século xx)*. In: Estudos Migratorios. Revista Galega de Análise das Migracións Nova xeira, Vol. IV, Núms. 1 e 2, 2011, p. 105- 124. ISSN 1889-9609
- SARMIENTO, Érica; FARIAS, Ruy (Orgs). *Novos olhares sobre a imigração Ibérica em América Latina (séculos XIX E XX)*. Volume 2. Niterói:Universo, 2011
- _____. *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, 2006
- _____. *Greves, dinamites e boicotes:galegos anarquistas no Rio de Janeiro*. Revista Maracanan, RJ, nº6, 2010,p.75-95
- _____. *A presença dos espanhóis no Rio de Janeiro:história e cultura na sociedade carioca*. In: Oliveira,Paulo César;CARREIRA,Shirley de Souza Gomes (Orgs). *Memória e Identidade: Ensaios*.RJ: Edições Galo Branco,2011
- _____. *Um passeio pelas ruas do Rio Antigo: os pioneiros galegos, a Rua da Ajuda e o mercado ambulante*. In: Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Nº3,2009,p.95-108
- _____. *Imigração galega no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1890-1930). Breve estudo comparativo do imaginário e do associativismo étnico*. In: Latinidade: Revista do Núcleo de Estudos das Américas. RJ, 2013,p.31-42 Issn:19835086
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord). *Abertura para o Mundo 1889-1930*. Editora Objetiva, Fundación Mapfre, 2012
- _____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930*, SP:Companhia das Letras, 1993
- SEYFERTH, Giralda. *Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização*. In.: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura dos (orgs.), *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996
- SKIDMORE, Thomas *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976
- SOUZA, Ismara Izepe de. *Solidariedade Internacional. A comunidade espanhola do estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)*.SP: Associação Ediatorial Humanitas, Fapesp, 2005
- Truzzi, Oswaldo. *Redes em processos migratórios*.Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, volume 20,n.1. Junho de 2008, p.199-218

VASCO, Neno. *Origens e primórdios de atividade*. In: LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo, roteiro de libertação social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1953

VICENTE, María José Fernández. *La política migratoria del Franquismo hacia América Latina*. In: SARMIENTO, Érica e FARIÁS, Ruy (Orgs). *Novos olhares sobre a imigração ibérica em América Latina (séculos XIX e XX)*. Vol.1. RJ : Universo, 2011

VILLAR, Pierre. *Crecimiento y desarrollo*. Barcelona: Ariel, 1976

FONTES

Arquivo Nacional

Prontuários do Serviço de Registro de Estrangeiro- Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras do Rio de Janeiro, os fichários de nº 177 até 216, sob a responsabilidade da Coordenação de Documentos Escritos (CODES).

Prontuários do Serviço de Registro de Estrangeiro: Adolpho de Barros, nº do processo 10125.

Processo de Expulsão-Ministério da Justiça, Série Expulsão IJJ, período:1907-1930- Antônio Prieto.

Fontes Digitais

Brasil. Constituição da República de 24 de fevereiro de 1891.

Lei nº 173, de 10 de setembro de 1893- Determina a obtenção de personalidade jurídica por parte das associações. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-173-10-setembro-1893-540973-publicacaooriginal-42519-pl.html> . Acessado em 20/09/2016

Lei 673, de 1899- Diretrizes para a política das passagens subsidiadas pelo Estado. Disponível em: <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=18990917&Caderno=DO&NumeroPagina=2247> Acessado em 17/03/2016

Decreto nº 4775, de 16 de fevereiro de 1903. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-4775-16-fevereiro-1903-517698-publicacaooriginal-1-pe.html> . Acessado em 20/09/2016

Decreto Lei nº 6.455, de 19 de Abril de 1907 - Diretrizes para o povoamento do solo brasileiro. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-6455-19-abril-1907-502417publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 17/03/2016

Decreto Lei nº 19.482, de 12 de Dezembro de 1930 - Limita a entrada de estrangeiros em território brasileiro. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>. Acessado em 17/03/2016

Lei nº 38, de 4 de Abril de 1935- Define crimes contra a ordem política e social. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-38-4-abril-1935-397878-republicacao-77367-pl.html>. Acessado em 18/03/2016

Decreto Lei nº 1.532- Assuntos sobre a imigração foram subordinadas ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/> Acessado em 18/03/2016

Decreto Lei nº 1.641, de 07 de janeiro de 1907. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1641-7-janeiro-1907-582166-publicacaooriginal-104906-.html>. Acessado em 18/03/2016

Decreto nº 2.407, de 18 de janeiro de 1991. Concessão de estímulos às associações para construção de habitações para o proletariado.

Decreto Lei nº 406, de 04 de maio de 1938. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html> . Acessado em 18/03/2016

Decreto Lei 1545, de 25 de agosto de 1939 . Proibição da concentração de imigrantes de uma mesma nacionalidade em uma só região ou estado brasileiro. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1545-25-agosto-1939-411654-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 18/03/2016

Lei nº 3.071, de 01 de janeiro de 1916. Reconhecia as associações de utilidade pública.

Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 22/12/2016

Decreto Lei nº 3.691, de 06 de fevereiro de 1939. Disponível em <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=11996>. Acessado em 20/09/2016

Casa de Espanha do Rio de Janeiro site oficial : <http://www.casadeespanha.com.br>

Periódico

O Paíz. Rio de Janeiro, 30 de março de 1901. Disponível em : <http://www.bn.br> . Acessado em 19/08/2016

O Paíz. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1920. Disponível em : <http://www.bn.br> . Acessado em 19/08/2016

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1920. Disponível em <http://www.bn.br>. Acessado em 19/08/2016

Fontes diversas:

Fichas de Cadastros do Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro.

Entrevistas

Alicia Ocampo Fernandez em 28/01/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de

Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ana Maria Perez Quintela Couceiro, concedida em 04/2/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

Angelo David Torres Garcia, concedida em 01/04/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

Concepción Estevez Vasquez, concedida em 21/01/2015, à Érica Sarmiento e a Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

Izolina Casais Lema Casais, entrevista concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

Joaquim Sanches Pacheco concedida em 10/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

José Martinez Amado em 08/07/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

Manuela Lorenzo Losada em 04/02/2015, 1ª entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

Manuela Lorenzo Losada em 11/03/2015, 2ª entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o Laboratório de Imigração LABIMI/UERJ.

Maria del Carmen Barreiro Barros em 08/07/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o Laboratório de Estudos de Imigração LABIMI/UERJ.

Maria del Carmen Bua da Costa em 29/04/2015, em 08/07/2015, entrevista concedida à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ

Maria del Carmen Pastoriza Brandariz, concedida em 29/04/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

Purificación Estevez Perez, concedida em 28/01/2015, concedida à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

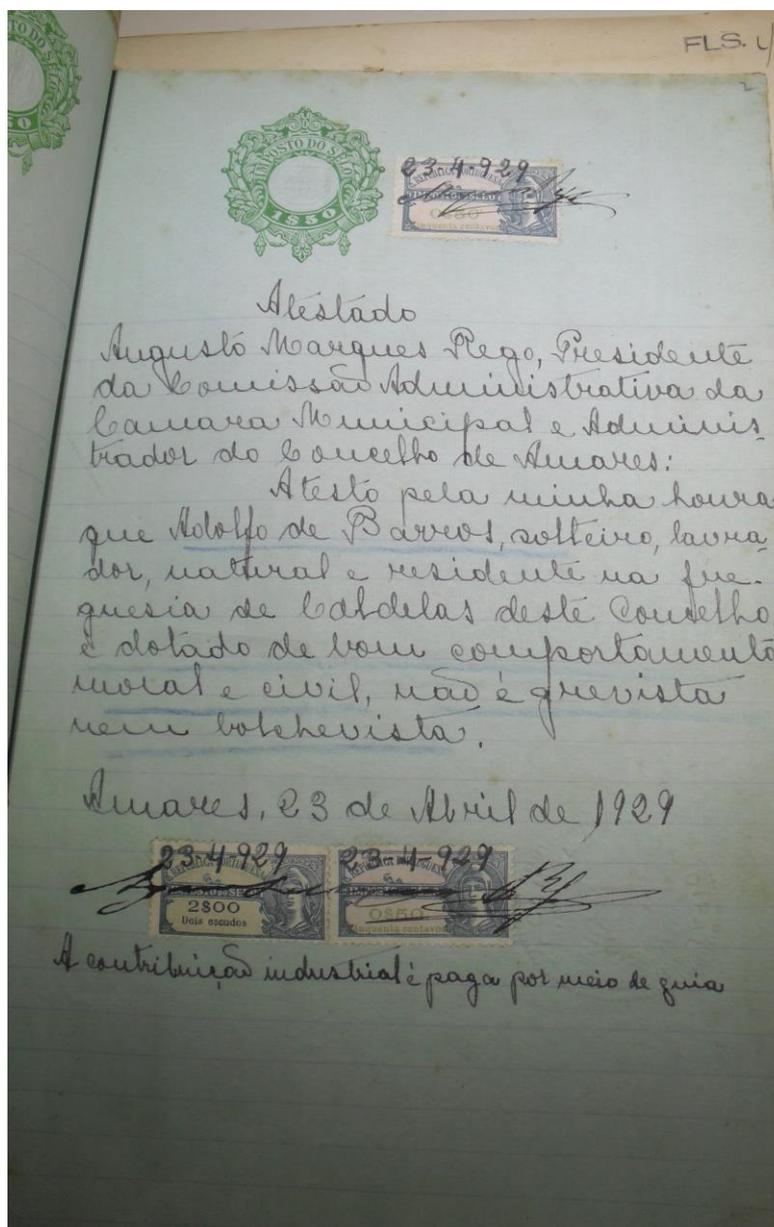
Rosa Abal de Allo, entrevista concedida em 29/04/2015, à Miriam Barros Dias da Silva e Washington Luiz Pereira no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ.

Otilia Gonzalez Martinez, entrevista concedida em 03/06/2015, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro, para o LABIMI/UERJ.

Vera Lucia dos S.Garcia, entrevista concedida em 27/07/2016, à Miriam Barros Dias da Silva no Centro Social de Mayores da Casa de Espanha do Rio de Janeiro para o LABIMI/UERJ.

ANEXOS

ANEXO 1: Carta de apresentação do imigrante português Adolpho de Barros.



Fonte: Arquivo Nacional Arquivo do Rio de Janeiro- Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras do Rio de Janeiro, nº do processo 10125.

ANEXO 2: Solicitação do Registro de Estrangeiro de Adolpho de Barros.

111 FLS. 2

Sr. Delegado de Ordem Política e Social do Estado do Rio de Janeiro
 Chefe do Serviço de Registro de Estrangeiros

MARTINHO 1ª VIA

Nome Adolpho de Barros

natura de Portugal nascido a 4 de Julho de 1907

de nacionalidade Portuguesa estado civil Solteiro

Filho de João de Barros

e de Dona Maria da Conceição Barros

profissão lavrador - proprietário PROPRIETÁRIO

na rua Men de Sá nº 143 (empregado ou proprietário)

com sede em Niterói

e residente à rua Men de Sá nº 143

vem requerer a V. S. o seu registro nesse serviço de acôrdo com o regulamento aprovado pelo decreto 3.010 de 20 de Agosto de 1938, prestando as declarações que abaixo se têm, na forma do questionario apresentado, absoluta expressão da verdade e pelas quais responderá em qualquer tempo:

(1) Chegou ao Brasil pela primeira vez, antes ou depois de 1º de Janeiro de 1935? Antes.

(2) Pôde precisar o ano? 1929 (3) O mês? Junho (4) O dia? 4

(5) O nome da embarcação? "General Mitri"

(6) O porto do desembarque? Rio de Janeiro

(7) Retirou-se do país, depois da sua primeira entrada? Não

(8) Em caso afirmativo, indicar as datas de saída e regresso e porto do desembarque no Brasil --

(9) Tem provas dessas alegações? -- Em caso afirmativo, junte-as.

(10) Está no país incluído em alguma das seguintes categorias: turista, visitante, em transito, representante de firma comercial, viagem de negocios, artista, conferencista, desportista, ou congênere? Não

Cumpridas assim as exigencias, pede deferimento

Adolpho
 Niterói, 18 de Dezembro de 1940
 Adolpho de Barros

Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro- Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras do Rio de Janeiro, nº do processo 10125.